

REVISTA DA M



CR. 50
EM TODO
O BRASIL



Saúde hoje... felicidade amanhã



O DESENVOLVIMENTO DA SAÚDE PÚBLICA NAS AMÉRICAS

Uma Mensagem de E. R. Squibb & Sons

Deficiência Vitamínica

ALIMENTO! Alimento para o corpo, transformado maravilhosamente pelo complexo mecanismo humano em energia! Ainda assim, o organismo do homem é muitas vezes prejudicado gravemente, não somente pelo *que* ele come, mas, também pelo *que* ele deixa de comer. Os indivíduos são diferentes e o que serve como dieta equilibrada para um talvez não *forneça* *tôdas* as vitaminas e minerais de que outro precisa.

Há muitos anos que a medicina se vem preocupando com os problemas da alimentação e da sua assimilação, tendo sido ressuscitados fatos vitais. Tais fatos, em forma simplificada, estão sendo agora trazidos ao conhe-

cimento dos povos das Repúblicas das Américas numa escala nunca antes tentada... parte das novas e extensivas campanhas de movimento estipendiadas pelos respectivos governos em prol de melhor saúde.

E. R. Squibb & Sons ocupam uma posição de relêvo entre os fabricantes de produtos vitamínicos. Preparados de acôrdo com os últimos padrões científicos, examinados cuidadosamente, a grande série de produtos Squibb habilita o médico a completar devidamente a dieta de pessoas que disso necessitem, para aumentar os valores nutritivos e corrigir deficiências de vitaminas e minerais conforme a natureza exige.

A Casa Squibb tem dedicado seus recursos à causa de melhor saúde para tôda a humanidade. Fabricando uma grande variedade de produtos medicinais para o hospital e para o lar, ela observa rigorosamente os princípios do seu fundador, o qual exigia que cada produto que ostentasse o Selo Squibb devia ser tão puro, uniforme e eficaz quanto o pudessem fazer a ciência e a habilidade humanas.



SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

E·R·SQUIBB & SONS. NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858



MARQUES REBÊLO

ESCREVEU

OUTRO JANEIRO

COM as suas árvores de Natal vergando ao peso de enfeites e brinquedos, com os seus presepes, suas rabanadas, suas castanhas, nozes e confeitos, com os seus sapatos pequeninos à espera do barbudo Papai Noel — Dezembro nos traz um encanto secreto de evocação, misturado com a certeza, entre amarga e melancólica, de que estamos ficando cada vez mais distantes da quadra, sempre e sempre lembrada, das travessuras.

Janeiro é diferente: nos traz, como um tônico vital e imprescindível, o gosto pela ilusão.

Sempre que chega um novo Janeiro, com as suas manhãs mornas, com o seu sol inclemente, com os seus grandes dias azuis e as suas noites de estrelas, a alma da gente toma um jeito de botão inocente e se abre como uma flor às mais risonhas perspectivas.

Com tranquila e segura confiança passa-se uma esponja no passado e diz-se — vamos a uma nova vida. Sim, em Janeiro a vida tem uma graça de coisa nova! Parece perfeita, fácil aos nossos desejos, deslumbrante, e está aberta à nossa frente. — Vamos a uma vida nova! E assim dizendo fortalece-nos, além de tudo, a convicção de que a experiência dos anos já vencidos nos tornará mais lúcidos e mais hábeis, não nos deixará errar tanto... — Vamos a uma nova vida! Que de glória, fortuna, fama e amor vemos cheios os meses que virão. Fadas boas estão à nossa espera com as varinhas prontas para os toques mágicos. E toca-se a roda da imaginação acelerada, em planos e mais planos. Modestos são os de uns, grandiosos os de outros, prosaicos os da maioria, mas todos impregnados da mesma côr otimística.

Vamos ser isto! Vamos fazer aquilo! Vamos vencer, gozar, amar! — tais são as malhas do frágil tecido. Frágil de mais!

Nada, ou quase nada, acontece de tudo o que se sonhou. Mas que importa? Que importa? Poderia acontecer. Acontecerá, talvez, um dia. Por que não? A imaginação é eterna, incansável, paciente fiandeira — espera por um outro Janeiro em que novamente tecerá seu filó de esperanças. Fiandeira só, não. Elixir também. Elixir da nossa vida de tão poucos Janeiros.

Eloi Pontes e o Ano Literário

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E A LITERATURA DE ELOI PONTES — OS ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS, DIZ ELOI PONTES, NÃO TEEM PROIBIDADE — LITERATOS E SOLTEIRONAS — ALGUNS ELOGIOS E MUITAS DESCOMPOSTURAS — BOAS E MÁS TRADUÇÕES — “FIZ JUSTIÇA A TODOS OS CONTEMPORÂNEOS”, EXCLAMA O CRÍTICO

Roberto Lyra Filho

Antigamente a crítica literária vinha nos folhetins de fim de semana. Mas a imprensa começou a ter consciência da importância da crítica e esta passou a figurar sozinha, em lugar de honra, semanalmente. A maioria dos críticos continuam a escrever hebdomadariamente. Eloi Pontes, não. Eloi Pontes assina um folhetim diário.

— Sou persistente, diz, com ar sério, ao reporter.

E não fica por aí. Os artigos de Eloi Pontes, além de quotidianos, são lidos e teem influência na opinião do público. E' o próprio crítico literário de “O Globo” quem nos informa ou, melhor, quem nos manda pedir informações:

— Perguntem na Companhia Editora Nacional ao sr... (o reporter não reteve o nome). Perguntem a êle o que acontece quando sai um artigo de Eloi Pontes sobre um livro qualquer.

O fenómeno das colunas diárias não deixa de preocupar o reporter, que já se habituou a ouvir dizer que os artigos de crítica literária, como

Esta expressão fisionômica do ensaísta bem reflete as suas preocupações e o esforço mental que a sua atividade exige.



as sentenças, devem ser escritos com vagar. Montesquieu queria a justiça demorada para ser boa. Como, então, Eloi Pontes concilia as funções no D. I. P., que lhe ocupam quase todo o dia, com as de juiz de obras literárias?

— Muito simples, diz o autor da “Vida de Olavo Bilac”. Acordo às seis horas. Às sete sento-me à mesa e às oito tenho pronto o artigo.

— Não é isso? — diz, pedindo confirmação ao filho, um rapaz de maneiras vivas e modernas que, sentado do outro lado da sala, ouve a explicação do pai.

Vejamos, porém, o que escreve, nessa hora matinal, o ilustre crítico sobre a literatura brasileira, especialmente a produção deste ano, a que mais nos interessa no momento.

— O ano literário?

— Sim, senhor. Publicámos “O Ano Musical”, “O Ano Teatral”... Queremos, agora, o Ano Literário.

— Mas, assim, de pronto...

— Bastam-nos impressões de conjunto; compreendemos perfeitamente que, assim, desprevenido...

O reporter fôra infeliz na escolha da palavra.

— Desprevenido? Ah, isso não. Meu amigo, se você me perguntar uma coisa que eu não souber, eu lhe digo francamente que não sei. Estudei muito e...

Depois de pequena pausa, mostra-se de acôrdo com Sócrates:

— Quanto mais estudo mais me convenço da minha ignorância...

Eloi Pontes esboça outra evasiva:

— Mas... Olhe, ainda hoje eu estive escrevendo uma crônica sobre o ano literário e...

— Ótimo! Então o senhor deve estar morando no assunto.

Outra evasiva.

— Diga-nos: qual a sua impressão do ano literário?

Eloi Pontes gesticulou antes de falar. Suas mãos exprimiram, energeticamente, desaprovação. Mais do que desaprovação. O procedimento dos escritores, a seu ver severo de magistrado da literatura, tinha sido lamentavelmente mau. Deplorável. O magistrado não teve piedade dos réus ausentes:

— Inquieta-me a atitude dêsses moços. Não é falta de talento que existe, mas de probidade. E até conseguiram arrastar nesse movimento algumas glórias obscuras...

— Por exemplo?

Eloi Pontes não cita o nome, alegando não buscar desavenças, mas descreve o caso:

— São solteironas êsses autores alistados pelos jovens sem probidade. São homens que jamais tiveram notoriedade, como uma solteirona nunca teve... Bem... ao primeiro piscar de olhos alvoroçam-se.

Diante disso, o reporter irreverente sugere que o sr. Eloi Pontes pisque, também, o olho para essas anônimas. Eloi Pontes ri. Aproveitamos a disposição para fazê-lo falar de si. Ele está escrevendo três livros, um sobre Renan, outro sobre Anatole France e um terceiro sobre Taine. Prepara, ainda, um estudo comparativo sobre Lutero e S. Tomás de Aquino, e aguarda de São Paulo, já impresso, um estudo sobre Balzac.

— Eu vou fazendo, sabe? Faço projetos, muitos projetos, e acabo realizando, compreende?



Eloi Pontes, o maior biógrafo do Brasil, em sua mesa de trabalho.

O reporter afirma que compreende perfeitamente.

— Estou escrevendo três romances, sabe?

— Não sabia que o senhor era, também, romancista...

— Tenho já romances publicados. Há muito tempo... E' difícil encontrá-los. Muito difícil.

— Mas, voltando ao ano literário...

— Ah, é verdade! Isto está uma salada!

— De acôrdo. Voltemos, disciplinadamente, ao assunto. Já ouvimos as observações interessantes que o senhor fez sobre sua obra. Agora, ouçamos o que tem a dizer da obra dos outros.

— Bem, não quero citar nomes...

— Nenhum?

— De memória, assim, poderia ser injusto, esquecer alguém...

— Cite um, pelo menos.

— Ivan Pedro Martins, autor de "Fronteira Agreste".

— Agradou-lhe "Fronteira Agreste"?

— Muito interessante.

— Mais alguém?

— Espere. Deixe ver... Ah, Reinaldo Moura... Um excelente romance: "Intervalo Passional". Gostei muito.

— Mais ninguém?

— Assim, no momento, não me recordo.

— Mas que observação geral tem o senhor a fazer sobre o ano literário?

— Bem, os editores progrediram rapidamente, e os autores não puderam acompanhar o passo. De mo'lo que afluiram as traduções...

— Boas ou más?

— Há das duas espécies. Muitas delas, infelizmente, são más.

— O senhor traduziu um livro de Huxley, se não me engano...

— Sim, e um de Funck Bretanno. Traduzi também Anatole...

— O livro de Bretanno é sobre Lutero, a respeito de quem o senhor tenciona escrever...

Restabelecendo a oxitona gaulesa no nome que o reporter abraçei-rara familiarmente, Eloi Pontes assente:

— Sim. O livro de Bretanô é sobre Lutero.

— O estado da nossa literatura, na época atual, não o agrada?

Eloi Pontes sorri.

— Não temos literatura...

O reporter cita nomes, esperando ouvir comentários. Dionélio Machado recebe um elogio que, mais restrito, passa a Erico Veríssimo, em quem Eloi Pontes deplora as concessões ao gosto do público. José Lins do Rego e Jorge Amado são outros destacados, enquanto Lúcio Cardoso e Otávio de Faria merecem um epíteto pouco lisongeiro e que infelizmente não podemos reproduzir aqui por motivos óbvios.

— Acha que depois da guerra haverá alguma mudança no terreno da arte?

— Lógico.

— Que acontecerá, na sua opinião?

— A guerra há de dar um cunho mais realista à literatura. E há de desaparecer tôda essa sub-literatura que anda por aí, contra a qual eu abri fogo.

— Foi o senhor quem primeiro se opôs ao modernismo?

— Fui o primeiro crítico que imitou o menino da história do rei...

O reporter confessou que não conhecia. Estava vago.

— E' uma história antiga. O rei, todos os dias, passeava, vestido com seu manto. Um dia, foi passear nú. Ninguém reparou nisso, até que um menino gritou: O rei está nú! O rei está nú!

E Eloi Pontes afirma que continua a gritar, sem prestar atenção aos protestos, que os escritores contemporâneos passeiam, como o rei despidos.

Corria o tempo e era preciso terminar a entrevista, para que o entrevistado não se fatigasse. E, por isso mesmo, querendo que a última questão fosse, ao mesmo tempo, a mais importante, perguntámos:

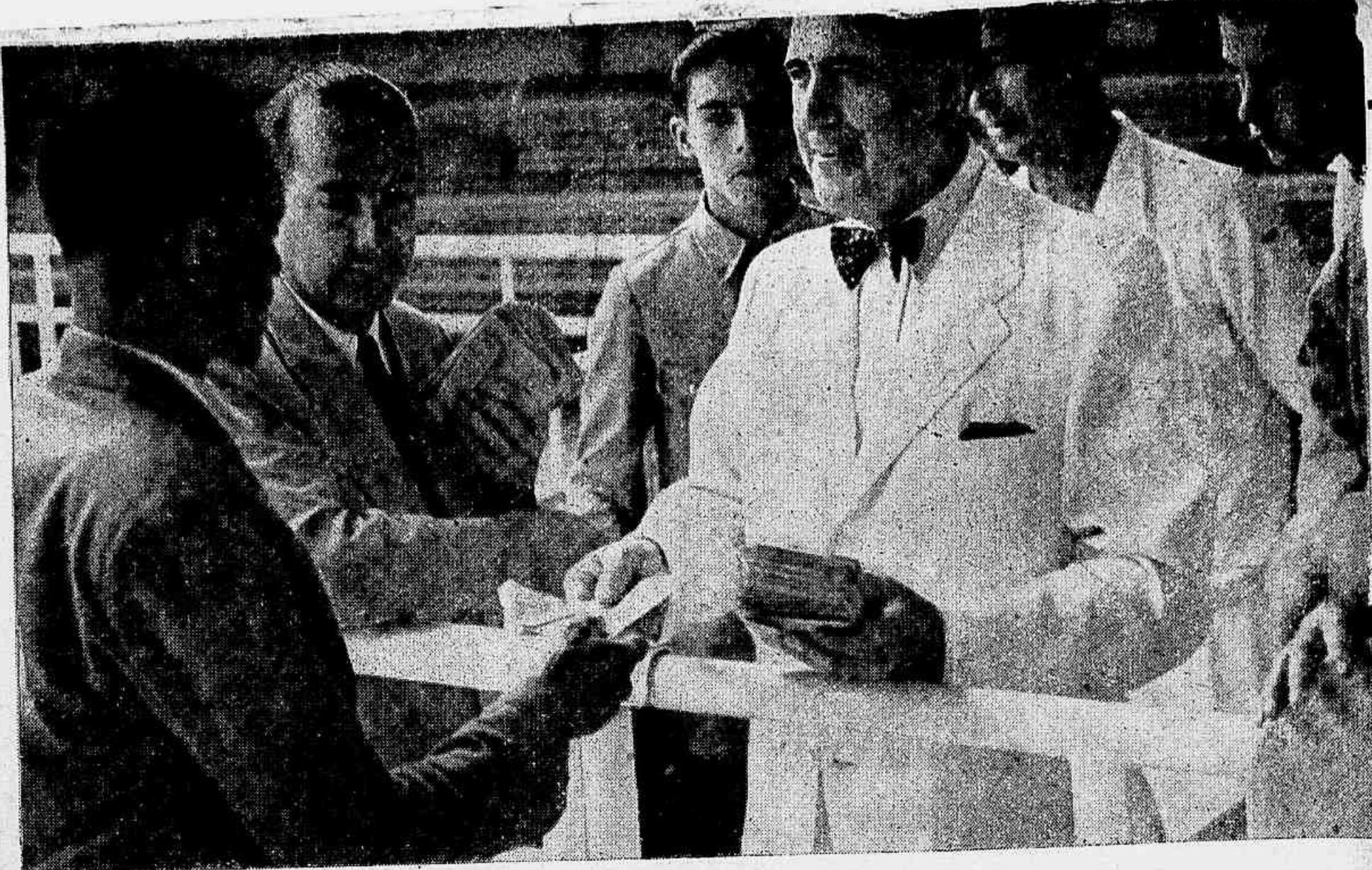
— Acha que é possível fazer justiça a um contemporâneo?

Eloi Pontes encarou o reporter e disse, com voz firme:

— Eu fiz justiça a todos os contemporâneos!

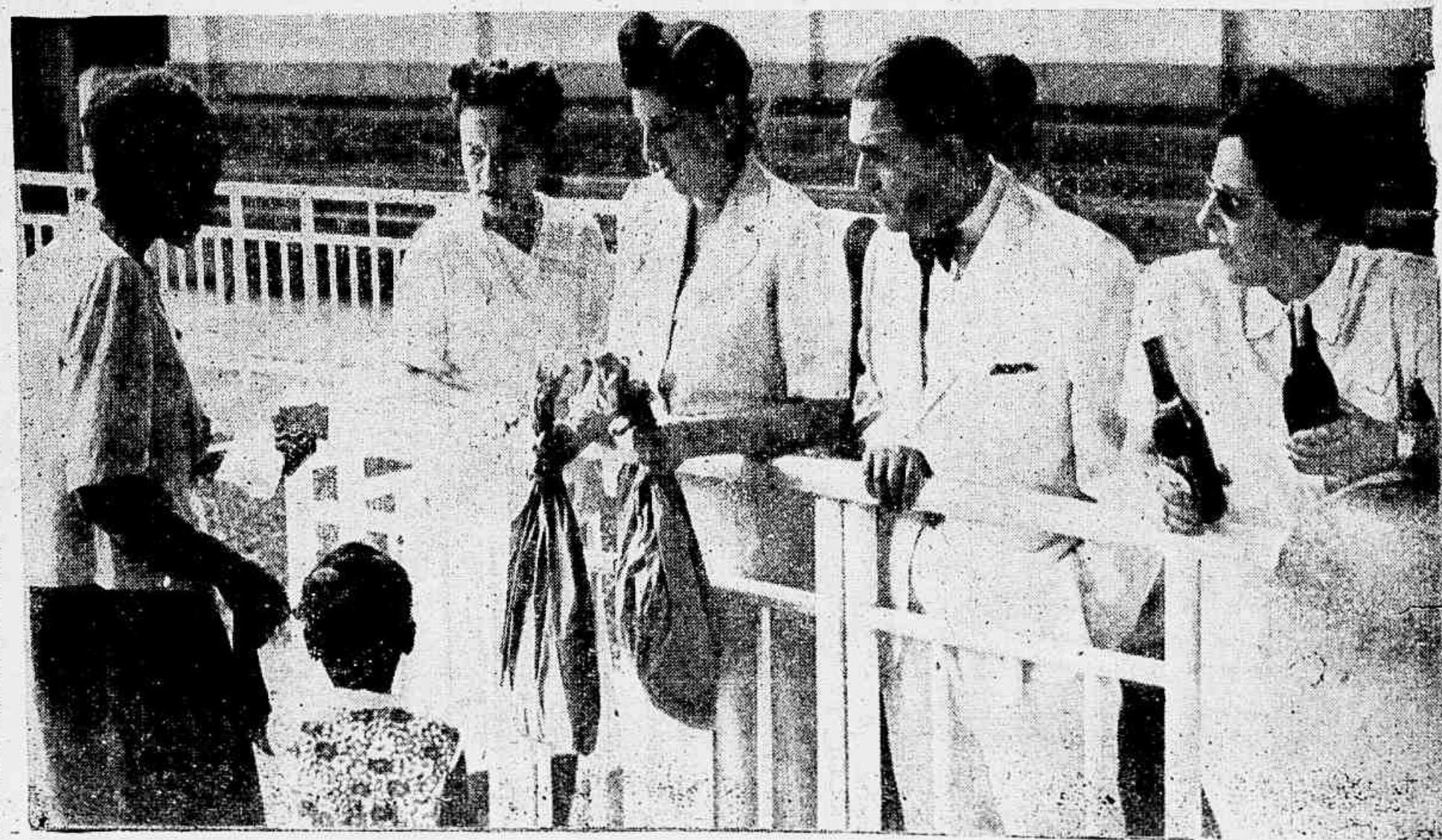
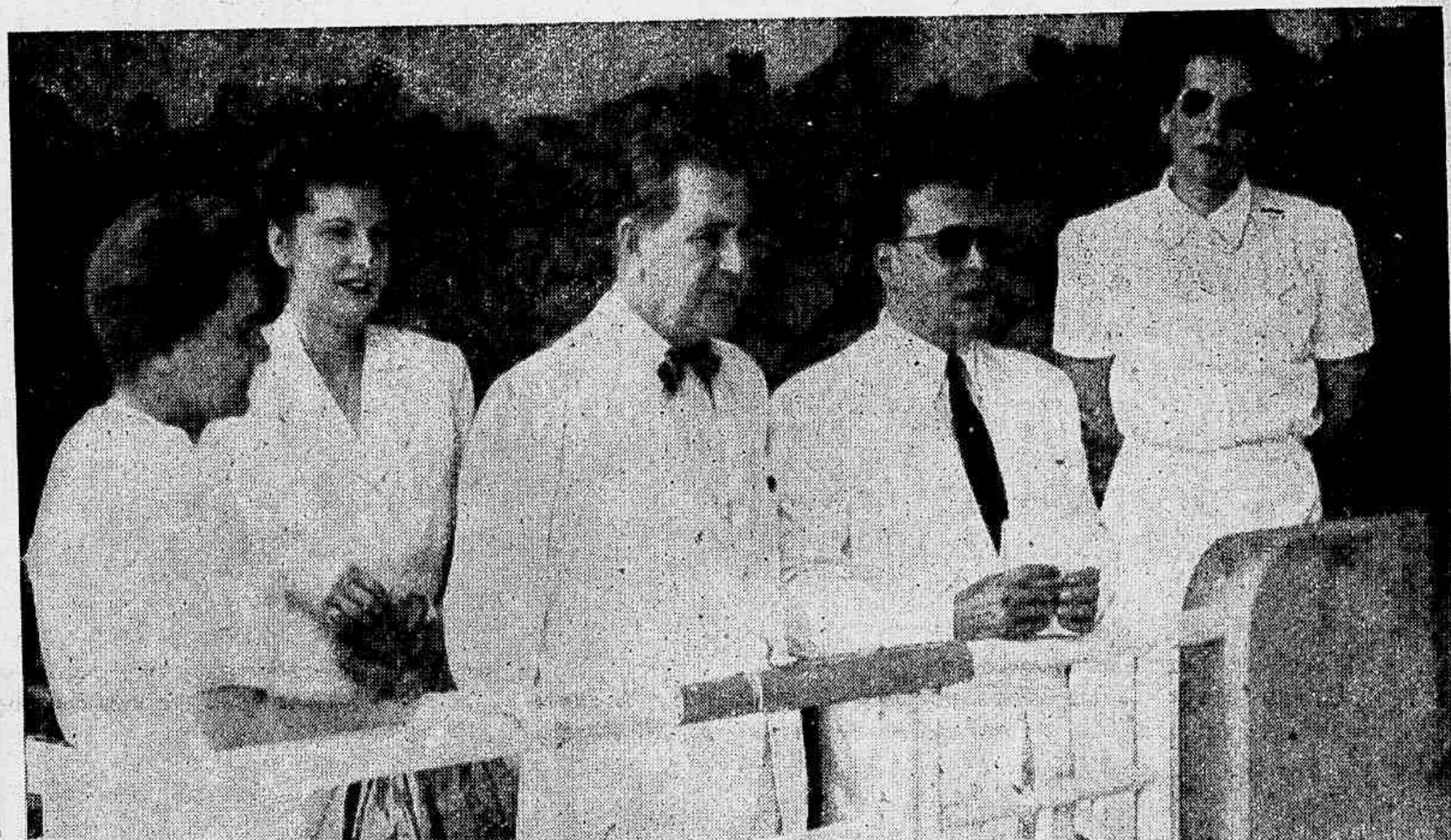
Diante disso, nada mais resta a dizer. Quer concordemos quer não com o que êle defende, somos forçados a reconhecer que êste homem fala franco e seguro; o que diz é o que pensa e, além disso, está certo de que não só tratou a todos os literatos com imparcialidade como julgou-os definitivamente.

Hoje, amanhã, todos os dias, temos mais um julgamento nas páginas de "O Globo", que se torna tanto mais importante quanto maior é a seriedade do crítico. Réu: um literato; Crime: um livro; Juiz: Eloi Pontes. E, segundo êle mesmo, juiz em última instância.



Jockey Club Mundano

Promovido por senhoras da alta sociedade carioca, teve lugar no hipodromo da Gavea a festa de Natal do Jockey Club Brasileiro que, como nos anos anteriores, revestiu-se de grande brilhantismo. No flagrante acima vemos a distribuição de gratificações ao pessoal do Hipodromo e, nas outras fotos, distribuição de brinquedos e presentes aos filhos de empregados do Jockey Club Brasileiro.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI == 6-1-945 == N. 1

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Outro Janeiro (Marques Rebêlo).....	3
O Sétimo Gole (Sam Yaffe).....	15
Singularidades e Curiosidades (Escragnolle D.ria).....	18
O homem que vendeu o credor (Zenaide Andréa).....	19
O Batizado (Alphonse Crozière).....	35
Livros Novos (J. L.).....	38/39

REPORTAGENS

Elis Pontes e o Ano Literário (Roberto Lyra F.).....	4/5
Jockey Club.....	6
Noite de Réveillon nas Gafieiras (Celius Auleus).....	23/30
Figuras e Fatos.....	36/37

FEMININAS:

Mulheres em armas.....	11/14
Nos Bastidores Femininos.....	31
Maillots.....	32/33
Um lindo penteado.....	34
Figurinos avulsos.....	40, 42, 43 e 48

CURIOSIDADES:

Fabricantes de Utilidades (Alcides d'Arcanhy).....	17
A propósito de Madame Curie (Celestino Silveira).....	21
Homens da Tela.....	44

Nossa Capa

Evelyn Keyes, "estrela" da Columbia, merece as honras de primeira ocupante na série das grandes capas desta revista, no ano entrante. Ela é, sem dúvida, a perfeita mensageira da alegria e da felicidade, tal como a idealizamos nós todos que depositamos a maior soma de esperanças num futuro melhor, para 1945. Mas não se pode dizer que apenas a capa mereça as atenções maiores do leitor, porque nós lhe estamos dando, em todo o texto deste número, leitura variadíssima e de palpitante atualidade, a começar pela grande reportagem da semana, onde se refletem panoramas de um "réveillon" de Ano Bom, na mais famosa "gafieira" carioca. Por sua vez, o crítico Elói Pontes dá-nos suas autorizadas opiniões sobre o ano literário que vimos de conhecer. Há ainda o advento de uma brilhante "conteuse" patricinha, Zenaide Andréa, de quem damos, páginas adiante, um interessante conto intitulado "O homem que vendeu o credor", além dos demais contos e novelas que habitualmente oferecem ao leitor. Seções femininas, de cinemas,

páginas de modas, "charges" e caricaturas, todo o material costumeiro, em fim, desdobra-se pelo texto do nosso primeiro número do ano, cujo fôlego é aberto com uma crônica oportuna de nosso novo colaborador, Marques Rebêlo.



Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convém limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrêtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

SEÇÕES:

De Cinema.....	8/9
A Semana em Revista.....	10
Cosas do Brasil.....	20

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	16
A Força do Hábito.....	22
"Charge" de Raul.....	48

NOVELA:

"Cavardia" (Berliet Junior).....	49/50
----------------------------------	-------

BOAS FESTAS

Recebemos agradecemos e retribuimos mais os seguintes votos de Feliz Ano Novo que por cartas, cartões e telegramas, recebemos dos nossos amigos leitores, colaboradores e anunciantes:

Clube de Regatas Flamengo, Embaixada do Canadá, Leje & Thurne A. B., Banco Português do Brasil, British News Service, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Espana Paramés & Irmão, M. J. Dias da Costa, Escola Técnica do Comércio Martim Afonso, Embaixada da República Francesa, Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, El. bin Irmãos & Cia. J. A. Licio (S. bral, Ceará), Banco da Cidade do Rio de Janeiro S. A., Alcides T. Arcanhy, Edgar Proença (Balem Pará), Empresa de Transportes Minas Gerais Ltda. Amaro Teresa Cristina, Aérea Ltda., de São Paulo, Maria José S. Iiba (Marabá, Pará), Biblioteca Militar, Companhia Química Rhodia Brasileira, Duprat & Cia. Ltda., Consulado Real da Suécia, Serviços de Entregas Rápidas, Club de Regatas Boqueirão do Passeio, Cia. Paulista de Papéis e Artes Gráficas, RKO do Brasil, Clube de Regatas Flamingo, Lintas do Brasil Limitada, Atlantic Refining Cia., José Real, "O Globo", C. I. o Guimarães, Panair do Brasil, Livraria Oscar Nicolai, Livraria Vera Cruz Ltda., Strozembach & Co. Succs. de Leclerc & Cia., Cia. Importadora Gráfica Arthur Sievers, João Alves de Melo (Natal, Rio G. Norte), "Rio Antigo", João Cairo (Vitória da Conquista, da Bahia), Clube de Regatas Vasco da Gama, R. Magalhães Jr.

BAIXES DE:

Banco Americano de Crédito, Leje Thurne A. B., de Estocolmo representados no Brasil pela Cia. Importadora Suécia, Schilling, Hillier & Cia. Ltda., A Equitativa, companhia de seguros.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Faye Emerson não teve ainda grandes oportunidades no cinema. Ainda ao apagar das luzes de 1944, o público viu-a em um papel de menor responsabilidade, no filme "A Canção do Deserto", mas se contasse apenas com seus atributos de intérprete, custaria muito para obter o desejado "cartaz". Acontece, porém, que Faye Emerson teve a dita de contrair nupcias com um dos filhos de Franklin Delano Roosevelt. E assim, nora do Presidente da grande nação americana, nem por isso ela mereceu preferências nos estúdios da Warner, onde está contratada. Em um país eminentemente democrático, o fato de ter essa artista casado com o filho do Chefe da Nação, que viu com muito bons olhos a união referida, não influiu de maneira alguma na sua situação artística. Faye Emerson é um bonito tipo de mulher, genuinamente americana, assemelhando-se bastante, na gravura inferior, à saudosa Carole Lombard.



DE

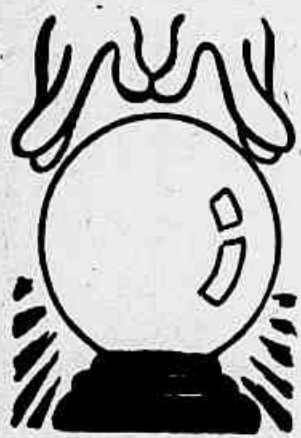
Cinema



Foi um ano pobre de revelações artísticas, o que terminou. Desfalcado de alguns grandes valores masculinos, que não podem substituir-se com facilidade, sempre alguma oportunidade vai surgindo para os nomes femininos. Aqui está, na página ao lado, Evelyn Keyes, da Columbia, aparentemente fadada a uma brilhante carreira. Se a beleza do rosto e um corpo escultural, realçado por duas pernas impecáveis, ainda valem como credencial nesse particular, podemos dizer que Evelyn Keyes será — quem sabe! — uma das artistas de maiores sucessos alcançados, quando este ano terminar...

a Semana em Revista

UM CHANTAGISTA EM UBERABA



Amável leitor desta seção residente em Uberaba, Estado de Minas, teve a gentileza de enviar-nos um cartão de propaganda, amplamente difundido naquela região, com esta advertência: "Parece mentira, mas é verdade, chantagista nesta terra é mato". O texto do cartão, feito para engodo de nossos patrícios do Interior, vale ser reproduzido, com vistas às autoridades competentes. E' o seguinte:

"Sr. Oliveira, ocultista. — Desvende vossa passado, presente e futuro. Combate qualquer espécie de malefício. Facilita negócios ilícitos e combate atrapalhos que existirem em vossa vida. Desconjura-se fazendas, lavouras, terras e residências contra os maus espíritos ou feiticiarias. Fecha-se o corpo humano contra malefício, ferro e fogo. Consulta por carta, deveis mandar nome (por extenso), idade, dia do nascimento, estado civil, côr e profissão. Tratando-se de fazendas ou terras, enviar nome da propriedade e ponto cardeal em que se localiza. Consulta inclusive resposta expressa Cr\$ 21,60. — Trabalhos e tratamentos ESPIRITUAIS. Rua 3 de maio n.º 54, Alto das Mercês — Uberaba, Minas."

Fazemos a reprodução do texto, conservando o linguajar e o estilo do ocultista "Sr. Oliveira" que, certamente, há de estar recebendo, a esta hora, farta e copiosa correspondência, devidamente acompanhada dos vinte e um cruzeiros e sessenta centavos. A distância não podemos apreciar o processo por que o referido cavalheiro se desobriga da sua delicada missão. Mesmo assim, gostaríamos de conhecer como se executam os "trabalhos e tratamentos espirituais", e não deve deixar de ser interessante ver como se "desconjura" uma fazenda. Bem pensado, trata-se de um homem de alto proveito para a coletividade, de vez que tem força bastante para "combater qualquer espécie de malefício", chegando a combater "atrapalhos" que existirem na vida de qualquer um, premonido dos vinte e um cruzeiros e sessenta centavos, convém adiantar... Precioso o detalhe do "nome da propriedade e ponto cardeal em que se localiza", para melhor eficiência do trabalho do sr. Oliveira, o homem que desvende o passado, o presente e o futuro. Quem "fecha o corpo humano contra malefício, ferro e fogo" (?) há de, certamente, revestir-se de preciosas e incomparáveis qualidades de espírito.

Não fosse Alto das Mercês tão distanciado aqui da redação, e lá daríamos um pulo para conhecer, de perto, o ocultista uberabense; mas, na impossibilidade de tal visita, contentamo-nos em recomendar o sr. Oliveira a quem, já em Uberaba, se interessar pelo caso em apreço. Os interessados tanto podem ser os fazendeiros de negócios "atrapalhados", as vítimas dos "maus espíritos ou feiticiarias", como também — por exemplo — as autoridades policiais...

Valha a recomendação que daqui lhes fazemos.

SUPER-NUTRIÇÃO E SUB-ALIMENTAÇÃO



As estatísticas médicas, nos dois primeiros dias do ano de 1945, acusaram uma percentagem invulgar de "casos" clínicos delicados, cuja origem fez-se no excesso de alimentação, ingerido naturalmente nos dias destinados às comemorações de Natal e Ano Bom. Quase sempre, dizem os entendidos, esse fato vem a registrar-se. Temos o mau vício de comemorar (e "behemorar" também...) as datas de maior significação afetiva com excessos pantagruélicos. Em chegando a este período do ano o aparelho digestivo do carioca, já abalado pelo aparecimento do calor, sofre um bocado para dar conta dos ingredientes oleosos e quentes que lhe mandam em quantidades abusadas. São as castanhas, as nozes, as avelãs, as bacalhoadas, as peixadas, os polvos "à moda" de qualquer coisa, tudo inconvenientemente regado a bons "verdascos", tal como se vivêssemos não em clima tropicalíssimo e sim sob a temperatura européia, onde essas digestões por natureza se facilitam. Mas acontece que este ano a percentagem, mesmo assim, subiu assustadoramente, na ordem inversa do raciocínio natural daquelas guloseimas de Natal. As castanhas, embora apodrecidas (do ano anterior), custavam vinte e tantos cruzeiros o quilo roubado. O vinho, falsificado que fosse, andava por preços astronômicos. E tudo na mesma ordem crescente. Mas, justamente por isso, o povo fez sacrifícios maiores. Gastou o que tinha ganho e o que ainda viria a ganhar com o suor do próprio rosto, para fazer face à tradicional consoada que os antigos, nos bons tempos, se lembraram de estabelecer. Resultado: perturbações gástricas, violentas escapadas para os consultórios médicos e remédios, mais remédios para combater os excessos da super-nutrição. Aparentemente, o fenômeno foi esse; mas houve ainda outra causa. São também os médicos que falam, com amplo conhecimento do assunto. Na verdade, o povo anda sub-alimentado o ano inteiro e o estômago estranhou essa violência de última hora. Pouco a pouco os gêneros mais substanciosos e imprescindíveis à nutrição do corpo humano vão desaparecendo. Não é exagero, desaparecem mesmo... Primeiro foi o leite que, mesmo aguçado, cedeu a vez, até nos cafés de primeira ordem, à vasilha com água morna para suavizar a cafeína. Depois foi a manteiga, transformada em "mantequilla" e afinal, escassa, por preços muito mais altos que o Pão de Açúcar. Sem falar na carne. Oh, a carne, o succulento bife dos "bons tempos"!

E por aí adiante. As verduras não dão ar de sua graça; o peixe apodrece porque falta aparelho de refrigeração; e o feijão, o arroz, a carne-seca, tudo vive hoje num esconde-esconde que só vendo.

Sub-alimentado a mais não poder, resistindo à custa de mil sacrifícios, deixando para os filhos, em casa, o pouco que consegue adquirir nos fornecedores e sem dinheiro bastante para se alimentar nas horas de serviço, o carioca vai enfraquecendo. Ainda ninguém pensou o que será a geração nascida depois da moda dos racionamentos, mas os estudiosos devem estar preocupados com esses e outros percalços que vão ser, mais tarde, o reflexo da tragédia de nossos dias. As mulheres que geram filhos nestes tempos tem os cuidados de alimentação impostos pela sua condição especial de vida? Os pais dos futuros brasileiros estão suficientemente alimentados para dar conta dessa delicada tarefa de "brasileirismo", como diz o professor D'Arcanhy?

Tristes e dolorosas interrogações.

O MORTO-VIVO OU O FÉRETRO MISTERIOSO



Os jornais da semana comentaram amplamente um pitoresco fato ocorrido no Espírito Santo que, não fôra o seu trágico epílogo, seria uma das melhores comédias reais jamais acontecidas nestes últimos tempos.

Eis a história:

Um engenheiro capichaba, em viagem de serviço, seguia em camioneta, numa noite escura e tormentosa, pela estrada sinuosa e lamacenta que se estendia através de uma selva cerrada. Em certa altura, notando dois viandantes que se encharcavam sob a tempestade, atolando os pés na lama dos caminhos, o viajante, condoído, deu-lhes condução no bojo do veículo. Ali encontraram os peregrinos outro companheiro de viagem, acomodado no chão do carro — um caixão mortuário, de fabricação recente, prosaico como todos os ataúdes modernos.

O féretro fôra embarcado, segundo as palavras explicativas do engenheiro, pouco antes, juntamente com o homem que o levava às costas, de quem o dono do carro também tivera pena, oferecendo-lhe, como aos dois viajantes, condução mecanizada até a próxima cidade.

Os dois homens aceitaram a explicação do engenheiro mas acharam esquisita a ausência do dono do ataúde. E quando iam perguntar ao humanitário "chauffeur" pelo seu paradeiro saiu de dentro do caixão uma mão magra e branca, que se agitou lugubramente, apontando-lhes os dedos descarnados.

Os dois forasteiros sentiram os cabelos em pé, o sangue gelou-se em suas veias. A mão sinistra girou três vezes sobre o punho, espalmou-se sondando as condições climáticas e de dentro do féretro saiu uma vozinha tumular, inquirindo os dois viajantes: "Como é, companheiros? A chuva já passou?"

À luz sinistra dos raios, ouvida em meio da floresta rumorejante, esta frase teve a significação de uma sentença assombrada. E os pobres homens que a ouviram, loucos de medo, atiraram-se da camioneta ao chão, rolando por sobre o solo alagado. Um deles morreu em consequência da queda, o outro feriu-se gravemente.

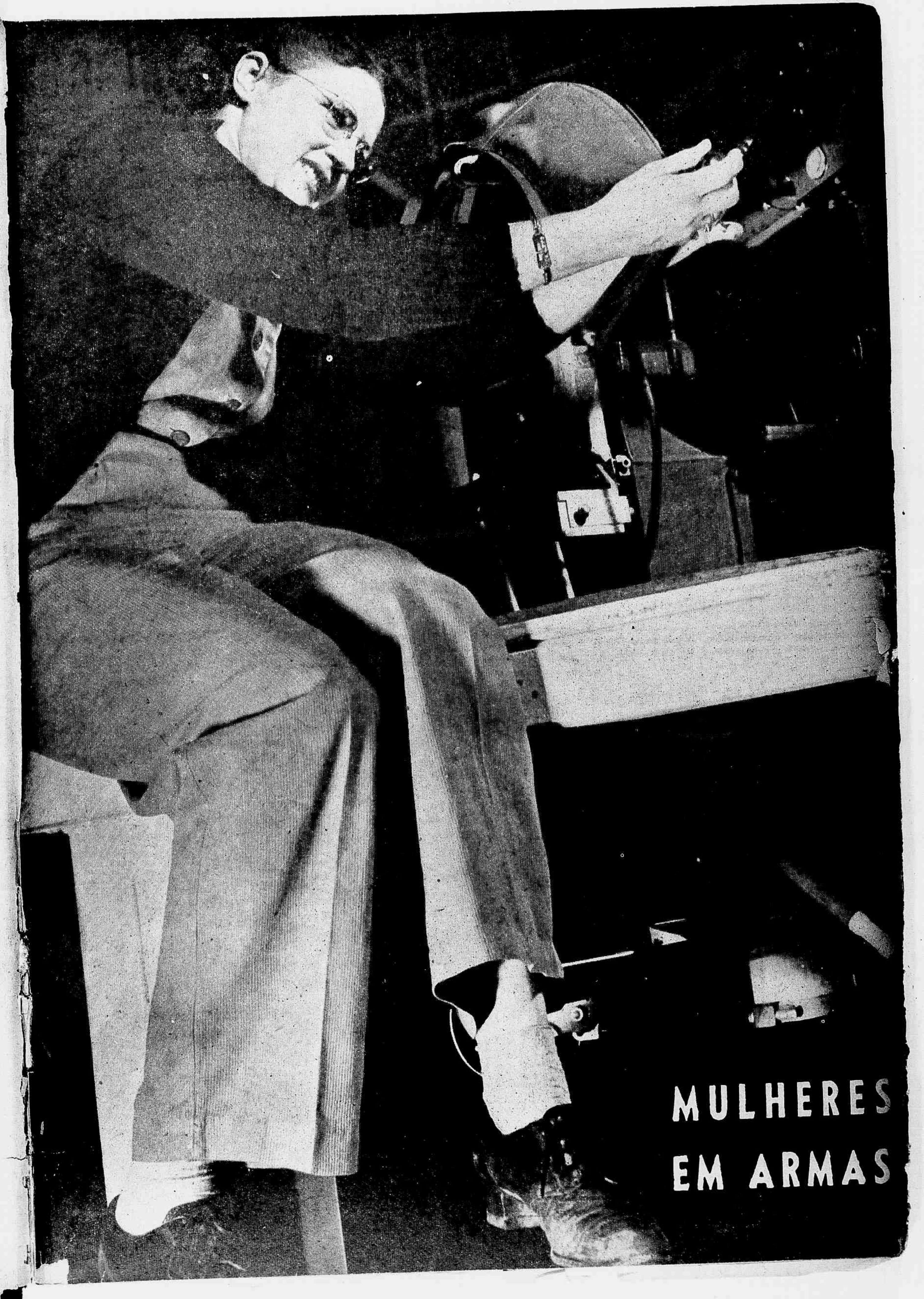
Quando chegam a este ponto da narrativa os jornais dão a explicação lógica e racional do fato. E aí é que a história perde a graça. Por isso queremos deixar os nossos leitores na crença de que tudo foi mesmo obra de um defunto bem morto, como nos contos de Hoffmann. Assim queremos reabilitar os fantasmas, que há muito não faziam nada, e reabilitar também a terra capichaba, onde há tanto tempo nada de notável acontecia...

Sabiam, portanto, quantos este virem, que ainda existem fantasmas e que ainda existe o Espírito Santo. Amém.

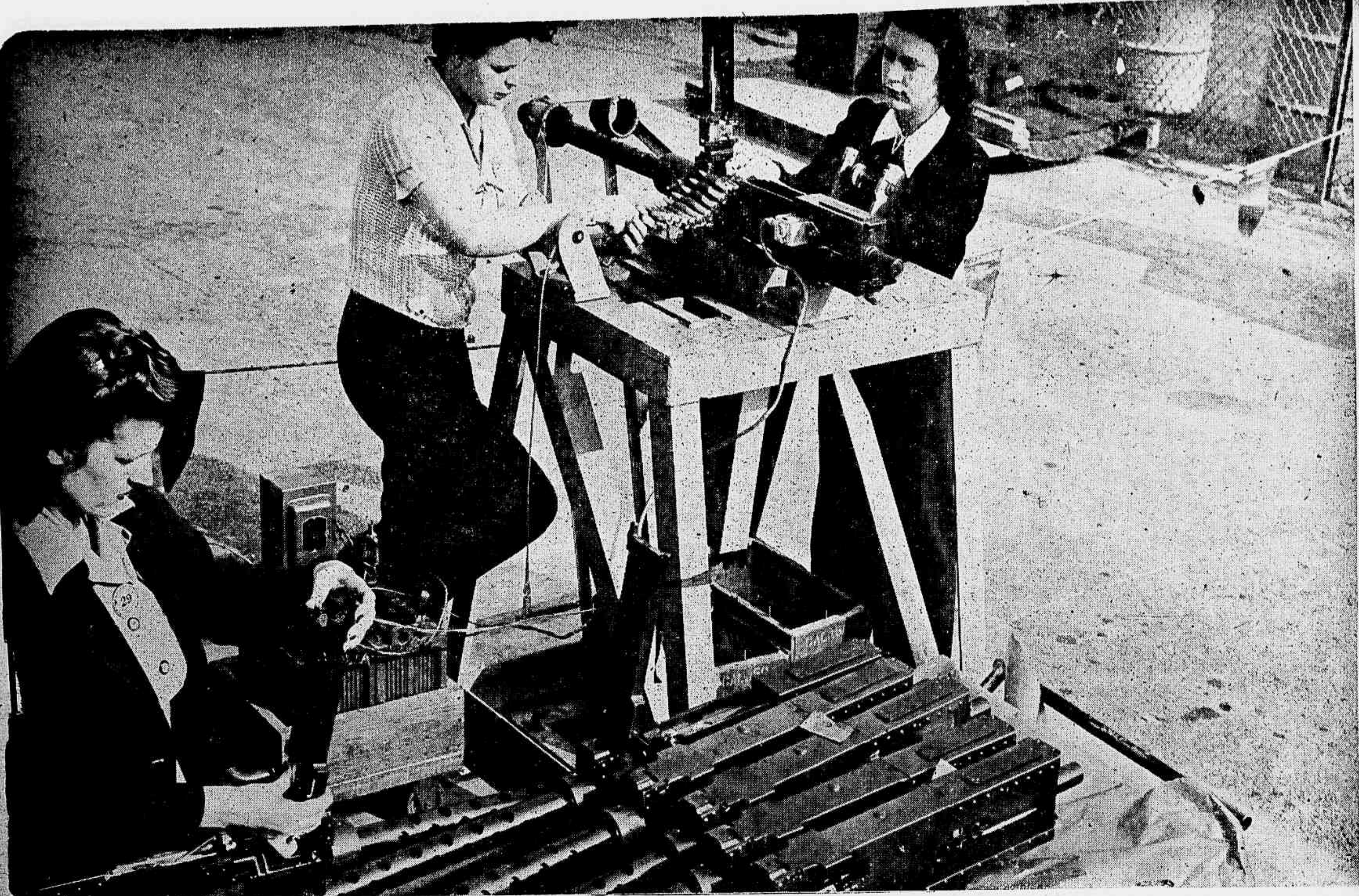
CAVALOS E HOMENS ILUSTRES...



Andaram, esta semana, as gazetas discutindo o palitante caso dos animais de corrida batizados (?) com nomes e ilustres personalidades do país. Houve, de início, quem estranhasse que um não menos ilustre animal recebesse nome do último Imperador brasileiro, mas logo reportaram a arena — de discussão e não, como podia parecer, do lado de corridas — os defensores da idéia. Que não, que nada havia de estranho, pôsto que já Napoleão Bonaparte e outros famosos cavalheiros emprestaram, com ou sem aprovação pessoal, seus importantes nomes, consagrados na voz pública, aos bichos das "poules" e das "barzadas". Por fim, venceu a idéia favorável e não houve quem conseguisse impedir que Dom Pedro venha a ser, agora, um quadrúpede de boa raça, correndo a tantos quilômetros nos páreos destacados e na raia bem cuidada do prado da Gávea ou de qualquer outro hipódromo. De nossa parte, convenhamos, também não encontramos razões suficientes para embargar o plano do ilustre proprietário desse "specimen" dos irracionais. Em primeiro lugar, é certo e irresponsável que os cavalos de corrida merecem, hoje, um tratamento excepcional, como não se dá sequer às pobres criancinhas menos favorecidas da sorte. E, não fazem muitas semanas, também os jornais deram largas ao noticiário esquisito sobre as "vacas leiteiras" que iam, em cada manhã, fazer o seu giro obrigatório às "coudelarias" da cidade, onde supriam, com algumas centenas de litros do precioso gênero alimentício, alguns privilegiados burros de corrida. (E a propósito: que desfecho teve esse rumoroso caso, senhores? Ninguém mais falou do assunto. Será que os cavalos de corridas entraram mesmo no racionamento? Falem os autorizados na matéria, quer dizer no leite). Ora, se o leite falta para as crianças mas não escasseia para os "puro-sangue", se regalias de ordem especial são facultadas a esses importantes bichos que tantas emoções provocam aos amantes do aristocrático esporte, então, por que não lhes conceder o privilégio dos nomes ilustres, pôsto que a concessão desses nomes vale ainda por uma homenagem? Resta saber quem seja o homenageado — os cavalos ou os seres humanos? Realmente, não deixa de ser estranho ouvir o locutor de rádio anunciar que "Madame Curie" ganhou por cabeça os "mil metros" em que competiam seis ou oito cavalos e duas ou três éguas inglesas... Mas, no fim de contas, esse é um detalhe de somenos importância. E na realidade quantos indivíduos valdoses não dariam uma parcela de sua fortuna ou de sua celebridade para terem, como homônimo, um parquinho de quatro ou cinco anos, pertencente à "coudelaria" de um rico "turfinho" nacional ou estrangeiro! Eis por que, medindo os prós e os contras do caso, não temos por que divergir dos que aplaudem a idéia. Cavalos com nomes de gente não é nada de estranhar. Muito mais curioso será quando se invertem os papéis e dermos a um homem notável, como honra suprema, o direito de usar o apelido de um burro corredor de primeira classe, desses que levantam um "Grande Prêmio", que por sua vez tem, invariavelmente, outro nome ilustre, não raro pedido por empréstimo a uma figura política de maior envergadura. E, seja como for, homens e cavalos confundem-se, nos prados como na vida comum. Há quadrúpedes mais inteligentes que tantos sujeitos com os quais nos atropelamos na primeira esquina, como existem, de sobra, certos camaradas que, se os inscrevêssemos entre os corredores de um páreo qualquer, ganhavam, de corpo inteiro, ao próprio "Albatroz". E no dia em que se instituir um "sweepstake" com esse bons moços — que sucesso turfístico os cronistas especializados não terão a registrar! Logo, está tudo certo.



MULHERES
EM ARMAS

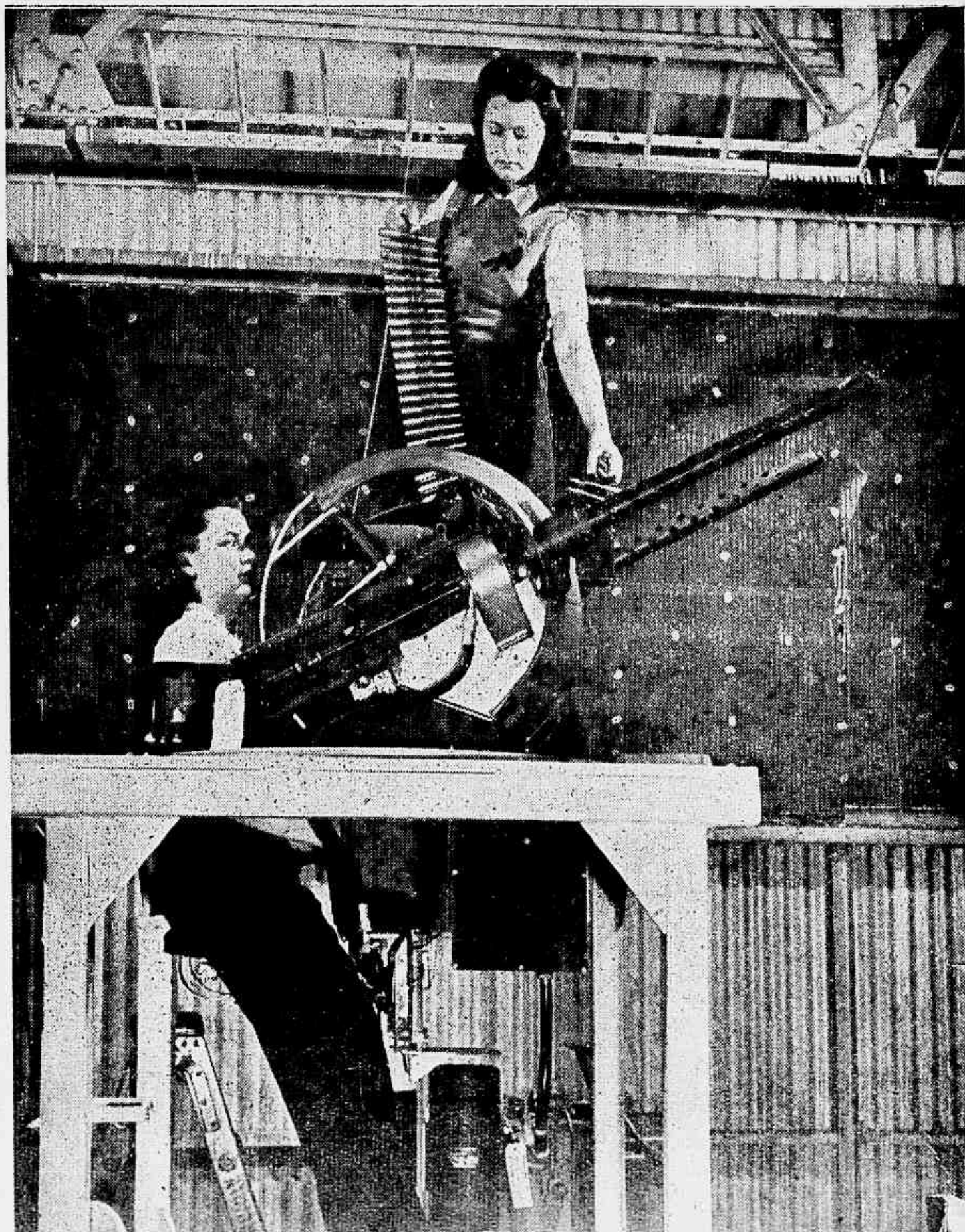


ons tempos aqueles em que se assumam as mulheres mesmo com a simples bção de um minúsculo revólver desregado! Podia ser também um bisonho vólver de brinquedo, quem sabe se conecionado de chocolate, ou mesmo de lata, ondeno uma boa carga de confeitos pucarados bonbons! Os dias que vive-

mos são outros, e não são inofensivos revólveres de brinquedo ou de guloseimas os que elas estão fabricando, há três anos, na América do Norte, mas possantes fuzis metralhadoras, dos de maior alcance e eficiência bélica. A aviação norte-americana mobilizou um razoável exército feminino, milhares e milhares de ilustres re-

presentantes do "belo sexo", que passaram a denominar-se "Uncle's Gun Molls", pois são, na verdade, ativas e experimentadas fabricantes de armas. Eis por que não fica desacertado o título desta crônica — Mulheres em armas. Não estão em armas apenas as valorosas chinesas e nem estiveram desacompanhadas as

mulheres, espôsas e filhas dos bravos "maquis" franceses, só porque empunham o fuzil, a metralhadora ou o canhão, contra o inimigo. Quando a destemida mulher russa, como a de todos os territórios em luta, investe contra o façanhudo e perigoso nazi-fascista, o faz muitas vezes com poderosas armas que outras mulhe-



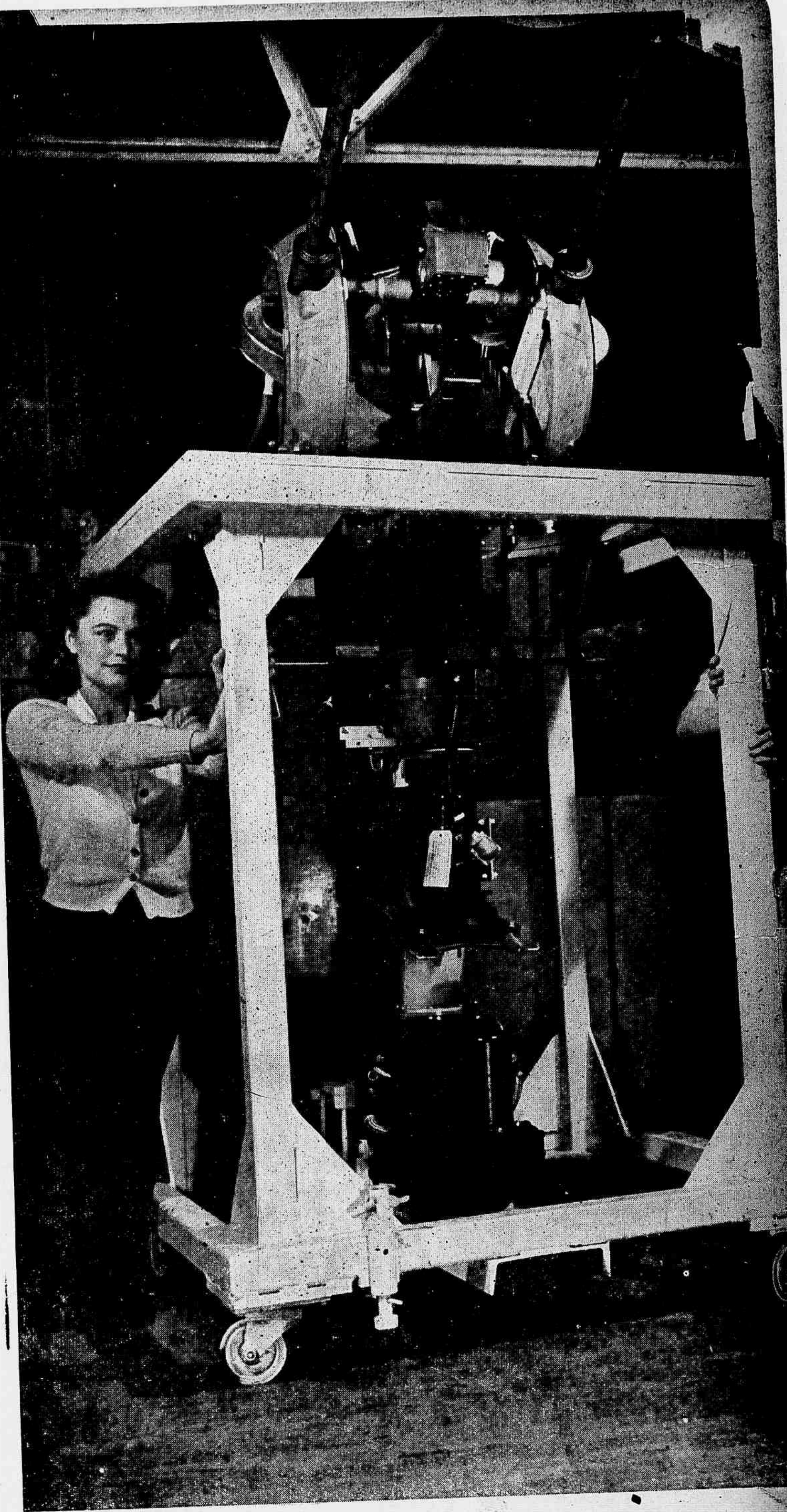
res fabricaram nos Estados Unidos. As gravuras destas páginas servem para elucidar melhor o leitor. Nelas vêem-se os soldados femininos de Tio Sam executando a sua delicada tarefa de produzir em larga escala metralhadoras B-25 Mitchell ou P-51 Mustang "fighters". São mulheres moças, que trocaram a comodidade do lar, do escritório ou da vida do campo pela obrigação espontânea de produzir boa parte das armas que seus irmãos, pais ou maridos devem empunhar do outro lado do Atlântico. Elas sabem que esta é uma guerra de matar ou morrer, motivo porque preferem ficar no primeiro caso, conscientes de estarem, ainda assim, exercendo uma função de paz, porque quanto mais depressa se eliminar o último inimigo, mais cedo reingressaremos nos dias de tranquilidade física e espiritual. Essas moças tem de submeter-se a um aprendizado técnico realmente intenso e depois, quando aprovadas por uma comissão julgadora, elas se distribuem pelas múltiplas dependências do Rock Island Arsenal, em lotes, produzindo simultaneamente as 219 peças separadas de cada fuzil-metralhadora último tipo. Usualmente, depois das moças estarem industriadas sobre a fabricação das armas, envergam uniformes militares e vão fazer um treino de experiência prática, em um campo de manobras. Elas precisam conhecer as armas que fizeram, "na prática", isto é na realidade do aproveitamento das mesmas, para corrigirem mais tarde qualquer defeito porventura ainda existente. Os fuzis-metralhadoras instalados nos bombardeiros que, sob o comando do general Doolittle, iniciaram em 1943 o arrasamento de Tóquio e de outras cidades nipônicas, foram todos construídos por mãos femininas. Elas armaram e desarmaram, primeiramente, cada fuzil, dez vezes, para certificarem-se da absoluta perfeição de cada uma das 219 peças. Os nomes dessas preciosas auxiliares da aviação norte-americana foram já citados em ordem do dia, como colaboradoras imprescindíveis, porque certos trabalhos, na elaboração de detalhes técnicos, pequeninas molas internas dos fuzis, requerem muita dose de paciência, como só as mulheres sabem ter. Em tributo de homenagem, cada um desses bombardeiros levavam um nome feminino, que era, no caso, o da auxiliar que mais havia contribuído para a instalação das metralhadoras. Assim, "Ava Seaholm", "Midge Levenson", "Margie Wehrkamp", "Irene Denker", são, a um só tempo, os de algumas graciosas operárias da Rock Island Arsenal e de possantíssimos aeroplanos que levaram ao reduto inimigo um sinal de alarme quanto ao destino inglório a ele reservado. Na maioria dos casos, essas jovens são recrutadas em escolas universitárias e precisam reunir amplos conhecimentos de matemática e algumas noções de engenharia, sem as quais não podem as autoridades confiar-lhes tarefas de tão magna responsabilidade. O curso preliminar exten-

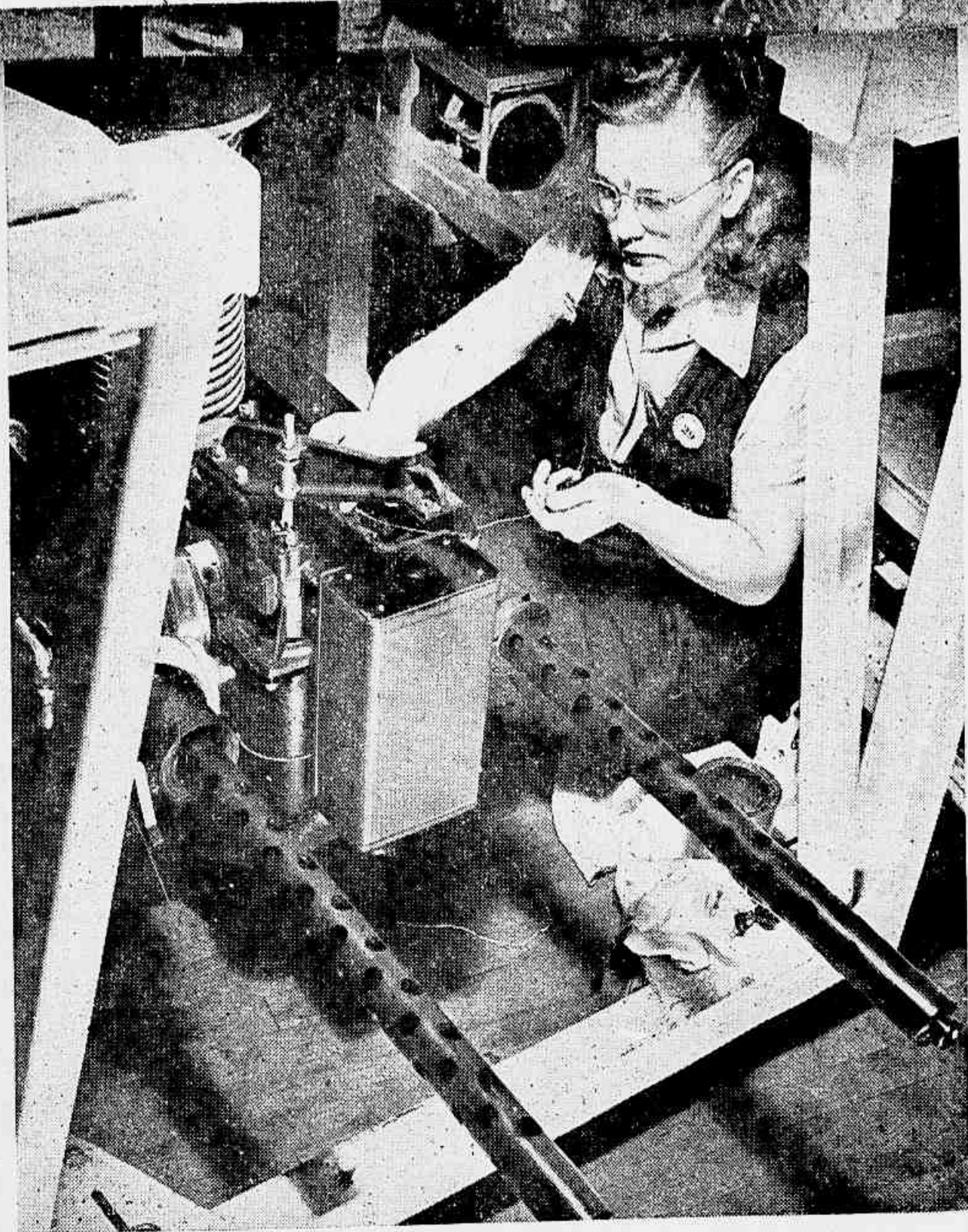
ge noventa dias de estudos, mas o de aperfeiçoamento requer o dobro. Só no fim de um ano cada grupo de auxiliares da aviação norte-americana pode ser entregue às fábricas de armamentos. Em 1944 essa aprendizagem foi dada a mais

de dez mil jovens "yankees", muitas das quais não pensam em abandonar o seu novo campo de ação, mesmo depois que a guerra tenha terminado. Elas consideram a fabricação de material bélico uma indústria de largo alcance e absoluta-

mente necessária em qualquer tempo, vez que há sempre exércitos e, na hipótese, o Departamento de Armamento terá de fornecer material da sua especialidade em tempo de manobras...

Tudo faz crer, porém, que as ar-



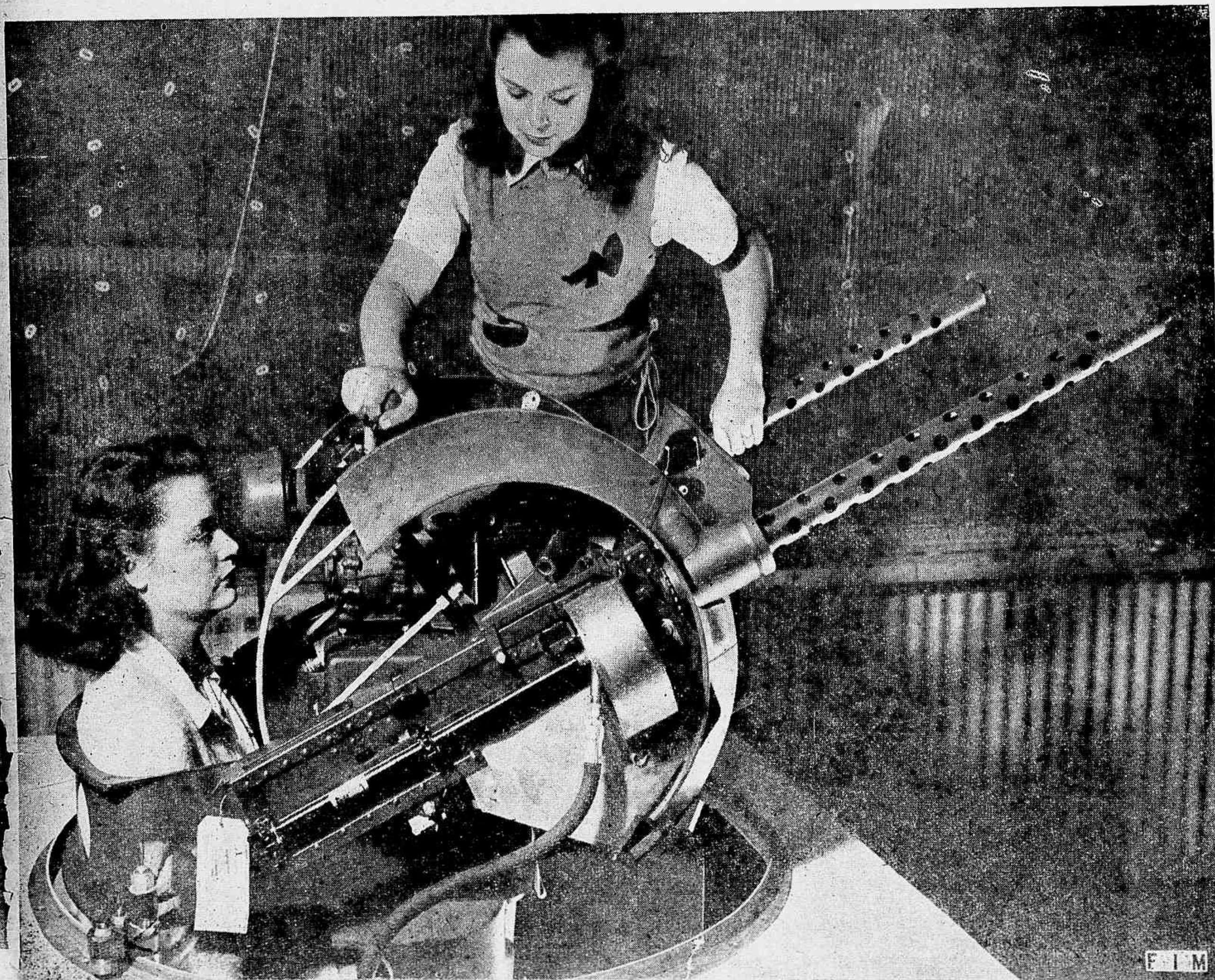


de escolas secundárias sejam também aproveitadas para misteres dessa natureza, em futuro não distante. Segundo a afirmação de um técnico de aviação norte-americano, as crianças da presente geração possuem uma faculdade muito mais

apurada e um dom de receptividade muito mais elevado, para aprender assuntos de ordem técnico-militar. Nestes últimos cinco anos os livros, os filmes, os jornais e revistas tem de tal modo intensificado a divulgação de assuntos de guerra, que

o espírito das crianças voltou-se, automaticamente, para esse "ambiente". E mesmo quando as cogitações de guerra estejam removidas para plano secundário, o lema Paz Armada estará em vigor, agora mais do que nunca. Mas até segunda

ordem, são essas elegantes e cultas sobrinhas de Tio Sam que veem dando o melhor de seu labor à confecção dos fuzis e metralhadoras que tantas baixas estão provocando nos setores de luta europeus e orientais.



ELA DISSE QUE ERA CAPAZ DE COMETER UM CRIME IMPOSSÍVEL!

O SÉTIMO GOLE

Adaptação de uma novela de Sam Yaffe



A mulher cruzou as pernas lentamente, ajeitou a saia e em seguida encarou Paul Dawn:

— Dinheiro!

Paul olhou para ela, supreso:

— Não compreendo em que posso servi-la...

Ela sorriu:

— E' simples, entretanto. O senhor tem dinheiro. Eu não tenho. Preciso de dinheiro. Obtenho-o do senhor...

Paul não cabia em si de espanto:

— Mas... Francamente, minha senhora, nunca fui dado à filantropia...

— Nem eu quero que pratique um ato filantrópico. Estou aqui para pedir-lhe dinheiro, mas não, por assim dizer, gratuitamente... Tenciono ganhar esse dinheiro...

— Por outro lado, minha senhora, eu não tenho, no momento, um posto disponível nos meus escritórios para oferecer-lhe.

— Não é, tão pouco, um emprego que lhe peço.

— Nesse caso...

— Como? Não ocorreu ainda ao perspicaz detetive o que tenho a propor? Quero fazer uma aposta...

— E' ainda uma coisa que eu não tenho a menor intenção de fazer, minha senhora. Acho as apostas uma coisa estúpida.

— Talvez essa o atraia, pois é nova, original.

— Não custa ouvir...

— Meu caro sr. Dawn, eu proponho uma aposta: o senhor se gaba de que não existe crime impossível, que pessoa alguma pode cometer um crime suficientemente misterioso para que o senhor fique embasbacado. E' o que eu farei, se quiser; e, no caso de uma derrota, pagarei-lhe dois mil dólares...

— Dois mil dólares!

— Sim. Preciso de dinheiro e vou cometer um crime para ganhá-lo. Mas não cometerei, por outro lado, o erro clássico dos criminosos por ambição ou lucro: não procurarei tirar da vítima a soma que preciso.

— Então propõe que eu...

— Descubra como eu cometi um crime que de antemão confesso ter cometido...

— Mas esse crime...

— Esse crime é muito simples. Amanhã, às oito e trinta horas, meu marido pronunciará uma conferência numa universidade. Estarão presentes milhares de pessoas. Durante a conferência ele cairá morto, inexplicavelmente. Terá sido envenenado com cianureto de potássio. Adiantarei ainda que o caso todo girará em torno de um copo...

— E, ainda assim, desafia-me a descobrir o método?

— Sim!

— Não há meio de dissuadi-la dessa ação?

Ela olhou fixamente para Paul.

— Olhe-me bem nos olhos. Se o senhor não tiver coragem de aceitar a aposta, eu a levarei a outra pessoa. Não falta quem tenha a audácia de apostar...

— Pois bem, minha senhora. Está aceito o desafio...

— Não se esqueça, então. Tudo girará em torno de um copo. Preste bem atenção nele. E não se esqueça de estar na conferência na hora exata.

— Lá estarei.

— Mais uma coisa: pode avisar a polícia. Não me assusta de modo algum.

— Muito bem.

— E pode ficar certo de que o crime será cometido à hora marcada e não antes...

Ela já ia sair quando ele perguntou:

— Podia me dizer por que escolheu seu marido para vítima?

— Não gosto dele. Quero casar com outro. Assim, mato dois coelhos de uma cajadada só.

— Uma estranha cajadada...

— Mas misericórdias. O cianureto de potássio produz morte instantânea. Como vê, sou clemente.

— E' loucal

— Creto que não.

— Mas, então, como explica seu procedimento?

— Sei lá. Mas não me pareceu louca...

— Os loucos têm muitas vezes o aspecto de pessoas normais...

— Você é louco?

— O que?!

— Bem, eu acho que não, porque o aspecto de pessoa normal é que você não tem...

O sargento deu um murro formidável na mesa.

— Quantas vezes já lhe avisei que mais uma brincadeira dessas e eu lhe esmurro?

— Esmurra-me? Não. E' justamente porque você fica avisando a vida inteira sem fazer nada que eu faço. Além disso você não se arriscaria a brigar comigo. Em primeiro lugar, eu vencia você, porque conheço jiu-jitsu; e, em segundo lugar, porque você sabe muito bem que sem Paul Dawn para ajudar você a resolver os casos, adeus, bela esperança de promoção.

O sargento imediatamente perdeu o ar truculento. Riu, contrafeito, e disse:

— Esse Paul! Sempre com brincadeiras!

Paul também sorriu, irônico:

— Esse sargento, sempre com medo de perder o lugar!

— Ora, Paul!

— Bem, chega de brincadeiras. Você vem hoje comigo...

— Vamos.

— E ficamos os dois, na sala, a procurar um copo...

— Muito bem...

A mesa, a comissão da diretoria da universidade, professores, a diretora do Centro Acadêmico e a esposa do conferencista. Este ainda não chegara, mas não deveria tardar. Alice Dillberry cumprimentou Paul, quando este entrou, e foi sentar-se na primeira fila com o sargento.

— E' elal

O sargento arregalou os olhos:

— Que assassinal!

— Que era de admiração.

— Quantas vezes é preciso que lhe lembre, sargento, que durante o desempenho de suas funções o senhor não pode, nem deve, reparar no fato que uma mulher difere do homem de uma maneira deliciosa?

— Se assim fôsse eu não mandaria uma mulher revistar as damas, num caso qualquer. Revistaria eu mesmo. Não haveria diferença, não é?

E o sargento arregalou novamente os olhos, pensando na bela oportunidade que isso lhe proporcionaria.

— Pense em sua esposa, sargento!

Imediatamente o entusiasmo passou, ao lembrar-se da recomendação: "Se você me aparece aqui atrasado, eu fico esperando você de bengala na mão!"

Chegou, afinal, o conferencista. Uma discreta salva de palmas saudou-o. Imediatamente a diretora do Centro Acadêmico levantou-se para apresentar o professor.

— Minhas senhoras, meus senhores: tenho o grande prazer de apresentar o ilustre professor Charles Dillberry, que nos brindará com uma conferência sobre Shakespeare... O professor Dillberry...

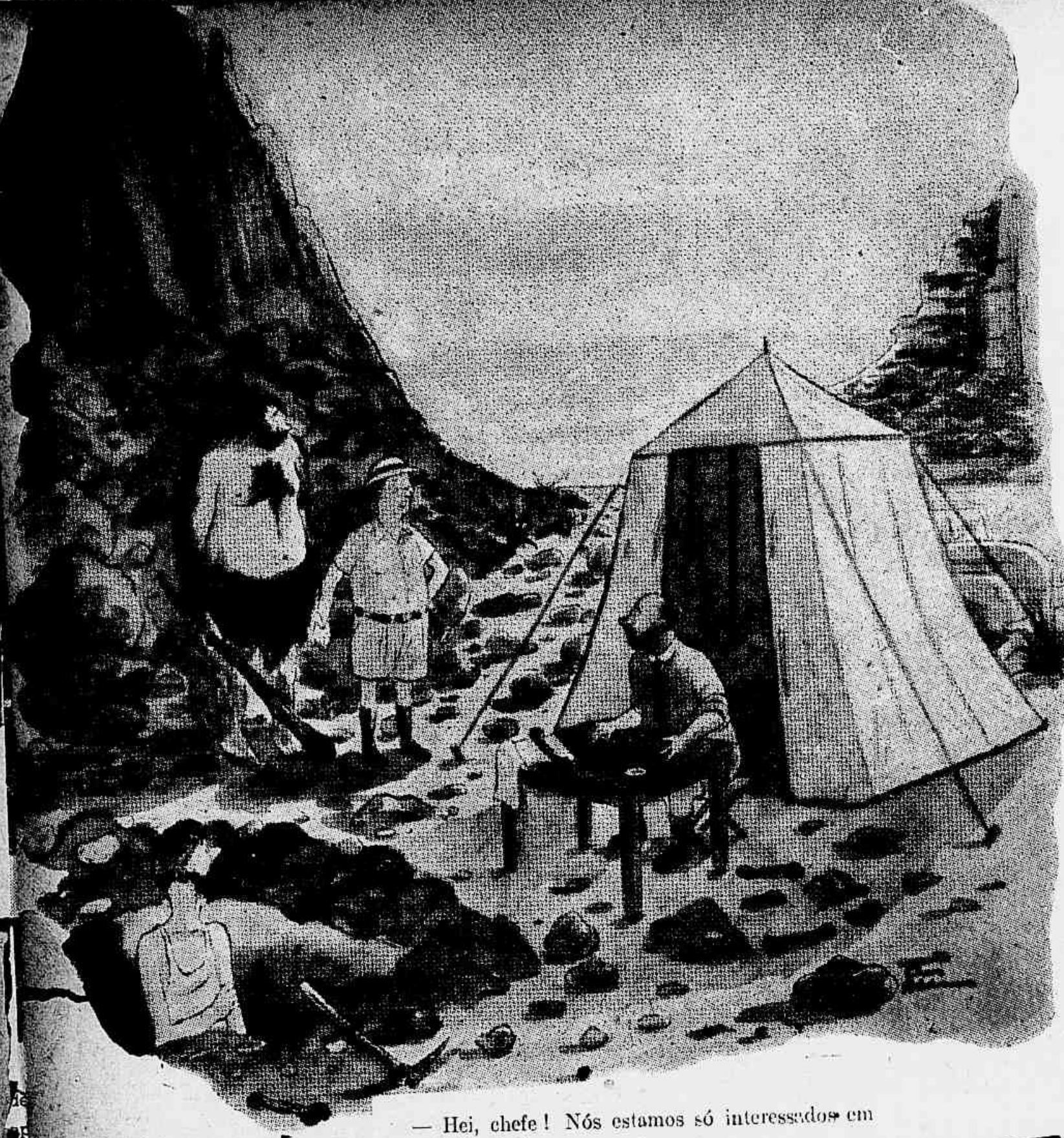
A eloquência da oradora falhou. Como ganhar tempo? Ah, um expediente prático! Tomando o copo d'água destinado ao conferencista, ela bebeu um gole e continuou, mais calma:

— ...O professor Dillberry apresentará, sem dúvida, o seu assunto de uma maneira original. Shakespeare, afinal de contas, é uma fonte que flui eternamente, permitindo que se desaltere, nas suas águas límpidas, qualquer viandante fatigado!

Conseguira dizer, finalmente, a frase preparada com tanto cuidado. Sentou-se. O professor tomou conta da tribuna, esp-

(Continua na página 40)

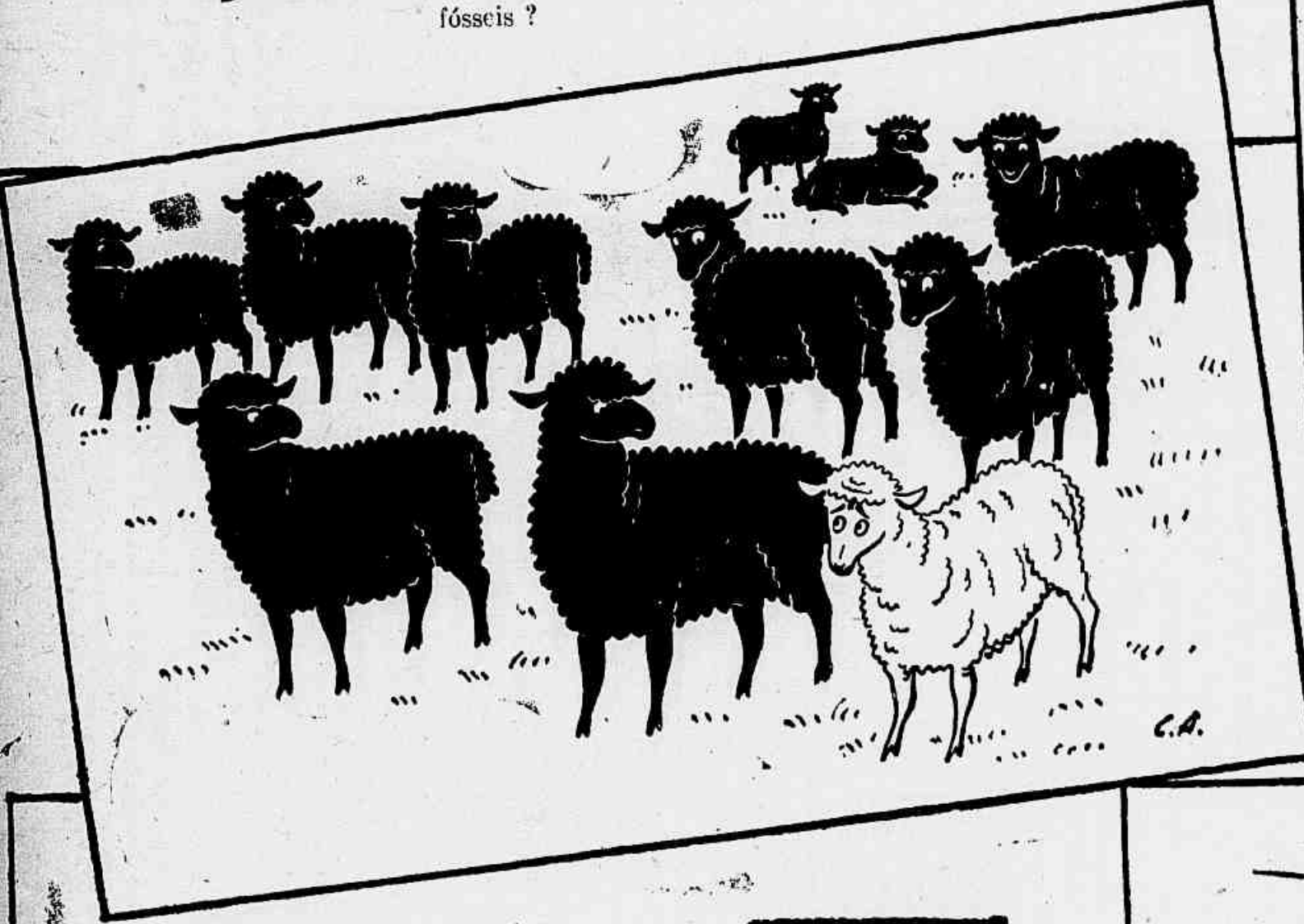
DE BOM HUMOR



— Hei, chefe! Nós estamos só interessados em fosséis?



— O colega tem uma aspirina?



— Uái!



— Não se esqueça, Smith, isto é rigorosamente um segredo militar, hein?

— A PROPOSITO DE UMA CRONICA DO NOSSO COLABORADOR R. MAGALHÃES JR., PUBLICADA EM NUMERO ANTERIOR DESTA REVISTA, RECEBEMOS DO SR. ALCIDES CARLOS D'ARCANCHY O SEGUINTE:

FABRICANTES DE UTILIDADES...

(FUTIL-BOLA, NOVAS-PAPELA, BALIPODO...)

1— Quem é brasilista não deve ser contra a brasilização do idioma do Brasil. Estribado nessa certeza é que, trabalhando *gratis pro Brasília*, venho-me batendo — no balipódio das idéias, a que se refere o distinto jornalista fluminense *Mário José de Almeida* — pela substituição, patriótica e necessária, do indefensível estrangeirismo *FOOT-BALL*... *FOOT-BALL*, porque? Porquê essa *foeditas barbarismi*, que, no autorizado dizer de *Alcides Gentil*, é "indigesto contrabando, assim no original como nos vários dislates empregados para lhe dar fóros de legitimidade vernácula"? Porquê e para que *FOOT-BALL*, o exótico, o cacográfico *FUTEBOL*, si temos *BALIPODO*? Ainda si esse *BOL* de *FUT* se adaptasse ao idioma brasilista, vá lá que o preferissem — pois de *gustibus non disputandum* — ao brasilismo. Mas *FUTIBOL*, que pela sonancia lembra *FUTIL BOLA*... Como pôde preferi-lo quem não é, quem nunca foi *FUTIL-BOLISTA*?

2— Isso não significa que eu seja, como infundadamente se imagina, "desses sujeitos" (quanta amabilidade!) "atacados de horror aos estrangeirismos"... Que não o sou prova, entre outras, a seguinte afirmação feita na 1.ª ed. d'A NOITE de — XI-44: "Da Alemanha, hoje Alemanha, é que provem o *BALL* de *FOOT-BALL*... Novidade surpreendente para os que imaginavam que da indomável Britânia é que proviesse *BALL* do alemão *FUSSBALL*... A mim, anglofilo e francófilo *pectore toto*, que aceito os britanismos e galicismos adaptáveis, mas rejeito, por incompatível com a índole latina e a riqueza de língua luso-brasilista, *FOOT-BALL*, *CHAUFFEUR* ("o horroroso *chefêr*" na frase de *Berilo Neves*) e outros peregrinismos injustificáveis, não me cabe, por certo, provar tal afirmação. Quem afirma é que deve provar. Facilmente o provará, si lhe aprouver, o meu insigne antagonista Prof. Dr. *Padberg Drenkpol*, a quem, sem recear tréplica, estou replicando ponto por ponto. Dêle é que são, textualmente, as seguintes palavras referentes

ao elemento *ball* de *foot-ball*: "... *BALLE' DE ORIGEM GERMANICA*, duma antiga raiz *BHEL* ou *BHOL*, inchar..." (v. Revista de Cultura, n.º 181, p. ág. 30).

3— Entretanto e não obstante a perfeita compreensibilidade das nossas razões em prol do brasilismo (tão compreensíveis que, a respeito, escreveu grande vernáculo Dr. *José de Sá Nunes*: "Prof. A. d'Arcanhy — Os seus argumentos em prol do belo e eustômico *BALIPODO* são tais e tantos que não poderão deixar de convencer os mais ferrenhos misoneístas"), continuo, não sei porque, incompreendido por alguns distintíssimos adversários... E é pena, pois muito poderiam fazer, com o prestígio e o brilhante talento de que dispõem, pela causa brasilizante. Entre esses está o telantossíssimo Sr. R. *Magalhães Junior* — escritor de primeira ordem, nome que fulge entre os maiores do nosso jornalismo,

4— Esse exímio jornalista, de cerebração extraordinária e que nenhuma cadência tem para *futil-bolizar* — entendeu, sem nenhuma motivo justo, apesar do seu espírito lúcido, da sua inteligência penetrante, que devia balipodizar-nos, a mim e ao saudoso brasilista *Castro Lopes*, balipodizando — como si inúteis fossem — os nossos "esforços brasilizadores", segundo diz *Modesto de Abreu*, "da linguagem técnica brasileira". Daí o seu artigo de 25-XI-44, na verdade muito bem escrito, mas sem razão de ser no tocante á crítica aos neologistas... que êle, despiudadamente (contrariando o seu pendor natural, que é a bondade) considera "*FABRICANTES DE INUTILIDADES*"... Fabricantes de inutilidades, porque?!

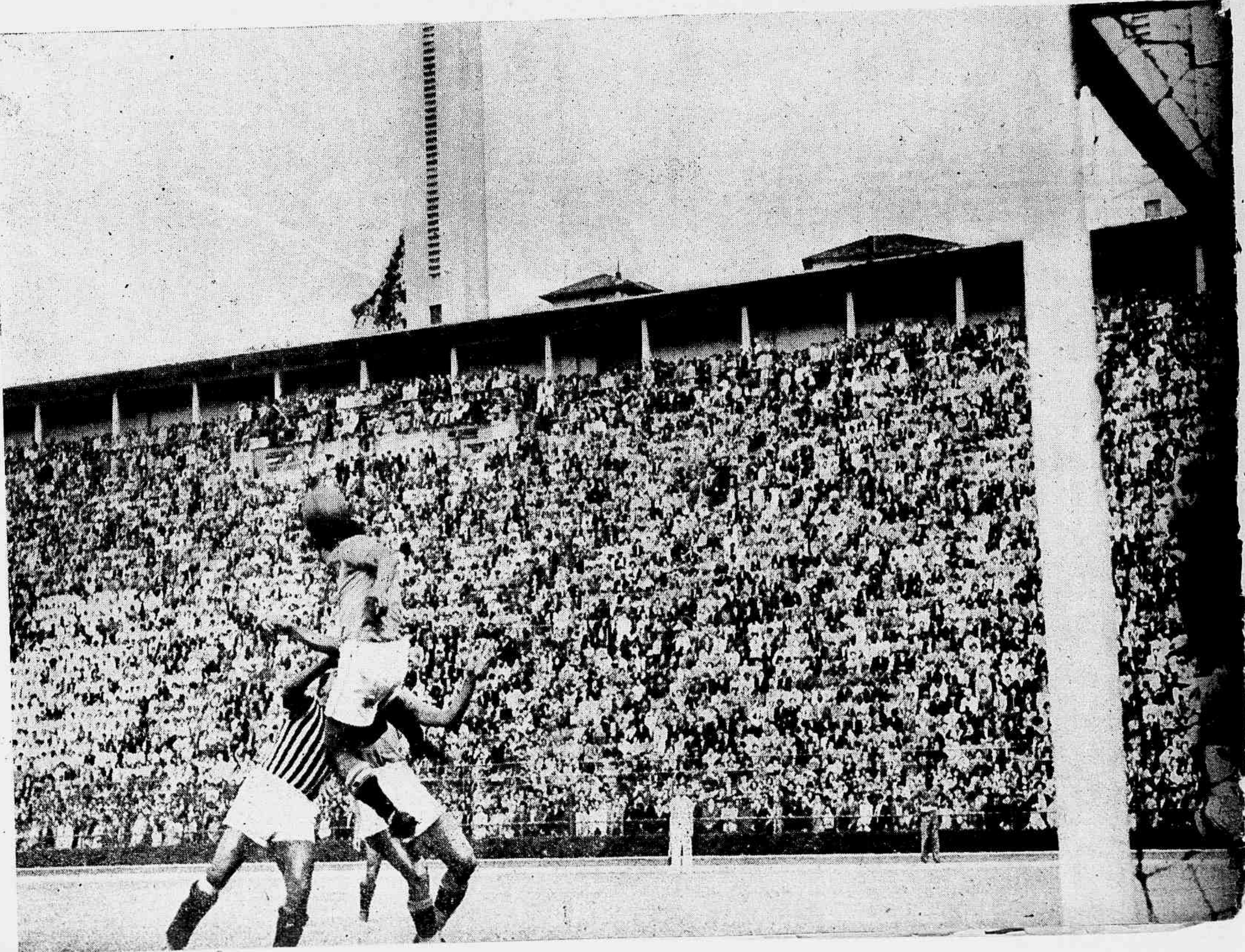
5— *FABRICANTES DE UTILIDADES*, isto sim, é o que, para dizer a verdade, deveria ter dito: a) — porque "os neologismos, quando necessários e de acordo com a índole da língua, constituem riqueza e devem ser adotados sem escrúpulo" (C. Porto Carreiro). b) — porque "quando não estejam conformes com o gênio da língua" (caso do *foot-ball*), "ou sejam desnecessários"

(caso do futebol), "devem ser repelidos como vícios de linguagem. Os neologismos viciosos são barbarismos..." (Dr. Carlos Porto Carreiro — Gramática da Língua Nacional); c) — porque os neologismos, quando necessários, "*et surlout s'ils ont été bien formés, deviennent des acquisitions durables, et définitives*" (Carré — Mots dérivés du Grec et du Latin); d) — porque o neologismo é um passo para a frente e para o alto (Dr. Gastão Pereira da Silva); e) — porque "cada progresso na linguagem" — dá-lo Bailly — "parte sempre de um indivíduo" (v. José Otília — Manual do Estílo); f) — porque "os neologismos são necessários á renovação do idioma. Nêles é que residem as forças vitais do vocabulário." (Fausto Barreto). Dêsse notabilíssimo filólogo são ainda, segundo a segura informação que nos dá o bom Mestre Dr. *Mário José de Almeida*, as seguintes palavras: "Combater os neologismos é combater a fertilidade dos campos que são sempre novos si houver novos lavradores". Foi defendendo essas "inutilidades"... que o saudoso *Fausto Barreto*, professor de tantos que por aí sabem o idioma *BRASILISTA*, conseguiu no antigo *Ginásio Nacional*, hoje neologicamente denominado *Colégio Pedro II*, o lugar de catedrático da língua *LUSO-BRASILISTA* ou *BRASILUSA*, antibrasilisticamente conhecida, como si o Brasil não merecesse homenagem, pela denominação lusitanizante de língua *PORTUGUESA* ou *PORTUGUES*. Que espécie de brasilismo é esse?!

6— Si "inutilidades" fossem os neologismos, como poderia, entre nós, o pentessílabo necrotério ter balipodizado o dissílabo *morgue*? Como poderia *Córrego São* chamar-se *Petrópolis* e *Destêrro* denominar-se *Florianópolis*? Como poderiam os russos balipodizar o *burg* alemão de *Petersburgo*, substituindo-o pelo *grad* eslavo de *Petrogrado*, hoje *Leningrado*? Como poderiam *locutor* e *motorista* ir balipodizando admiravelmente *speaker* e *chauffeur*? E porque não balipodizaremos, de vez, menu, que o povo não sabe pronunciar, si temos

(Continua na pagina 47)

O AUTOR DESTA ARTIGO, NO SEU FIRME PROPOSITO DE "BRASILISAR" O IDIOMA, CLASSIFICA O PRÉLIO DA GRAVURA ABAIXO, DE UMA RENHIDA LUTA DE "BALIPODO" — "TENDO EM MIRA EXPURGAR DE UM ESTRANGEIRISMO INDEFENSIVEL, QUE O DETURPA E ENXOVALHA", POIS "BALIPODO" É "PRECURSOR, QUIÇÁ, DE UM MOVIMENTO BRASILISTA DE EMANCIPAÇÃO DESSES METECOS QUE SE INFILTRARAM NO IDIOMA".



PROCURAÇÃO SINGULAR

A vida aventureira e desventurosa de João da Natividade Saldanha foi alvo de atenção por parte de dois diplomatas amigos de pesquisa e de letras, Ferreira da Costa, bem primeiro, Argeu Guimarães, bem depois.

Disseram ambos, por extenso, em livro, da existência de Natividade Saldanha, o poeta pernambucano de 1796, graduado em leis por Coimbra, participe da revolução de 1824 na província natal, dela fugitivo no malogro de sedição, errante na Europa. Morreu em Caracas de 1830, tendo por leito a rua, numa noite de silvos de vento e cachoar de chuva.

Para apuro de responsabilidades da Confederação do Equador, foi criada comissão militar, presidida pelo brigadeiro Lima e Silva, dez anos depois presidindo Brasil como regente do Imperio.

A junta militar cumpria ordens impostas à disciplina, segundo as formulas da lei marcial e assistência de um auditor de guerra.

Foi este o dr. Tomás Xavier Garcia de Almeida, rio-grandense do norte e ouvidor do Recife, arvorado em auditor pela força das circunstâncias.

Garcia de Almeida fôra condiscipulo de Natividade Saldanha na Universidade de Coimbra, onde como em toda parte a vida universitária despertava camaradagens, muitas para amizades até tumulo.

A Confederação do Equador reuniria no Recife os dois estudantes coimbrões, em posição diversa, Garcia de Almeida juiz, Natividade Saldanha réo.

Escapulado pela fuga, o réo não dava ao juiz o gosto de vê-lo. Desde Coimbra, Saldanha tivera por desafetos Garcia de Almeida e Pedro Mayer, a caustical-o, a lembrar-o mesfio. A ambos e a outros, replicava o melindrado, ora em verso epigramático, de zombaria dosada, ora com tudo quanto de linguagem bocagiana herdou o vernaculo.

Em Caracas, Natividade Saldanha, ainda em revido, tomou da pena e passou a seguinte procuração em termos jamais conhecidos por tabelães:

"José da Natividade Saldanha, bacharel em direito civil e canonico pela Universidade de Coimbra e advogado. Pela presente procuração por mim feita e assignada, constituo meu bastante procurador na provincia de Pernambuco ao meu collega, o illustre sr. dr. Thomaz Xavier Garcia d'Almeida para em tudo cumprir a pena que me foi imposta pela Comissão Militar, podendo até morrer enforcado, para o que lhe outorgo todos os poderes que por lei me são conferidos. Caracas, capital da Republica da Columbia, 19 de Agosto de 1825".

Inutil subestabelecer: Xavier de Almeida nunca empregou os poderes amplos da procuração. Morreu em 1870, no Rio de Janeiro, ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, sem ter conseguido ser senador do Imperio, o seu sonho dourado.

NATURALISAÇÃO CURIOSA

Na obra de civilização no Brasil do seculo passado, os nacionais receberam valiosa colaboração, a de muitos e muitos estrangeiros. Tiveram uns residencia temporaria entre nós, outros radicados em nosso meio social. Alguns jamais tornaram à patria, integrados na adotiva. A verdadeira naturalisação é a do coração, que outra póde ser fementida.

A lista dos estrangeiros prestimosos abrange não poucas nacionalidades, desde os primeiros dias do seculo XIX até os ultimos dias dele. Figuram naquela lista nomes ingleses, italianos, suíços, alemães, gregos, belgas, dinamarquês, polacos, austriacos, húngaros, russos, espanhóis, holandeses, suecos, portugueses, norte-americanos, franceses.

Os nomes de franceses são de industria lembrados em fim de lista, para mais particularmente destacar um nome, o de

José Francisco Sigaud

Nascido em Marselha em 1796, fez na patria o *baccalauréat des lettres* tão de vulto na pedagogia francesa, seguindo e completando estudos medicos na Faculdade de Strasburgo.

Vindo ao Brasil, a clinica, incorporou-se Sigaud no grupo de medicos franceses que o antigo Rio de Janeiro conheceu, quando o Brasil se desmetropolizava de Portugal.

No Primeiro Reinado treze medicos franceses clinicavam no Rio de Janeiro, gozando de confiança da população, entre eles os drs. Senéchal, Sigaud, Cuissart, Imbert, todos os facultativos franceses com muitos chamados.

No Rio de Janeiro, aí fixou residencia, Sigaud não só foi medico, tambem publicista e apostolo de caridade.

Medico, Sigaud aliou-se a colegas desejosos de fundação de sociedade medica, centro de comunicações scientificas reciprocas. Tal sociedade, transformada, vive hoje, é a Academia de Medicina.

Publicista, Sigaud deu à pena trabalho constante proveitoso. Desses trabalho duas provas se sobrelevaram

ESCRAGNOLLE DORIA SINGULARIDADES e CURIOSIDADES

Nenhum medico sabedor da historia da sua profissão ignora o *Du Címat et des Maladies du Brésil*; nem o estudioso pesquisador de passado patrio desconhece o *Anuario Historico e Estatístico* para 1846 e 1847.

Apostolo da caridade, foi Sigaud um dos fundadores e o primeiro diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Ao protetor e amigo, a morte cerrava os olhos a 10 de Outubro de 1856.

Residente no Imperio desde 7 de Setembro de 1825, Sigaud desejou naturalisar-se em 1854. Mesmo para estrangeiros de escól, as concessões de naturalisação eram cercadas de cautelas sem xenofobia. A casa da patria não venha qualq'ér.

A 17 de Maio de 1854, membros da comissão de Constituição do Senado, Araújo Vianna e Paulino de Souza, subscriviam numa declaração, à vista de requerimento do interessado. Autorisava o governo a conceder cartas de naturalisação ao Dr. José Francisco Sigaud com dispensa do lapso de tempo que faltasse para preencher dois anos de residencia posteriores à declaração de Sigaud na Camara Municipal, a 17 de Fevereiro de 1854, o naturalizado se abasilizando desde 1825.

MATURA SINGULAR

Pela raridade, pela solenidade, as defesas de teses nos Cursos Juridicos do Brasil constituíam outrora sucessos de grande monta intelectual e de grande atração à curiosidade publica, mesmo a dos que concorrem a qualq'ér ato publico vendo só para dizerem que viram e ouvindo só para finjirem que entendem.

No bom velho Brasil apenas em Pernambuco e em São Paulo se podiam realizar defesas de teses de Direito, nas capitais daquelas provincias, sem esquecer Olinda na primeira, instalados os Cursos Juridicos, depois Faculdades de Direito, do Imperio.

Nas duas Casas do Direito tres especies de provas publicas havia, a dos concursos para catedras, a das defesas de teses para completar a bórta com o capêlo, a dos exames gradativamente habilitando estudantes a dia de receber grão.

Estas especies de provas publicas nas Casas do Direito tinham carater diverso, concursos e defesas de teses, pela importancia, bem mais de discussão e afluir de publico que os exames de fim de ano com os seus *aa* de aprovação e os seus *rr* de reprovação expressos por b'las brancas e pretas, estas ao simplificarem no quinto ano a "borrarem cartas", honradas pelas aprovações plenas.

Nos exames escolares, aos olhos de algum vadio, mas em desconto tendo ouvido falar em mitologia, os tres examinadores poderiam parecer aparentados com os tres juizes dos infernos a sentenciarem nos dominios de Plutão.



Dr. Neves Gonzaga Filho.

Nas defesas de teses os membros da Congregação, em filas de gente togada de negro, sentada nas doutorais, deviam dar ao candidato impressão especial no seu aspecto de tribunal sentenciador sem apelação nem agravo, um defendente a proteger as suas teses contra os ataques, as ironias de varios arguentes, algum mais acalorado podendo chegar a contumelia.

Nos concursos reproduzia-se a cena, que no tempo das arguições entre candidatos subiam a ponto de batalha, se incruenta.

Tudo quanto aqui se avança poderia ser exemplificado, até dolorosamente com a lembrança de suicidio de candidato em consequencia de concurso. E' preferivel recordar sem magoa, nem de memoria, antes pondo presente um caso original.

Na legislação do Imperio figurou, em obediencia a resolução legislativa, um decreto nunca dantes lido, nem jamais depois obtido, decreto de dois artigos, dizendo o primeiro:

"Antonio Pereira Rebouças está habilitado para advogar em todo o Imperio, independente de licença de Presidentes de Relações, como se fôra Bacharel Formado ou Doutor em Sciencias Juridicas e Sociais."

Lidador da Independencia, parlamentar illustre, advogado do Conselho de Estado, autor de uma *Consolidação das Leis Civis*, prefaciada por Teixeira de Freitas, autodidata a hombrar no fôro com os melhores juriconsultos, Rebouças mereceu o decreto que fôra de Faculdades lhe deu bórta e capêlo.

CONCURSO CURIOSO

As provas publicas de habilitação nos concursos são em geral seguidas de prova suplementar, a das queixas e recriminações pela imprensa. Partem de candidatos se julgando prejudicados por classificações tidas por injustas. Doloridamente todos os concurrentes entendem lhe serem devidas as mais elevadas notas, cada qual se considerando um sabio entre ignorantes.

No Rio de Janeiro, capital dos concursos, certamente da especie houve escape à regra das lamentações de candidatos em raiva.

Entre os estabelecimentos hospitalares mantidos pela Santa Casa da Misericórdia carioca conta-se na Gambôa o Hospicio de Nossa Senhora da Saude, invocação a prometer esperança a enfermos.

Vagando em 1874 lugar de medico naquele hospital, onde então Domingos Freire iniciou depois experiencias bacteriologicas para combate ao microbio da febre amarela, um joven recém-formado, o dr. José Basileu Neves Gonzaga, pediu ao Dr. Ferreira Vianna uma carta de recomendação para o provedor da Santa Casa, o Conselheiro Zacarias.

Ferreira Vianna dissuadiu Neves Gonzaga. Empenhos para Zacarias não eram cousas viaveis. "Vá sósinho", foi o conselho de quem só em 1888 seria conselheiro da corôa.

Neves Gonzaga seguiu o conselho. Procurou Zacarias, pediu, ouvindo resposta seca:

— Acho-o muito moço para entregar-lhe uma enfermária, tenho outros pretendentes e nomearei um deles.

Entre palidez, desgosto e gaguejo, Gonzaga retorquiu:

— Sinto não ser o lugar de concurso, inscrever-me-ia para punir-me do arujo do pedido.

Zacarias não era homem que ficasse sem ultima palavra:

— Bem sabe, o lugar é de confiança, não de concurso.

Confessou Neves Gonzaga não saber bem como chegara à rua sem ter rolado as escadas do escritorio de advocacia de Zacarias.

Era então a Secretaria da Santa Casa ocupada por um austero e um probo, Francisco Augusto de Sá, pai do escultor Eduardo de Sá que lhe seguiu todos os exemplos na dignidade de viver, modesto como poucos, pobre como muitos.

Para avaliação dos serviços de Francisco de Sá, basta lembrar que sobremaneira contribuiu para ser entregue à Santa Casa o monopólio funerario. De Sá, dizia o Conselheiro Paulino de Souza, provedor da Santa Casa: "este homem pobre poderia comer em pratos de ouro."

Com pessoa tão meritória, a quem cumpria render alta homenagem, encontrou-se o dr. Neves Gonzaga no largo de São Francisco de Paula, dias depois de sua visita a Zacarias.

Surpreendeu-o Sá: avisando-o:

— Vá inscrever-se. Por sua causa, o Zacarias mandou abrir concurso.

Neves Gonzaga, o fez sem perda de tempo. A inscrição vigente quinze dias teve prazo encerrado com unico inscrito, inutil apontal-o como se vae vêr.

O Provedor da Santa Casa chamou o diretor Sá e determinou-lhe:

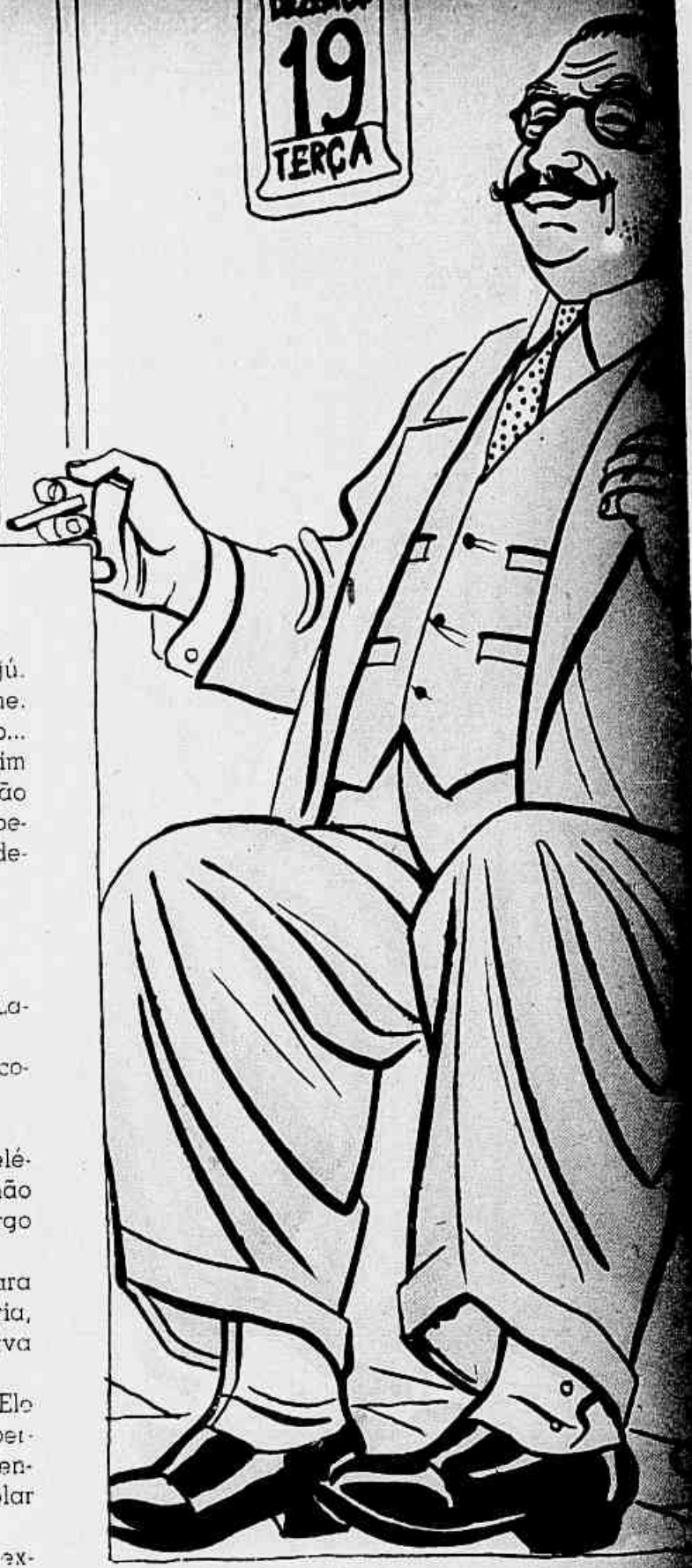
— Nomeie o Gonzaga, não ha mais concurso.

O nomeado foi agradecer. Zacarias observou sorrindo, e ele pupava sorrisos:

— Não me agradeça. O senhor foi nomeado pelos que não se inscreveram.



DEZEMBRO
19
TERÇA



Em geral, não havia nada que fazer no escritório da firma Corrêa, Pereira & Cia. As atividades terminavam praticamente à hora do almoço, quando o sr. Antônio Pereira, o sócio-gerente — o Pereirinha, como era conhecido — batendo no ventre com as mãos gorduchas, abandonava a sua papelada e saía gingando as banhas, rumo à "Petisqueira do Minho". Quase sempre não voltava mais, pois do restaurante seguia diretamente para a fábrica, e nós ficávamos então com a tarde livre, extraindo faturas, sobrescritando envelopes e pondo a escrita da casa em ordem.

Como a firma ficava do lado do sol, o Matos, o caixa, descia os "stores" e o ambiente mergulhava numa penumbra tão gostosa, tão morna, que apenas a custo eu conseguia vencer o sono. O mesmo, porém, não fazia o Sales, o contador, que, sob o pretexto de ter que se haver com uns cálculos de responsabilidade, fugia de nós e se enfiava na sala do patrão, onde o seu cochilo ficava a salvo de qualquer importunação.

E era assim, nessa pasmaceira à meia luz, que passávamos as tardes — o caixa a ler romances, o contador a dormir, eu a catalogar faturas e o Moreira a passar vagarosamente, quase carinhosamente, as cartas da firma para o copilador. Ah! a arte com que ele levava a cabo essa tarefa. Era um virtuoso no assunto. Com um gesto teatral molhava o pincel chato e, a seguir, passava-o ao de leve, bem ao de leve, sobre a folha do copilador. Depois, com a ponta dos dedos colocava as cartas em posição e, com um movimento rápido, fechava o livro e levava-o à prensa. Tudo isso sempre no mesmo ritmo, em gestos precisos, quase elegantes, como se estivesse posando para uma "camera".

E como ele defendia o espaço nas folhas do copilador!... Onde para demais empregados caberiam talvez três cartas, ele lograva incluir quatro e até cinco. E isso sem quebrar a estética, tudo muito bem pôsto, sem que uma vírgula ou um til escapasse aos poderes da prensa e da tinta de cópia.

— Disso não há mais no mercado, dizia ele a miude, referindo-se à qualidade do copilador. É um artigo inglês.

E dando um estalo com os dedos magros:

— Isto é papa fina, rapazes. Foi o filiado pai do sr. Corrêa quem comprou a partida de copiladores que aí está, quando andou por Portugal. Isso em 1919, logo

depois da outra guerra, e por um preço de dar água na boca.

E num sorriso de orgulho:
— Vêem? Ainda duram até hoje. Isso porque sou eu quem tem tratado deles. Sei aproveitar o espaço. Fosse outro, há muito que já teriam acabado...

Ai pelas três horas, costumava aparecer pelo escritório o velho Pinto Gomes. Devia andar pelos oitenta, mas ninguém lhe dava mais de sessenta. Rijo como quel' Era tio da mulher do sr. Pereira e, como todo velho sem ocupação, gostava de ter o seu pouso na Avenida. O pouso dele era o nosso escritório, e para lá é que mandava levar os seus colarinhos engomados, os seus remédios, as suas compras, os seus recados e era de lá que dava os seus telefonemas.

Vestia invariavelmente um terno côr de tabaco e trazia sempre à lapela uma flor qualquer, de preferência um botão de rosa. Um chapéu de Chile, de abas largas, uma gravata azul com pintinhas brancas, e umas botinas de verniz com cano de feltro abotoado nos lados completavam o seu figurino.

Graças ao seu hábito de caminhar batendo com a ponteira da bengala no lagado do corredor, nós sabíamos com a antecedência de alguns minutos a sua chegada. Digo de alguns minutos porque o velho Pinto Gomes antes de entrar no nosso escritório parava um pouco à porta da sala de um corretor da Bolsa, afim de saber a quantas andavam as cotações do dia. Não que tivesse ações para zelar, pois que não as possuía jamais. Mas, apenas, por curiosidade, para achar que tal empresa ia bem ou não, para falar mal das finanças públicas...

Naquela tarde ele nos surgiu, como de costume, gritando da entrada um "ora, viva!" cordial. Depois perguntou pelo sobrinho, pela saúde de cada um de nós, e lá se foi para perto do Sales, que, à ocasião, lia, entre suspiros, a história dos últimos dias de Pompéia. Toda vez que o Pinto Gomes se dirigia ao Sales, era para lhe indagar sobre a saúde de um tal Lostada. O caixa levantava, então, os olhos e lhe respondia com um "vai indo..." tão desconsolado que, a princípio, eu tinha a impressão de que esse senhor deveria morrer dentro de duas ou três semanas. (Eu não conheci o Lostada, pois quando entrei para a firma ele se tinha aposentado. O caixa, entretanto, era seu vizinho e sabia, como ninguém, como iam os achques do antigo empregado dos srs. Corrêa, Pereira & Cia.).

Inteirado sobre a saúde do Lostada, o velho Pinto Gomes veio sentar-se à minha frente e começou a preparar tranquilamente o seu goiano.

— Sabes? disse-me ele, de chôfre. Morreu o nosso Duarte Silveira...

— Oh! fiz eu sem maior emoção, grampeando umas faturas para Porto Alegre.

— Pois é, continuou. Morreu esta manhã. Os funerais são agora à tarde...

E, como que monologando:

— O diabo é que o entêrro é no Cajú. Muito longe... E o tempo não está firme.

Lá para a Tijuca estava relampejando... Não lhe dei resposta, pois que a mim tanto se me dava que ele fosse ou não aos funerais. E durante algum tempo apenas ouvi o ruído monótono dos seus dedos amaciando a palha do cigarro.

— Conheceste-o?

— A quem? perguntei.

— Ao Duarte Silveira.

— Como não! Fomos vizinhos em Laranjeiras.

E para reforçar a prova dos meus conhecimentos com o morto:

— Era aposentado nos Correios...

— Nos Telégrafos, mulher! Nos Telégrafos! atalhou o Pinto Gomes. Pois não te lembrás dele ali, na agência do largo do Machado?

Não, eu não me lembrava. Mas, para evitar novos piparotes à minha memória, retruquei-lhe que sim, que me lembrava perfeitamente.

Fez-se outra vez uma longa pausa. Ele acendeu o seu goiano e, com o olhar perdido no teto, pôs-se a saboreá-lo, enquanto que com a mão direita fazia rolar a caixa de fósforos sobre a mesa.

Súbito, como que voltando a si, exclamou:

— Foi o diabo em moço... Foi o diabo!

Eu olhei-o, surpresa.

— Refiro-me ao Duarte Silveira, explicou.

E pasando os dedos pelos bigodes:

— Conheci-o em S. Paulo, ao tempo em que era aluno da Faculdade de Direito.

— Ah! ele era formado? perguntei, abandonando por momentos as minhas faturas.

— Não. Cursou até o terceiro ano apenas. E, isos mesmo, nem sei como, porque o tempo sempre lhe foi pouco para a pândega. Deixou fama... deixou fama...

E o velho Pinto Gomes acrescentou que tinha sido uma pena que o Duarte Silveira não se tivesse formado.

— Porque inteligência não lhe faltava. Inteligência e estampa. Foi um rapagão bonito como poucos. Possuía uma cabeleira romântica, que lhe ia admiravelmente bem com a palidez do rosto. A palidez tradicional dos Silveiras... Oh! Ele tinha raça... Aquelas mãos finas de fidalgo, aquele senso apurado sobre as coisas belas!... Sim, ele tinha raça!

E tirou com força uma última fumaça do seu goiano.

— Nessa época, continuou, jogando o cigarro para o chão, eu vivia com os meus em São Paulo. Ele morava na mesma rua e, como éramos mais ou menos da mesma idade, andávamos frequentemente juntos.

Meu pai conhecia bem a família dele. Era gente aí de Sabará, se não me engano. De há muito, porém, que viviam todos no Rio. Ao que eu saiba, não eram ricos, mas gozaram sempre de grande destaque na sociedade de então. Isso, gra-

ças principalmente ao avô, que foi um dos professores mais eminentes de D. Pedro II, nos dias da Regência.

O velho Pinto Gomes fez uma pequena pausa, como que para dar tempo a que a sua memória se adiviasse.

Depois prosseguiu:

— Ninguém pôde com a vida dele, em S. Paulo. Eram pândegas, noitadas, serenatas, bebedeiras, o diabo! O dinheiro que recebia de casa não lhe chegava nunca para meia-missa. Desaparecia logo em vinhos, em cantorias, em desperdícios de toda ordem. Sabes? Eu acho que um rapaz tem o direito de se divertir, de saborear os seus pecados... Mas tudo isso tem um limite. E esse limite nunca o Duarte Silveira conheceu. Não! Para ele tudo quanto não cheirasse a mulhério a pândega, a alegria não tinha o menor valor. Um doido!...

— Mas ele sempre me pareceu um homem sério, comentei.

— É porque apenas o conheci agora, depois de velho. Eu, não. Eu o conheci aos dezenove anos e quando se deixou empolgar pela Rosita Muñoz, uma cômica espanhola de fama que não sei por que cargas d'água deu com os custos em S. Paulo.

E com entusiasmo:

— Oh! a Rosita... Que mulher! Qual... Daquilo não vem mais para cá. Que olhos!... Ainda me lembro bem deles. Tinham mais fogo e mais calor que todos os sóis dos trópicos. Não! Daquilo não há mais...

Fez-se um silêncio. Alisando as pontas dos bigodes, Pinto Gomes perdeu-se, por instantes, na nostalgia das suas reminiscências. Afinal, pigarreou e retomou o fio da sua narrativa:

— A Rosita acabou destruindo por inteiro as finanças do Duarte Silveira. Não sei se ela o amou também, pois a gente nunca sabe até onde uma espanhola bonita diz a verdade. Sei apenas que ele perdeu por completo as estribeiras e quase se afundou em dívidas. Sim, porque não houve capricho da Rosita que ele não se apressasse a satisfazer. E nós bem que sabemos de quantos caprichos é capaz uma cômica. Eu que o ciga!...

E, com um suspiro, pôs-se a brincar, distraído, com a corrente do relógio.

— A situação do Duarte Silveira tornou-se insustentável, continuou. Tinha credores em cada bairro, em cada rua, quase em cada casa. Um inferno!... Foi nessa ocasião que ele começou a falar

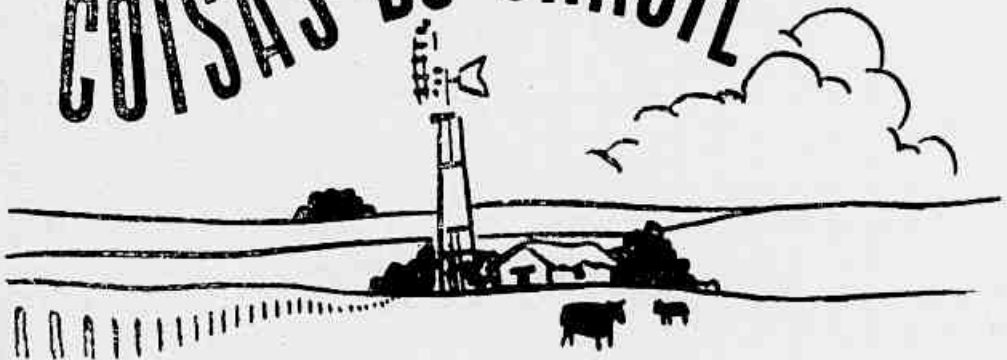
O HOMEM QUE VENDEU O CREDOR

Conto de Zenaide Andréa
Ilustração de José Antonio



20

COISAS DO BRASIL



Dois flagrantes típicos e pitorescos das regiões dos Pampas. Ao alto, trabalhadores rurais "capinando" o arrozal na Colônia Penal Agrícola. Largos chapéus de palha protegendo os homens rústicos e sadios do campo, foices em punho e dorsos recurvados por sobre o campo, lá vão eles colhendo as sementes de arroz, entoando seus cânticos e "charlando" sobre as pequenas ocorrências do vilarejo... Em baixo, o gaúcho clássico e imponente das regiões de Uruguaiana, montando o seu cavalo de estimação, cada qual mais disposto a longas marchas e largos trotes pelas planícies imensas... Gaúcho de rija têmpera, homem que não rejeita parada mas está sempre no seu lugar, para o que der e vier. Eis dois aspectos genuinamente sul-riograndenses e perfeitamente integrados na vida campestre daquelas plagas.





O encerramento da temporada cinematográfica de 1944 fez-se com a apresentação, quase simultânea, de alguns filmes interessantes e muito bem recebidos pelo público. Tivemos o sucesso inesperado de um filme português, "O Costa do Castelo", com várias semanas de exhibições consecutivas no mesmo cinema. E, posteriormente, dois "musicados" de real agrado, "Modelos" e "A Preferida". Este fim de ano foi, aliás, fértil em filmes espetaculares, cabendo aqui recordar o agrado maior de "A Filha do Comandante". Todavia, o grande acontecimento de 1944, principalmente nos meses derradeiros da temporada, foi "Madame Curie", a pelí-

cula que reuniu outra vez os mesmos intérpretes de "Rosa de Esperança" e "Flôres do Pó": Greer Garson e Walter Pidgeon.

A biografia animada de Pierre Curie e sua esposa, de início, parecia ser apenas um sucesso artístico, sim, mas talvez não confirmado junto às camadas de público mais habituadas a encontrar no cinema um simples entretenimento. Desta vez o filme sério, quase científico, lavrou um tento e ficou em cartaz, no cinema lançador, mais tempo que uma comediazinha enfadonha de Mickey Rooney, que já está ficando "démodée"... Reistre-se, pois, o fato auspicioso e não continuem os pessimistas caluniando o público. Ele sabe o que é bom. E quando é bom mesmo comparece.

A PROPOSITO DE "MADAME CURIE"

Por CELESTINO SILVEIRA



A FORÇA DO HÁBITO

NOITE DE "REVEILLON" NAS "GAFIEIRAS"

Escreveu CÆLIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA



UMA VISITA AS GAFIEIRAS — JÁ NÃO EXISTEM MALANDROS NOS BAILES POPULARES — NEGRO POPÓ, O DITADOR DO SAMBA — QUEIXAS E RECLAMAÇÕES — O PESADELO DAS DONAS DE CASA — A TURMA É BOA MAS UMA BUSCA É SEMPRE NECESSÁRIA — "NUIT DE RÉVEILLON DANS LA GAFIÈRE" — AS TRÊS GRAÇAS DO ELITE CLUBE.

Desde os tempos da velha Grécia, de saudosa memória — terra das artes de linhas serenas, onde elas nas noites de luar bailavam ao som dos pifanos e das líras, soltos os longos cabelos sobre as túnicas de gaze que esvoaçavam ao vento — a dança foi sempre um belo prelúdio de romance, um doce aperitivo do amor.

Passou porém a Antiguidade, a Idade Média se foi, mas a dança continua ainda, substituídos, é lógico, os velhos bailados clássicos pelo dinamismo vertiginoso do **swing** e pelos requebros repenicados do sambinha do mórro.

Hoje a dança mercantilizou-se, com furinhos a três cruzeiros nos "dancings" do centro e damas hipotéticas nos "grill-rooms" aristocráticos.

Existe entretanto ainda, para consolo do pobre, a dança barata e desprestigiada das gafieiras, sem exigências de traje e sem preconceitos de raça, onde os descendentes de Cam formam a maioria esmagadora, mas onde os brancos também tem seu lugar, respeitadas as exigências da polícia de costumes e o preço da entrada.

A GAFIEIRA NÃO É DOS MALANDROS

A gafieira, a casa de danças populares onde a população negra do Rio encontra um dos seus divertimentos mais baratos, tem sido amplamente caluniada e difamada, pois o povo em geral, baseando-se em informações errôneas e notícias apressadas, formou a idéia destes clubes como antros de malandragem e orgia desenfreada, onde os facinoras da urbs, de navalha em punho, disputam mulheres fatais.

Foi, pois, em busca desse pitoresco perigo que percorremos na última noite do ano os clubes populares da cidade, à cata de apaches e gigoletes, de ópio e de facas-punhais.

A decepção, porém, encontrou-se conosco na primeira sala de dança. Reuniam-se ali uma pequena multidão pacata de homens do trabalho, que haviam ido esquecer nos braços das mulatas feiticeiras as agruras de um dia de "batente" e a conta do senhorio.

As damas, disputadíssimas como em todos os bailes-famílias da cidade, eram as mesmas que a gente encontra todas as madrugadas nas filas intermináveis do leite ou da carne, para vê-las novamente ao meio-dia, de sacola em punho, discutindo com o dono da barraca da feira.

Mas no topo da escada da gafieira cessam todas as funções civis. Ali cada uma tem o seu valor estipulado pelos dotes físicos e pela agilidade e perfeição de seus passos coreográficos.

Nenhum dos frequentadores da gafieira prefere este ou aquele par pelo fato de ser ela a melhor fabricante de bifés à milanesa ou a mais perfeita engomadeira de colarinhos de todo o distrito.

Aí está mais uma das causas da aceitação absoluta da gafieira pelas criadas. A vaidade instintiva das mulheres, solta dentro da alma das domésticas, as obriga logicamente a preferirem ser uma grande dançarina de tango argentino, elogiada pelo estivador de seus sonhos, a ser uma arrumadeira de casa medíocre, fiscalizada pela patroa exigente.

A LIGA CONTRA A GAFIEIRA

Eis por que, para as donas de casa, a gafieira constitui um pesadelo constante. Foi sempre ali que a sua melhor cozinheira encontrou um noivo que a levou consigo, em viagem de nupcias, para nunca mais voltar. Foi ali que a Dorinha, lavadeira exemplar, foi descoberta num dia de Carnaval por um empresário excêntrico. E a Dorinha, hoje "girl" de uma companhia de variedades, fotografada infamemente pelo cinema nacional, quer lá mais saber de lavar as fraldas do Juquinha e engomar os colarinhos do doutor!

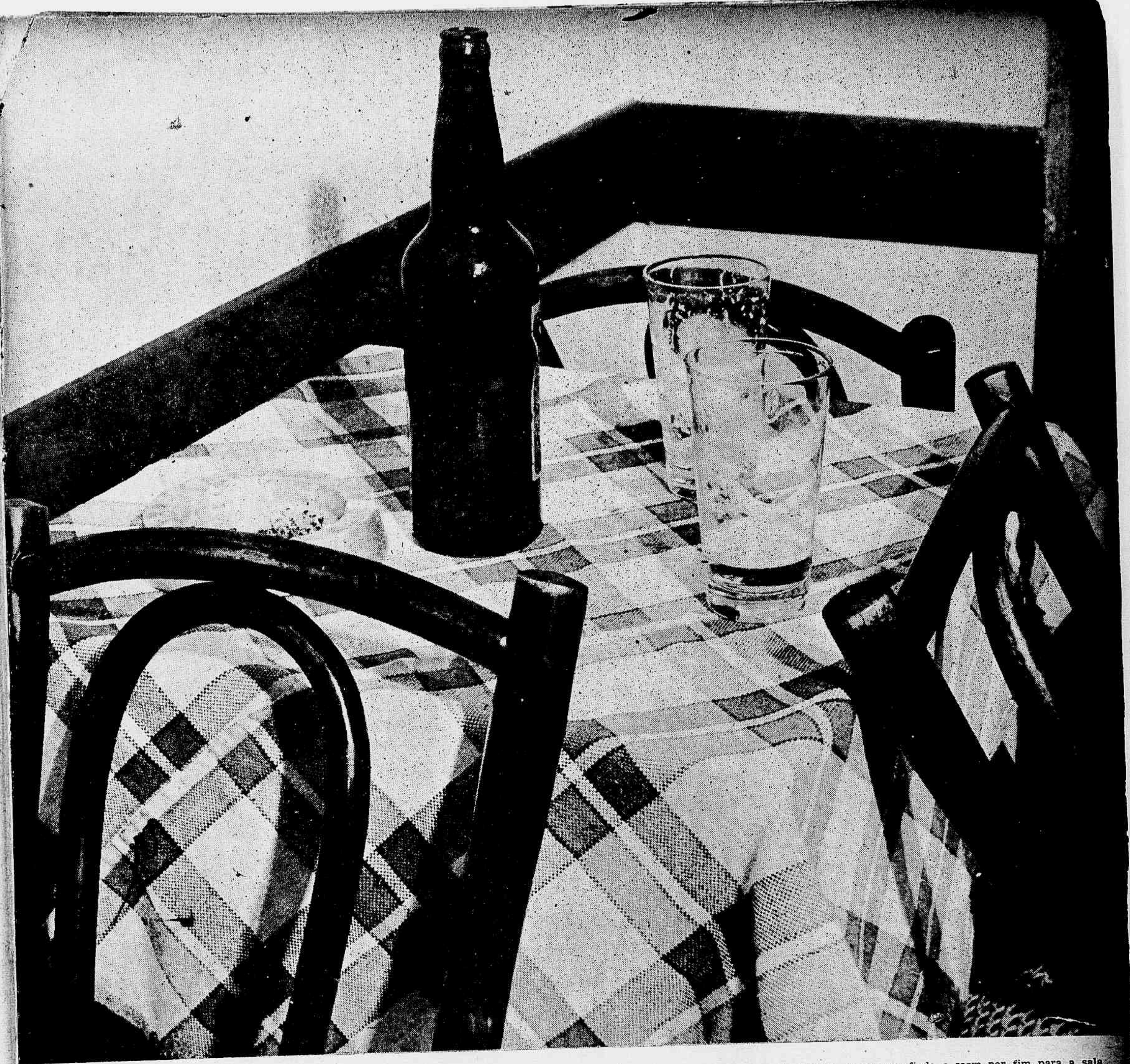
E o sonho mau continua. Quando contrata uma empregada a pobre dona de casa a submete sempre a um rigoroso interrogatório:

— Acorda cedo?

O samba tomou conta da gafieira. Os instrumentos choram, a música enche a sala, todos dançam e parece que as próprias cadeiras vão cair também no samba. O ritmo ardente e sentimental do morro sai pelas janelas e se espalha pela praça da República. Já não existem tristezas, já não existem amarguras. Só existe o samba. Todos se entregam ao samba.

Nos braços da "chorena" dengosa Popó se esbalda.

As três graças da gafieira sorriem para o fotógrafo. Quando elas pisam o salão um movimento de cabeça marca a sua entrada triunfal. Uma verdadeira revolução opera-se na sala de danças. Os admiradores fazem fila à espera do prêmio de uma contra-dança. E as três graças distribuem sorrisos e olhares, cômicas do seu encanto e do seu doce veneno. Amanhã, terminada a noite de glória, estarão novamente na copa ou na cozinha.



E' no bar justamente que os "habitués" das gafieiras encontram muitas vezes o par de seus sonhos. Tomam um copo de cerveja, conversam fiado e saem por fim para a sala de dança, enlaçados numa valsa amorosa. Na mesa fica apenas como um marco comemorativo do início do romance a garrafa vazia. E ali fica a garrafa às vezes a noite toda, à espera de que voltem os ocupantes da mesa. Mas se a cerveja é generosa e suave, mais sedutora é a dança. E a mesa continua à espera dos dançarinos. As cadeiras encostadas são um aviso mudo: "Teem dono".

— Sim, senhora!
— Sai à noite?
— Não, senhora! Deus me livre! Só quando tem no-vena no outeiro da Glória.
— De onde você é? Vê-se logo que não é daqui.
— Daqui, não, senhora. Não vê logo? Sou de Diamantina. Já servi de Madalena numa procissão do Entêrro, diz alizando os longos cabelos.
— Não há dúvida, você me serve.
E logo em seguida:
— Quanto você quer ganhar?
— Uns cinquenta mil réis por mês, com casa e comida.
Mas eu arrumo, passo e cozinho.
— Está direito — diz a dona de casa.
E vai ela mesma levar a bagagem da mulatinha ao quarto, com medo de perder aquele tesouro.
Tudo corre bem até o primeiro sábado. Neste dia Maria fica à janela do apartamento, olhando a rua iluminada, com saudades da terra natal.
Dez hors da noite. A orquestra da gafieira em frente lança pelas janelas os primeiros acordes da grande noite.
— Deve ter baile no vizinho — pensa Maria. E des-cendo as escadas dos três andares (ela ainda tem um medo terrível de elevador), a mulatinha bonita vai para o baile na casa da frente.
D. Sebastião voltou? — Nem Maria. Agora ganha tre-zentas pratas por mês, faz permanentes no salão da esquina,

toma banho de mar no Flamengo, é a coqueluche de três gafieiras de classe e já foi "cantada" por quanta escola de samba há, para ser porta-estandarte.

E a dona de casa tem agora outra menina de Ouro Preto, que está treinando para entrar no "Flor de Abacate".

Eis aí o motivo pelo qual todas as senhoras do Rio constituem, instintivamente, a liga contra a gafieira. E' ela que lhes leva as melhores empregadas. E' ela a cul-pada da Rosa cozinheira não querer tirar o esmalte das unhas contra o fundo das panelas. E' a ela que devem a sonolência dominical da copeira, que não entrou de ma-drugada na fila da manteiga. E a casa está sem manteiga, pois também o filho da família, o estudante Roberto, ainda dorme.

E, embora a mãe não o saiba, o seu sono se deve ainda à gafieira. Sim, pois ele foi o par constante da co-peira durante toda a "soirée".

Foi assim que as donas de casa declararam guerra às gafieiras, aliás uma guerra improficua, pois as suas pala-vras e a sua ira nunca poderão vencer a atração atávica dos negros pela dança, um instinto que lhes foi legado há dois mil anos pelos tan-tans selvagens das matas afri-canas.

"NUIT DE RÉVEILLON DANS LA GAFIÈRE"

A gafieira, como todos os clubes de dança, tem tam-bém os seus grandes dias. A noite de São Silvestre é um

dêles. Há festa em todos os subúrbios, há festa nas gafiei-ras do centro da cidade.

E para ver esta grande festa, com que os negros da santa Cidade de São Sebastião se despediam do ano da graça de 1944, andámos pelas gafieiras da urbs, indo final-mente parar no Elite Clube, a mais tradicional de tô-das elas.

Ali, nos domínios de Dino, como é mais conhecido o sr. Ramiro Simões, dono da "tradicional casa de diversões", conseguimos conhecer de fato a gafieira típica, onde a dança dos negros atinge o fervor religioso pela coreografia mística e onde, em noites de festa, os preconceitos desaparecem e as virtudes se negam.

Mas sob os olhares teimosos de Dino, que chefi a casa há quatorze anos e por isto mesmo conhece todas as manhas dos bailarinos e sabe como evitar qualquer abuso, as danças se desenvolvem dentro do mais perfeito ritmo das exigências da lei e dos códigos austeros da moral.

Ao subirmos as escadas do Elite não pudemos escapar à busca rigorosa da polícia, que evita zelosamente o uso de armas nos salões de bailes, afim de evitar que a festa se transforme em velório.

Um rapaz forte com quem conversámos esclarece-nos esta medida policial:

— A turma aqui é toda boa e pacata. Mas, por via das dúvidas, uma busca nunca é de mais. Sempre pode acontecer que alguém esqueça no bolso a navalha de

barba. E navalha e cerveja nunca se devem misturar. Achamos razoável o argumento, apesar da frase que ouvimos antes de um policial experimentado:

— Malandro, malandro mesmo, até na boca esconde a arma.

Mas havíamos transpôto a entrada e estávamos em pleno salão de baile. Começava o "réveillon" da gafieira.

A orquestra abria a grande noite e os pares rodavam num delírio louco, despedindo-se do ano velho, saudando o ano novo.

O "réveillon" da gafieira continuava, sem o apêto das gravatas brancas e das camisas de peito duro, folgada dentro dos paletós sacos, de sapatos "quá-quá-quá" arrastando pelo pavimento de tacos baratos.

Nas paredes os pares não se refletiam em espelhos Luiz XV, mas a dança era a mesma de todas as partes: lírica, sentimental, vibrante de melodia e de sensualismo.

Um samba dolente da Favela invadiu a sala, a alma carioca vibrou inteira nas vozes dos instrumentos.

De repente, as luzes se apagaram, o silêncio se fez durante alguns segundos e os últimos acordes do samba saudoso ressoaram ainda pela sala.

As bombas estouravam lá fora, as sirenes gritavam, a cidade era um só barulho sinfônico e infernal, que dava as boas vindas a 1945.

Os dançarinos pararam, os gritos de "Viva o novo" e "morra o velho" estrugiram no salão.

A orquestra lançou ao ar um hino triunfal.

No bar os copos se ergueram, as exclamações se multiplicaram.

Acabava um ano, surgia a alvorada de um ano novo, trezentos e sessenta e cinco dias de trabalho, cinquenta e duas noites de samba rasgado.

Um sópro de esperança percorreu a gafieira...

POPÓ, O IMPERADOR DAS GAFIEIRAS

Quando, perdidos em meio do turbilhão dos dançarinos, apreciávamos os volteios e requebros das mulatas e os passos saltitantes de um "swing" marcado pelo piston afinadíssimo sentimos nas costas um tapa e em nossos ouvidos um grito estourou:

— Olá como vai essa majestade?

— Voltámos o rosto e demos de cara com Popó. Melhor não podíamos esperar. Estava em nossa frente o imperador das gafieiras, Popó de Laranjeiras, conhecido em todo o bairro e adjacências como o tipo acabado do moleque inofensivo e inconsequente, é o D. Juan Tenório de quanto creoléo se espalha pelo Rio, o terror dos noivos mestiços.

A bateria estronda, o piano luta para que os seus sons cheguem aos ouvidos dos dançarinos. A sala é toda uma balança de sons e ritmos, uma sinfonia maluca de tinidos e chocalhos. Os pares acompanham os passos vertiginosos do "swing". No fundo o piston dirige o ritmo estonteante. Uma mensagem das gafieiras do Harlem às gafieiras do Rio.



Antigamente a malandragem consistia em saber manejar com arte e perícia uma navalha sueca e dar "sôltos" bem negaceadas, rabos-de-arraia firmes e outros tremeliques fortes da capoeira. Hoje, porém, a astúcia vence a força, e uma "papa" bem parolada vence em dois assaltos qualquer rabo de revólver. Popó pertence a esta nova

escola. Nunca brigou, nunca fez força. Moleque famoso, vive da lábia, toma da vida o que deseja tomar, à custa de sua conversa, uma lenga-lenga astuciosa e esperta que lhe garante o pão de cada dia e o samba de cada sábado. É, enfim, o moleque típico das gafieiras. Velho conhecido nosso, não pode deixar de nos mostrar as suas habilidades

des corporáticas. Aproximando-se de um par que dançava, segurou no braço da mulata e foi dizendo:

— O cavalheiro vai permitir que a sua deusa me ensine um novo passo.

O outro, surpreso, deixou o par. E Popó lá se foi, nos braços da "chorena" dengosa, bamboleando o corpo em

requebros de fazer inveja a qualquer mestre de salão.

Terminada a contra-dança Popó se dirigiu à orquestra, pediu um tango. E quando os acordes iniciais cortaram o ar o negro fez-se "crooner" e "hablou" a letra nostálgica da melodia.

As mulatinhas viravam os olhos sob o olhar tremendo

"Requebra que eu quero ver"... O sambinha antigo trouxe para a gafieira a alegria e o entusiasmo dos carnavais passados. Todos requebram, rodam, vão e voltam numa dança harmoniosa e embaladora que lembra a Favela em noites de terreirada. As pernas dos dançarinos fazem prodígios de acrobacia, retorcem-se e distendem-se como que impulsionadas por uma força sobrenatural. O salão está cheio, já não se encontra lugar para dançar. Mas mesmo assim um samba é sempre bom. E, sem preconceitos de raça ou de cor, as pernas negras e brancas se confundem, na confraternização do samba do morro.



A tristeza do tango invadiu a sala. Sem vestido de baile, sem joias, orquídeas, sem piteira comprida para conduzir a fumaça do seu "mata-rato", esta milonguita da gafeira é bem o retrato da melancolia do tango. A fumaça sobe em espirais, as garrafas se esvasiam, o seu olhar se perde no vácuo. A voz do "crooner" está cantando uma história de amor e de saudade. Agora os versos do tango são um convite à fuga, uma despedida à mocidade: "Caminito amigo, yo tambien me voy"...

de Popó, o D. Juan das gafeiras. Os homens o odiavam. Ele agora dançava de novo. No meio da sala quase vazia exibía as suas habilidades num tango triste. Baixava-se de lado, quase tocando o solo com o cotovelo, para erguer-se de novo e, numa carteira rápida, avançar três passos à frente.

O TANGO

A orquestra continuava a melodia nostálgica do tango. Notámos então que a gafeira, no fundo, é igual a todos os salões de baile do mundo.

Quando os acordes iniciais de um tango se ouvem a sala se esvasia como por encanto. Os homens do batente, que tem a dança apenas como um divertimento passageiro e por isto mesmo não podem se habituar aos passos difíceis de uma dança lenta, temem o tango como um calouro teme um exame de álgebra.

Apenas alguns dançarinos inveterados como Popó se arriscam aos olhares de todos, para fazer na sala as circunvoluções difíceis exigidas pelo ritmo portenho.

E a nostalgia toma conta da sala. Os próprios pares que rodam e avançam, para recuar depois num jeito compassado e rápido, trazem em si toda a tristeza dos pampas extensos e a melancolia amolecedora dos subúrbios de Buenos Aires em noites de Lua Cheia.

Nas cadeiras as mulatas e as negras olham indolentemente para o vácuo. Os homens vão beber uma cerveja, à espera do próximo samba. Os acordes tristes trazem recordações sentimentais. Outras noites sonoras voltam a viver em nossa imaginação.

A alma do tango dança no ar...

Um nervosismo romântico anda em todos os cantos. Sente-se vontade de abraçar uma mulata e rodar com ela pelo salão, ao som do violoncelo que chora, ao som do bandoneon nostálgico que geme. Os cigarros se acendem, o fumo dança sensualmente no ar ao compasso do tango dolente.

Há em tudo uma imensa nostalgia retrospectiva. Nas

mesas do bar os homens e as mulheres, com a mão no queixo, tem o olhar perdido no passado, o pensamento vadiando na distância do tempo, enquanto a fumaça se desprende do cigarro esquecido e os copos se esvasiam. A orquestra continua a marcar o ritmo da tristeza.

A gafeira é diferente e característica. A gafeira é sempre a gafeira ao som dum samba ou duma rumba, ou sob os abalos sincopados do "swing. Mas a gafeira é em tudo igual a todos os bailes do mundo, ao som dum tango.

O tango cobriu tudo com o manto da nostalgia... A voz do "crooner" é uma voz antiga, triste e amiga, que nos traz de novo ao coração os versos evocativos do "Caminito".

Dança no ar a alma do tango...

VOLTA À PÁTRIA

Duas notas melódicas, um acorde firme e o tango morre de repente num *stacato* rápido.

O piston se ergue, o piano marca o compasso da marchinha alegre. Buenos Aires se perdeu na distância...

Voltamos ao Rio, voltamos à gafeira, os pares enchem novamente o salão, reabilitados pelos passos fáceis da marcha carnavalesca.

A voz do "crooner" estronda de novo, num entusiasmo momeco:

"Só porque cheguei em casa,
Pouco depois da hora..."

Os dançarinos vão e veem numa corrida rítmica e louca, enquanto o pianista faz prodígios de acrobacia para acompanhar a velocidade da batéria que tine, grita, troveja, espalhando-se num delírio infernal de sons inacreditáveis.

A alegria de Momo invade a sala. Esquecidos os trabalhos estafantes do dia, os homens e as mulheres só ouvem a música querida que lhes dá de novo à alma a válvula escapatória do Carnaval.

Todos os complexos se anulam, todos os recalques se expandem.

Os negros entregam-se de corpo e alma à dança, com um fervor quase religioso, pondo nos seus gestos e nos seus passos toda a ardência do temperamento de Zumbi e toda a sensualidade dos bailados de Josephina Backer.

A marcha continua e a turma se reconcilia com a dança. O tango foi esquecido. Já não há mais tristezas, já não há mais o trabalho na manhã seguinte, já não há senhorias, já não há os gringos das prestações. Há apenas uma orquestra que toca, há apenas uma voz que canta, há apenas uma negrinha que dança, há apenas uma luz que roda sobre a cabeça dos bailarinos.

A dança tomou conta de todos os sentimentos, de todas as atitudes.

Todos dançam, todos revolteiam pelo salão pequeno para conter tamanho entusiasmo.

Nos braços da "chorena" dengosa Popó se esbalda.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Nos cantos mal iluminados os pares amorosos permanecem mais tempo, esperando que os ouros passem.

Mas tudo é conferido pelo olhar perscrutador de "seu" Dino, que não deixa nada passar despercebido.

O regulamento das gafeiras é sempre severo. Em algumas mesmo pode-se ver nas paredes, em gordas letras de fôrma, os artigos e parágrafos mais importantes do código de conduta adotado pela casa:

"Pede-se às damas não dançarem mais de três vezes com cada par".

"Pede-se aos cavalheiros todo o respeito possível".

No Elite Clube não há frases nas paredes. Isto, porém, não impede que as normas de procedimento ali adotadas devam ser seguidas à risca.

E qualquer desentendimento — uma dama que não quer dançar sem motivo justificado, um cavalheiro que saltou da linha — tudo requer a intervenção de "seu" Dino, que é ali dentro juiz e tribunal.

Muitas vezes um diálogo destes se verifica:

— Olhe, "seu" Dino; esta "cavaiera" não quis dançar comigo. Diz que "tá" com calo, mas dançou com o Zé.

A dama se desculpa em termos:

— Não quis dançar mesmo não, porque o "cavaiero" tá tocado".

Resolvido amigavelmente o caso, a "cavaiera" dança com outro e o "cavaiero" volta ao bar, a fim de esvasiar mais uma garrafa.

Surgem outros casos e outras reclamações são levadas ao "dono do baile".

— "Seu" Dino, aquele camarada está me perseguindo.

— "Seu" Dino, tem um sujeito que só quer dançar com a minha pequena.

— "Seu" Dino isto, "seu" Dino aquilo.

E é sempre assim. O "dono do baile" ou o "fiscal do salão" tem sempre que resolver inúmeras pendências por noite.

Muito raramente uma briga toma caráter sério antes da intervenção do juiz improvisado. E quando isto acontece o importuno é sempre pôsto para fora e tem sua entrada proibida na gafieira.

Este é o motivo por que todos tem medo de brigar. A entrada proibida, a dança interdita são um espantinho para qualquer dançarino de gafieira.

AS TRÊS GRAÇAS DA GAFIEIRA

Estávamos justamente acabando de ouvir as admoestações do "dono do baile" quando entraram no salão três moças, que logo chamaram a atenção de todos.

Olharam elas sobre o mar de cabeças dos bailarinos e foram sentar-se superiormente a um canto.

Os admiradores fizeram fila, esperando a vez de um contradança.

Todos queriam ganhar o privilégio de conduzir pelo salão, ao som de um samba, uma das três graças da gafieira.

As mulatinhas roíam as unhas com medo de perder os pares.

E as três graças, indiferentes, deslizavam pelo assoalho encerado, absorvidas pela dança, trazendo na alma todo o delírio místico das aldeias africanas de seus maiores e todo o fervor religioso das macumbas ancestrais.

Em torno delas os olhares dos adoradores absorviam a graça de seus movimentos. O diabo rondava a sala de baile.

Mas a música parou e o encantamento desapareceu.

O segundo candidato se aproximou de uma das três graças, logo aos primeiros acordes de outro samba. E ela lá foi, enlaçada pelos braços do bailarino, acompanhando o compasso da música em requebros delicados e passos sensuais. O reporter entrou na fila.

OS DESILUDIDOS

Embora seja um lugar alegre, a gafieira tem também o seu lado triste.

Para os que esperam o seu par habitual, por exemplo, a noite de baile não passa de uma grande decepção. A espera se estende pela noite a dentro e os namorados, de desilusão em desilusão, acabam tomados por um tédio sem par, desse tédio tremendo a que a gíria popular deu um nome sugestivo.

Em geral é no bar que as mágoas se evaporam, ao doce sabor dos vinhos e à carícia da cerveja bem gelada.

No bar das gafieiras como nos "buffets" dos bailes "gratitos" fomos encontrar essa legião de desiludidos, que não haviam encontrado na dança o doce embalo do sonho, a doce voluptuosidade do amor.

Sobre a mesa um mulato dormia, cercado por garrafas vasias deladoras do grande pileque de desabafo.

De quando em vez ele acordava, olhava o salão e, vendo que a deusa de seus sonhos não aparecia mesmo, emborcava mais um copo e se entregava de novo aos braços de Morfeu.

Mas bateram duas horas num relógio próximo e a festa teve que ter fim.

"Seu" Dino deu o sinal, a orquestra preparou-se, tocou a marcha final. O pistonista, de pé, apontou para o ar a boca do instrumento e encheu a sala com a sua presença sonora. A música encheu toda a casa, saiu pelas janelas, encheu a praça da República, encheu as ruas vizinhas, como uma despedida à noite.

Nos acordes finais houve mucochos de desgosto. A turma toda ainda queria continuar. Mas as exigências da lei eram severas.

E, mesmo a contragosto, lá se foram os bailarinos, um a um, dois a dois, em grupos, descendo as escadas da gafieira.

A orquestra abandonou o tablado, os músicos ensacaram os instrumentos e com eles debaixo do braço lá se foram, rua afora.

O "dono do baile" fechou a casa, os guardas se retilharam. Na rua deserta os bailarinos caminhavam, cansados da noite de folia, cansados dos trabalhos de todo um ano.

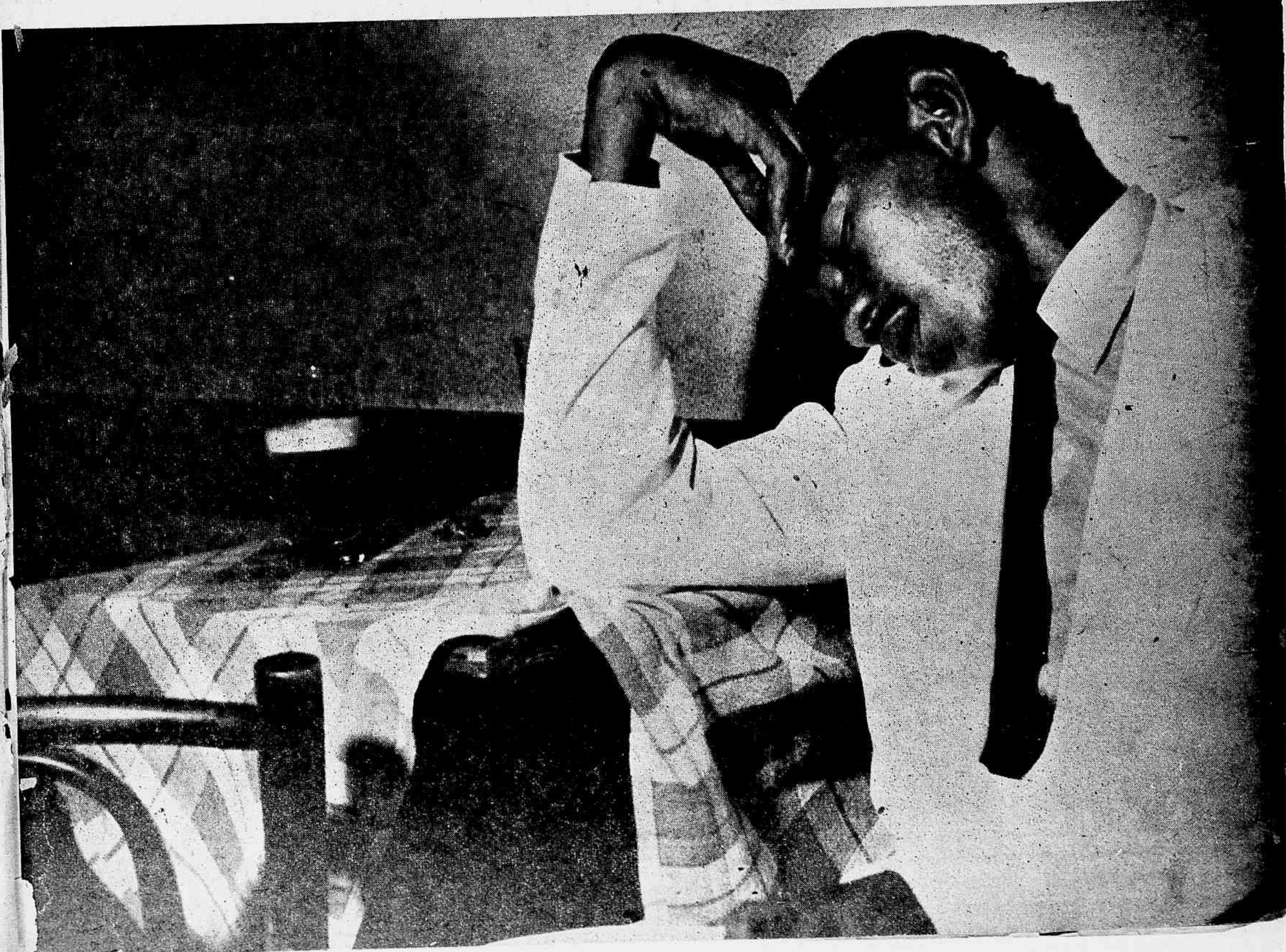
Na sala vazia e escura dormiam silenciosos o violoncelo e o piano.

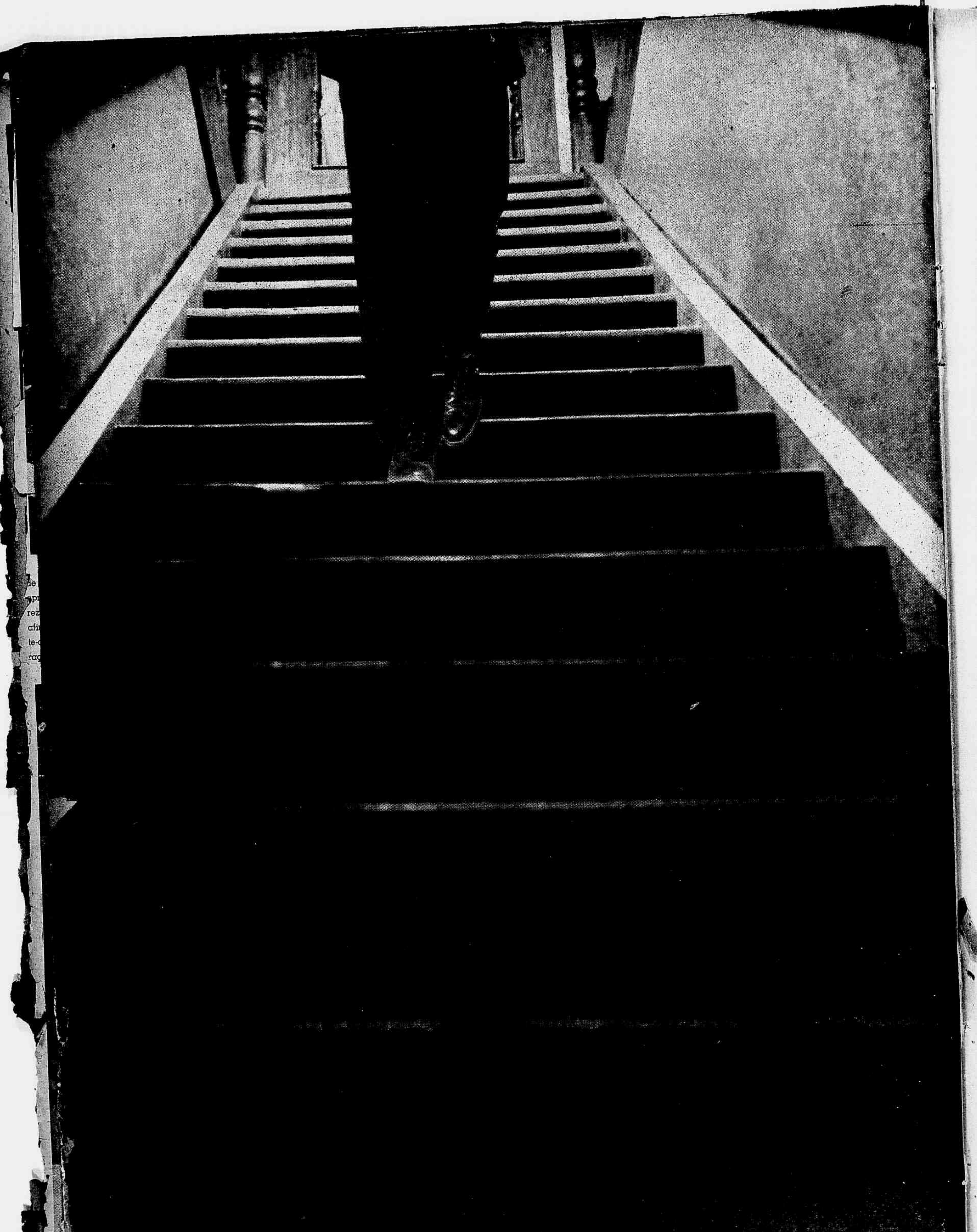
E muitos se queixavam do cansaço, pensando, já na madrugada comprida, na fila do leite, na manhã cansativa das fábricas. Mas não fazia mal. Havião se divertido, havião dançado, havião acabado velhos romances, havião iniciado novos romances de amor.

Pois embora os brancos pensem o contrário, existe também um Cupido negro, molecote de calças remendadas e cara de carvão, que mexe nas cozinhas e nas tanques de roupa, anda pelas ruas em dias de Carnaval e solta flexadas de bodoque no coração dos dançarinos da gafieira.

E é com este diabinho de pixe que as donas de casa devem ter cuidado. Quando ele acerta o coração de uma cozinheira o bife se queima, o café vem requeitado para a mesa e nunca mais se vê em casa um prato bem limpo.

São duas horas, meu Deus, e ela não veio!". Na agonia lenta da espera, as decepções foram se sucedendo e as garrafas se esvasiando. E quando a festa já ia no fim, morreu a última esperança e esgotou-se a resistência. A cabeça rodava, os copos iam sendo sorvidos mais devagar. O sono chegou por fim, doce consólo dos que sofrem, amena compensação dos que se desiludem. E agora, em sonhos, ele tem o direito de dançar com quem lhe apetece, de ser o namorado das três graças da gafieira, de ser o melhor dançarino de tango do Elite Clube. Não façam barulho! Deixai que durma.





AS DUAS BADALADAS DO RELÓGIO
MARCAM O FIM DO BAILE. E EMBORA
A CONTRAGÔSTO, O "HABITUÉ" DA
GAFIEIRA EMPREENDE A LONGA
DESCIDA DE VOLTA.

F I M



O SOL E A PELE

Depois de uma grande temporada de chuvas saudamos finalmente o sol e tratamos logo de nos entregar às delícias da praia.

Cuidado, no entanto, você que passou o inverno e as chuvas sem poder queimar-se! Lembre-se de que a primeira queimadura do sol, para as peles já desacostumadas, não é apenas de aspecto desleigante como também prejudicial à saúde. Trate pois de passar sobre o seu corpo um bom óleo, que não só a protegerá contra o excesso dos raios solares, como também lhe dará uma tonalidade única, sem aquelas manchas tão feias e desagradáveis. Cuide do seu corpo, como cuida do seu rosto.

Aconselho, também você a não ficar deitada na areia numa só posição durante horas seguidas, afim de evitar que só fiquem queimadas as partes expostas ao sol.

Nos

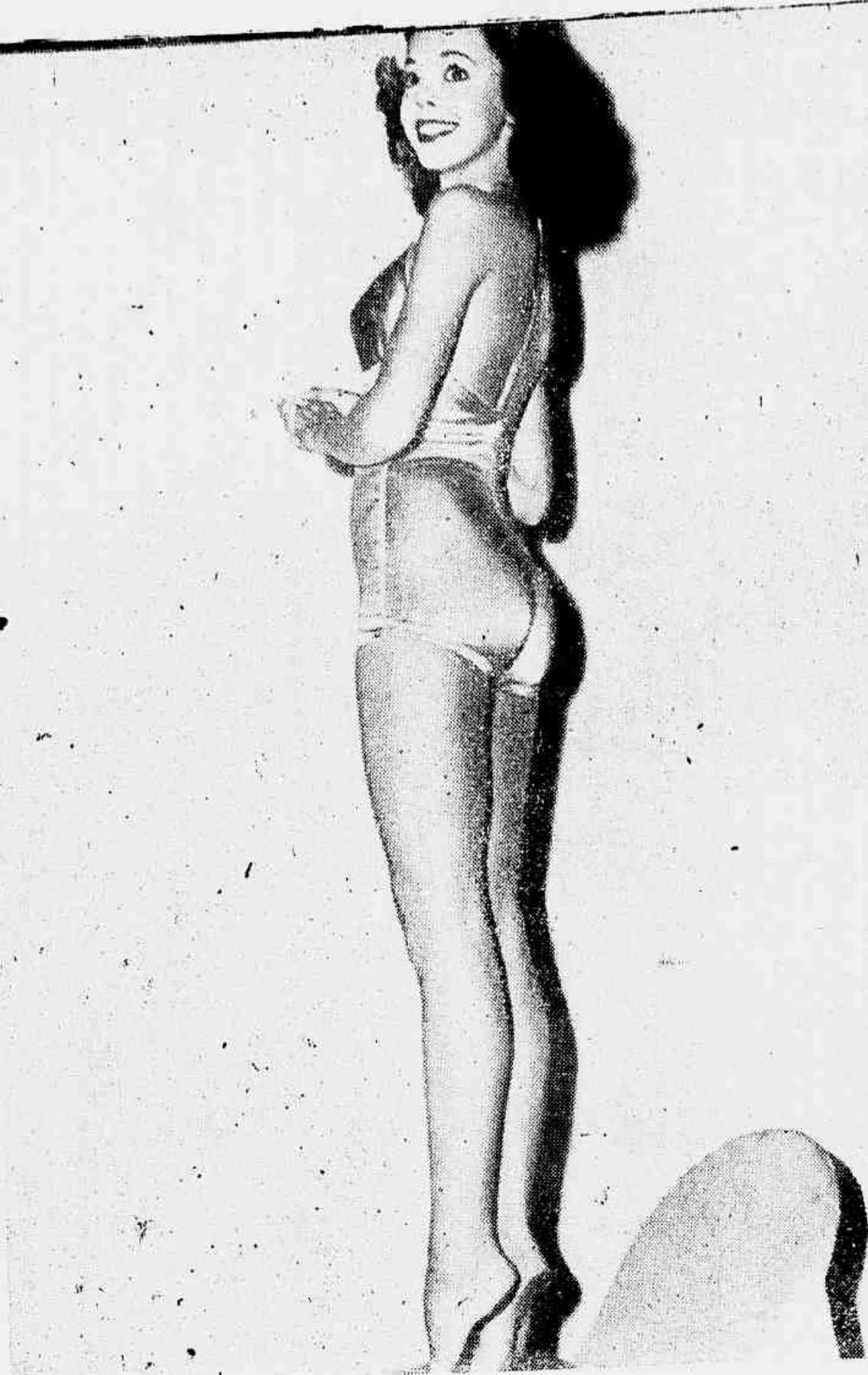
**BASTIDORES
FEMININOS**

É mesmo melhor para a sua pele e para a sua saúde que você se entregue a exercícios próprios para a praia. Campe, jogue bola ou peteca, "caia água" quantas vezes lhe apeteer, e conseguirá não só uma cor bonita como também um aspecto agradável e atraente.

O "make-up" para a praia deve ser quase eliminado. Bastará uma leve camada de baton vermelho vivo nos lábios, não levando no rosto nada além de um bom protetor. Não use absolutamente nada nos olhos. E, como última recomendação, lembro às amiguinhas o uso de um bom depilatório para extrair os pêlos das pernas, ou o uso da gilete, que é, de todos os meios empregados para êses fim, o mais inofensivo.

Feito isso tudo, você estará pronta a enfrentar o sol e a adquirir uma cor gostosa, que atrairá sobre si olhares gulosos...

Kitty



Maillots

O sol está quente... Nada melhor do que um banho nas águas de Copacabana (ou mesmo na areia...), mas para isso não esqueça de estar em dia com o seu "maillot". Aqui estão as últimas sugestões de Hollywood para as nossas praias:

Ao alto: — Ann Rutherford, da RKO, exibe um "maillot" em jersey vermelho com bainha aberta dos lados... Interessante, não acham? Interessante e... refrescante.

Decididamente não sabemos o que dizer diante dessa "amostra" de Jean Porter, da Metro... O "maillot" é muito bonito, na verdade... É em lastex, de linhas muito perfeitas... O "maillot", é claro...

A esquerda: — E, para "refrescar", um gracioso "short" de K. T. Stevens, da Columbia, em shantung azul vivo, e blusa branca.

A direita: — A escultural Ava Gardner, da Metro, exibe um lindo "maillot" em lastex branco com listras vermelhas.







Um lindo penteado de Rita Hayworth

RITA HAYWORTH, dona de um dos mais belos corpos de Hollywood, apresenta às nossas leitoras um dos seus penteados favoritos. Levantado para o alto, repartido ao meio, na frente, e com uma grossa trança formando diadema. Simples e encantador, sem dúvida...

(Foto Columbia)

O BATIZADO

Conto humorístico
do escritor francês

ALPHONSE CROZIERE

Melecasse abre a carta que o contínuo acaba de lhe trazer e, logo às primeiras linhas, dá mostras de profunda perturbação. Conterá a epístola uma ameaça de morte? Anunciar-lhe-á algum desastre de monta? Trar-lhe-á notícia de haver sido denunciado à justiça, ou renegado pela família, ou excomungado pelo papa? Não se cansem a fazer mais conjecturas... A carta contém simplesmente os dizeres que se seguem:

“Sr. Melecasse — Não posso deixar de estranhar o seu procedimento, pois há já algumas semanas lhe mandei a conta do último terno que lhe fiz e o senhor, até hoje, nem sequer se deu ao trabalho de me responder. Ora, isto não pode ficar assim. O senhor há de compreender que a paciência humana tem limites. Portanto, se, até amanhã à tarde, não tiver notícias suas — e notícias satisfatórias, bem entendido — irei, em primeiro lugar, entender-me pessoalmente com o diretor da sua repartição, para ele ficar sabendo que espécie de homem faz parte do corpo dos seus funcionários; depois, tomarei outras medidas, afim de que o seu insólito procedimento para comigo não fique impune. Sou, com a maior consideração, etc.”

Melecasse dobrou a carta lentamente, procurando, durante essa operação tão simples, dominar a infernal confusão em que lhe tinham ficado as idéias. E, quando pouse recomeçar a raciocinar, disse consigo:

“O caso é sério. O patife é muito capaz de cumprir a ameaça, vindo contar tudo ao diretor. Se este fôsse um homem inteligente, de bom senso pelo menos, limitar-se-ia a responder: “E que tenho eu com isso?” Mas é burro, tem justamente a mania de tomar conta da vida dos funcionários... E em que ocasião isto chega: no fim do ano, quando ele organiza a lista das gratificações, das propostas para promoção... E' o diabo! Esta queixa virá comprometer-me gravemente no espírito acanhado e implicante do diretor. Quem sabe até se me acarretará algum castigo, alguma suspensão do serviço! Não! Tenho que agir e sem demora. A carta traz a data de ontem; portanto, é agora, antes do meio dia, que preciso de ir ter com o bruto do alfaiate e ver se lhe aplaco a fúria cobradora. Mas... que razão apresentarei ao diretor, para lhe pedir que me dispense por uma ou duas horas? Tenho usado e abusado de todas as mentiras aceitáveis: depoimentos nos tribunais, casamentos, batizados, enterros... O batizado é decerto o pretexto de que menos vezes me vali até agora. Em compensação, o enterro produz mais efeito. Bem apresentado, chega a impressionar; e, uma vez comovido, o sujeito não reflete e vai dando a licença, sem nenhuma restrição. Vamos a isto! Oxalá que ele tenha vindo hoje de bom humor... O diabo é que enterrei este ano uma quantidade de parentes próximos, amigos íntimos. E da última vez tive a impressão de que ele já achava de mais... Decididamente escolho o batizado. Vamos!”

Depois de dar um jeito às abas do paletó, corrigir a posição da gravata e experimentar o som da voz, Melecasse bateu à porta do gabinete do diretor. E teve um estremecimento, ouvindo-o responder lá de dentro, com energia, quase violência:

— Entre!

Melecasse atravessou timidamente a umbreira e, mais humilde que nunca, principiou:

— Senhor Canasson, peço perdão se o venho incomodar, mas desejava obter a sua permissão...

Porque hesitasse um momento, o diretor, como quem toca para diante um animal empacado, perguntou

— Licença para que?

— Preciso de me ausentar por uma hora... Sim, uma hora quando muito. Trata-se dum batizado. E' o primogênito dum amigo de infância, cuja esposa foi também compaheira de colégio de minha mulher. Além disso, uma beleza, um amor de criança. O batizado realiza-se daqui a pouco, depois da missa, como de costume. A igreja fica pertinho. De maneira que é só assistir ao ofício religioso, depois à cerimônia batismal e venho correndo diretamente para aqui! Sim, tão depressa eu possa...

— Está bem! respondeu Canasson. — Pode ir. E à volta, não se distraia pelo caminho...

— Esteja descansado, senhor diretor, esteja descansado!

E abalou pela porta fora.

Dali a duas horas dizia Canasson ao contínuo do gabinete:

— Esse Melecasse é incorrigível: pediu licença por uma hora e já lá vão mais de duas, sem ele voltar. Não sei como esse homem pode perder tanto tempo na rua. E nós aqui com tanto trabalho! Quando ele chegar avise-me, porque lhe quero dizer duas verdades!

Nesse momento, porém, batiam de leve à porta. “Entre!” Era Melecasse que voltava cansado, esbaforido, mas evidentemente satisfeito. Com certeza tinha convencido o alfaiate. Ao ver, porém, o sr. Canasson puxar pelo relógio e, depois de verificar as horas, encará-lo com severidade, ficou atapalhadíssimo.

— Como é? interpelou-o o diretor. — Não me disse que se ausentaria apenas por uma hora? Veja o senhor mesmo o tempo que se demorou.

Diante do mostrador do relógio que o diretor quase lhe encostava ao nariz, Melecasse perdeu a tramontana:

— Perdoe-me, senhor diretor, mas tratava-se duma família tão amiga e ao mesmo tempo de tanta cerimônia que não me pude esquivar: Tive que acompanhar o corpo ao cemitério!





Realizou-se, no dia 8 do mês p. findo, na igreja da Consolação, em S. Paulo, o casamento da senhorita Maria José Gomes Machado, filha do sr. Antônio Machado Nóbrega e sua exma. espósa d. Maria Assumpção G. Nóbrega, com o sr. Amador Junior de Oliveira. Foram padrinhos no ato religioso o dr. Drault Ernany e sua exma. espósa d. Miriam Chagas de Melo e Silva, por parte da noiva, e sr. Julio de Lima Oliveira e exma. sra., por parte do noivo. No ato civil foram padrinhos o dr. Nelson de Ottoni Rezende e d. Alta Pola de Miotek de Rezende, por parte da noiva, e por parte do noivo o sr. Eduardo Monteiro França e senhora. Os noivos seguiram em viagem de núpcias para Curitiba.

FIGURAS E FATOS

REGRESSAM DELEGADOS DO BRASIL A CONFERÊNCIA ECONÔMICA INTERNACIONAL — Viajando no "clipper" da Pan American World Airways, chegou de Miami o dr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, que chefiou a Delegação Brasileira à Conferência Econômica Internacional, reunida em Rye, Nova York, entre os dias 10 e 18 de Novembro último. Em sua companhia vieram também outros membros da mesma delegação: srs. Artur de Lacerda Pinheiro, vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro; Hugo Napoleão, consultor jurídico do Banco do Brasil; Luiz Dodsworth Martins, diretor da Secretaria do Instituto de Economia da mesma Associação; Alberto S. Oliveira, presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, e Paulo de Carvalho Godói, secretário da delegação. O sr. Hugo Napoleão viajou com sua espósa. O dr. Daudt de Oliveira e seus companheiros de missão tiveram um desembarque muito concorrido, notando-se no aeroporto Santos Dumont a presença de elevado número de personalidades do mundo oficial e das classes conservadoras, destacando-se os srs. Artur de Souza Costa, ministro da Fazenda; Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria; João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros do Brasil; William A. Wieland, adido à Embaixada americana; diretores da Associação Comercial e da Câmara Americana de Comércio, além de figuras de relêvo da sociedade. Na gravura abaixo um aspecto do desembarque do dr. João Daudt de Oliveira, que se vê ao lado do ministro da Fazenda e rodeado pelos demais componentes da delegação.

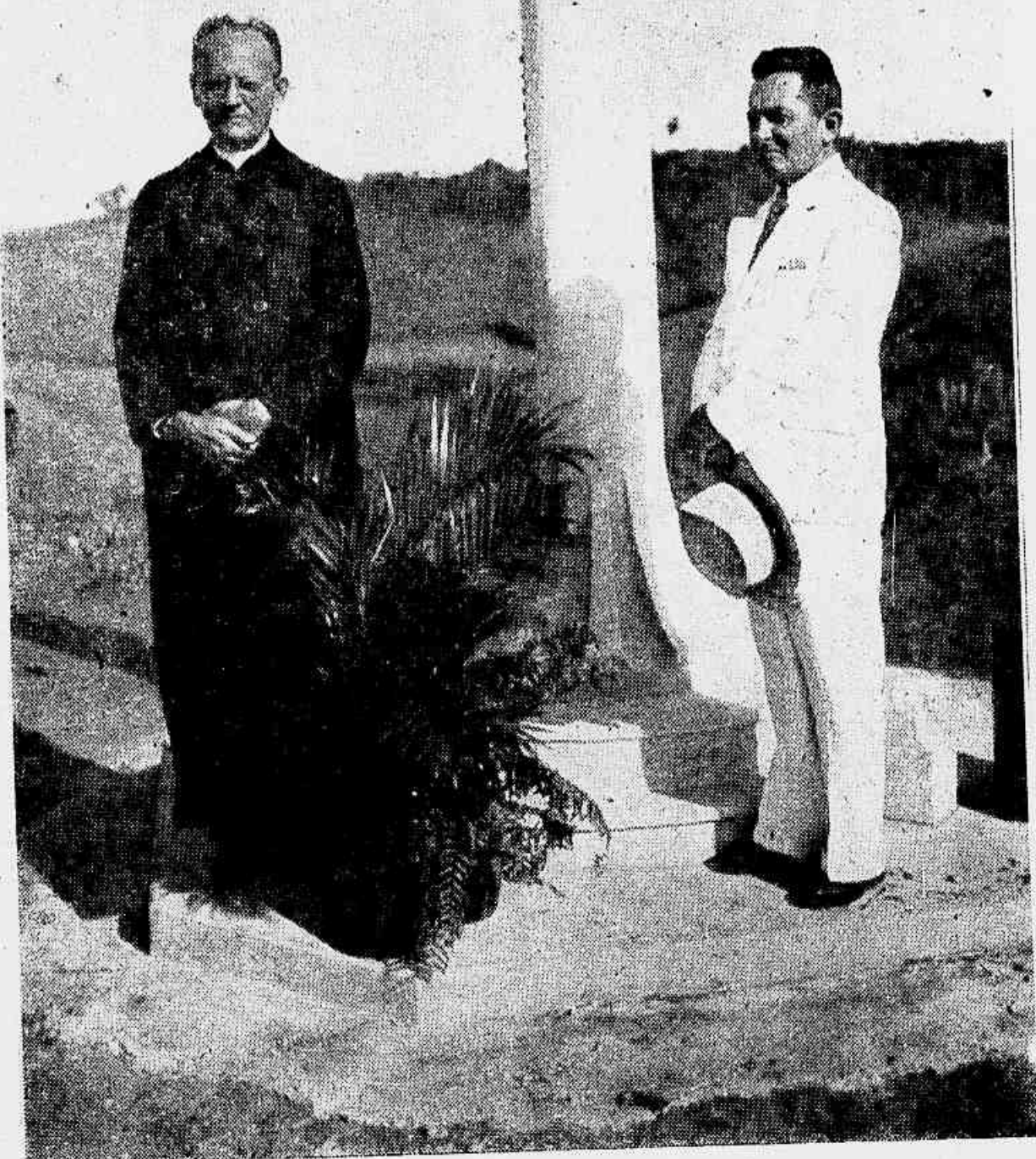


Alunos da Turma 16 do Colégio Primário do Instituto de Educação, regida pela professora Celia Paiva e Silva, representaram uma interessante peça teatral sob o título "O Circo Caramelo", cujo desempenho e graça foram muito aplaudidos pelos assistentes. Na gravura aparecem os pequeninos intérpretes, vendo-se ao fundo o Circo Caramelo, magnífico trabalho executado pelos referidos alunos durante o ano letivo que ora se finda.



Flagrante tomado nesta Capital, em Novembro último, por ocasião do casamento da senhorita Linda Cohen, filha do casal Joaquim Cohen-Regina Cohen, com o sr. Kaluf Salama. Os recém-casados são elementos destacados de nossa sociedade.





O cónego Matias Freire, animador das festas comemorativas do centenário do nascimento de D. Vital, junto à coluna partida que mandou construir às suas expensas, em frente à casa onde nasceu o Bispo de Olinda. Vê-se ainda na foto o sr. Antônio Cesar, atual proprietário do engenho "Aurora", que fica em território paraibano.

Da PARAIBA

Estes flagrantes se referem às homenagens prestadas ao Bispo D. Vital, em Novembro próximo passado, no Estado da Paraíba, sua terra natal. A primeira fotografia, concernente à vida do ilustre antistete, foi feita em 15 de Agosto de 1942, no lugar onde nasceu D. Vital — o Engenho "Aurora": componentes do Club Astréia e Rotary Club de João Pessoa, bem como dos Rotarys de Campina Grande e Recife, fotografados debaixo da velha "Jaqueira do Bispo" dos tempos de D. Vital moço.



Aspecto da grande assistência à sessão de encerramento das festas comemorativas do centenário do nascimento de D. Vital, realizada no salão nobre do Palácio do Carmo, em João Pessoa, no dia 27 de Novembro.



A JAQUEIRA DO BISPO — Esta árvore secular e histórica, que se prende à vida de D. Vital, fica plantada em terrenos do engenho "Aurora", na Paraíba, onde nasceu o ilustre prelado. Esta foto da "Jaqueira do Bispo" foi feita quando da excursão feita ao engenho "Aurora" por elementos do Rotary Club e Club Astréia de João Pessoa e Rotarys de Campina Grande e Recife, em 1942.



Mesa que presidiu à sessão de encerramento das festas do centenário de D. Vital, no salão nobre do Palácio do Carmo, em João Pessoa. Aparecem na foto o interventor Ruy Carneiro, o arcebispo D. Moisés Coelho, dr. João Gonçalo de Medeiros, diretor do D. E. I. P. da Paraíba, coronel Polli Coelho, chefe do Destacamento Especial do Serviço Geográfico do Exército. A direita aparece o desembargador Severino Montenegro, presidente do Tribunal de Apelação, quando pronunciava sua aplaudida conferência.



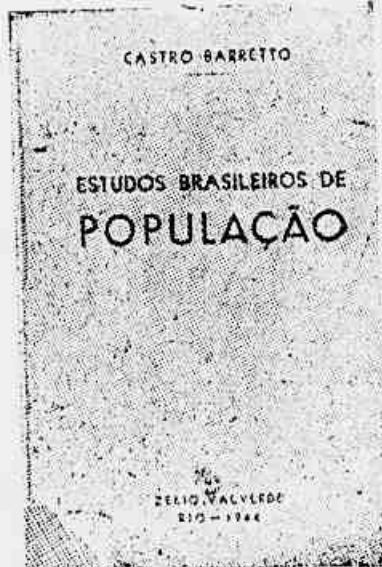
Comissão Organizadora das festas do centenário do nascimento de D. Vital: ao centro, o desembargador Severino Montenegro, presidente, ladeado pelos drs. Evilácio Feltosa e Fernando Nobrega, cónego Matias Freire, coronel Oliveira Leite e jornalista Veiga Junior.



A' venda em todas as livrarias e bancas de jornais,
a grande edição do maravilhoso **ALMANAQUE**
EU SEI TUDO para 1945 ao preço de Cr\$ 10,00.
Pedidos pelo reembolso postal á CIA. EDITORA AMERICANA.
Rua Visconde de Maranguape, 15 --- Rio de Janeiro.

Livros

ESTUDOS BRASILEIROS DE POPULAÇÃO, de autoria de Castro Barreto — Zélio Valverde,
editor — Rio de Janeiro, 1944.



O Sr. Castro Barreto é homem de ciência, como é homem de letras e artista. Nos seus trabalhos de biologia e antropologia; nos seus ensinamentos de sociologia; nas suas dissertações de estética; em todos os campos do pensamento, da cultura, do gosto, a sua individualidade se afirma, poderosa e brilhantemente. É um difundidor de conhecimentos que se não limita a transmitir o saber, tal como o colheu nos tratados, nas revistas, nas estatísticas e na sua clara e destreza observação pessoal. As matérias de ensinamento e todas as questões recebem a orientação e a marca do seu espírito doutrinário. E, entre as lições de muitos mestres sobre o mesmo caso, o mesmo assunto, qu'quer leitor mais ou menos esclarecido imediatamente distinguirá a sua.

Os estudos que compõem este volume de amplo formato e de cerca de duzentas e cinquenta páginas constituíram primeiramente teses ou comunicações destinadas ao Instituto de Estudos Brasileiros, Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. E, explica o autor agora, conquanto reunidos sob a denominação "brasileiros", são essencialmente americanos. Nesse propósito o orientou a concepção de Ralph Linton: "Se a antropologia conseguiu provar alguma coisa, essa verdade é que os povos e as raças são, em essência, muito aproximadamente os mesmos". No correr dum problema que logo nos predispõe, nos cativa para o resto do livro, mostra o Sr. Castro Barreto como a nenhuma nação devem interessar mais que ao Brasil as questões antropológicas, pois o seu problema fundamental "é o da elevação do padrão humano, do povoamento racional dos seus imensos vastos demográficos". E o prefácio conclui: "Não participamos do ingênuo otimismo dos 'pangloss' nem do perverso e lamurioso pessimismo dos 'jeremias': encaramos a nossa era de frente. Devemos confiar na nossa gente, não por impulsos sentimentais mas baseados na observação, guiados pelos conhecimentos atuais da ciência do homem".

O livro está dividido em oito capítulos, a saber: A criança é o melhor imigrante — O timo de população e população ótima — Imigração no após-guerra — Alimentação e defesa nacional — Alimentação e raça — Valor social de adolescente — Trabalho precoce dos menores — Formação das elites.



ALMA DO SERTÃO, versos e prosa de Catulo Cearense, com prefácio de Mário José de Almeida — Rio de Janeiro, 1944.



Diz, no seu antelóquio, o Sr. Mário José de Almeida: "Depois de tantos esplendores, despertados, unicamente, pelo seu valor personalíssimo, Catulo publica, rissonhamente, um livro que nenhum crítico será capaz de elogiar, porque, afinal, o seu maior defeito é estar escrito ao sabor dos seus primeiros pensamentos."

Diante disto, sinceramente fomos em não possuir nem pretender a autoridade crítica. Ela nos impediria, pelos modos, de apreciar e louvar esse livro sobretudo a sua primeira parte, em que a musa rústica do Sr. Catulo Cearense lhe sugere as páginas, dentro da categoria poética, mais franca e amplamente admiráveis. Foi uma espécie de encanto que experimentámos — e não pela primeira vez — lendo as trovas do menestrel nortista e recordando os momentos em que lhe ouvimos análogas canções, em dueto com o seu fraternal competidor João Pernambuco. Não se imagina mais solta espontaneidade, sentimento mais profundo, mais verídico bucolismo que os destes versos feitos para a viola e o violão. Interpretam aquela paisagem, trazem o cheiro daquele torrão, retratam a alma daquela gente.

As trovas do presente volume pertencem á especialidade "desafio", e nela atingem um grau de pitoresco que toca a sublimidade. Superam as justas de improviso ou com essa feição que, pelo Rádio, nos têm feito apreciar os Srs. Jararaca e Ratinho, incontestavelmente exímios poetas do gênero. Eis os heróis de Catulo Cearense em plena inspiração combatente:

Maracajá

Se tu qué tirá pagode,
tu sae já daqui, seu bóde,
mais rôxo do que juçará!
Tu sae daqui sem barriga,
sem perna, sem mão, sem cara!

Porco Espinho

Eu não morro de careta,
após nunca fui sonhino!
Quando garro nesta viola,
e Pé de Pito, o Capeta,
fica cum medo de mim!

Maracajá

Cala a boca, Porco Espinho,
dêxa de sê marombêro.
Se tu começa cum gôga,
eu te garro no ficinho,
e te jigo no chiquêro.

Porco Espinho

Vae-te embora, seu vedóia,
seu gato maracajá!
Sou Porco Espinho de nome...
Na viola sou sabiá!

Referindo-se á segunda parte do volume, que é, em verdade, outro livro e se intitula *O que é a mulher*, escreve o Sr. Mário José de Almeida:

Novos

"... Este livro traduz a banalidade da vida. E' feito, muitas vezes, de frases que são de qualquer pessoa pela expressão e pelo pensamento. E' um desfilar de lugares comuns..."

Pela segunda vez o prefaciador nos parece — como diria algum anedotista costumeiro — um tanto ou quanto amigo da onça. Outras passagens, porém pela admiração arrebatada e o affecto extremoso, contrabalançam, e com vantagem para o Sr. Catulo Cearense, aquella imprevisita severidade.

BRASIL 1945 — 1944, publicação do Ministério das Relações Exteriores — Rio de Janeiro, 1944

São quatrocentas páginas de amplo formato, com grande cópia de fotografias, gravuras antigas e modernas, enriquecidas ainda com desenhos e aquarelas do pintor Rescala, prêmio de viagem de 1943, do Salão Nacional de Belas Artes.

A excelente organização desta obra facilita o seu manuseio de maneira a qualquer consultante encontrar, dentro de alguns segundos, a informação de que precise ou que de qualquer modo lhe interesse. Todas as exposições e explicações, tanto quanto se pôde verificar por um primeiro e não longo exame, oferecem uma clareza modelar. No conjunto está o Brasil retratado e implicitamente comentado em todas as suas feições expressivas e características, todas as suas tendências e aspirações, todos os seus recursos, todas as suas possibilidades.

“Esta publicação — diz, em rápido antelóquio, o Sr. Ministro Pedro Leão Velloso — na sua fisionomia atual, na variedade, precisão e amplitude das informações que encerra, é, nos últimos anos, organizada sob a orientação pessoal do meu eminente antecessor, o Ministro Oswaldo Aranha. Grande era o seu empenho em fazer que nela se refletisse a realidade das nossas condições de dar, no Brasil e no

refletisse a vida brasileira, na multiplicidade de aspectos capazes de dar, no Brasil e no estrangeiro, impressão nítida do nosso trabalho, do volume e do valor da produção nacional, bem como do desenvolvimento da nossa cultura".

Sem dúvida, naquilo em que ainda chegou a tempo de influir pessoalmente, o Ministro Leão Velloso fez manter, nestas páginas, a visão superior que as inspirara bem como o nobre objetivo a que obedeciam. Diplomata que em toda a sua carreira assinalou competência e capacidade singulares; estadista de quem o Brasil deve esperar altos serviços, o atual ministro titular das Relações Exteriores iniciou a sua vida pública trabalhando num jornal. Todos os seus amigos de então recordam com admiração e saudade — saudade do jovem confrade e de si próprios — os artigos sisudos, as crônicas de fantasia, as peças de polémica que lhe saíam duma pena tão elegante e bem orientada quão laboriosa e eficiente. E a impressão dos antigos camaradas que ainda hoje podem acompanhar esta figura e esta ação é de que, em uma e outra, continuam a dominar e a triunfar a elevação intelectual, a energia realzadora, o brio das idéas e das atitudes, todas as qualidades que logo nas estréias do jornalista se afirmaram, fazendo-se admirar. Assim, diante deste livro, é ainda o homem de imprensa que queremos ver e de fato se nos depara, prosseguindo na obra de divulgação e doutrinação exemplares.

Outra nota liminar, sucintamente explicativa, vem assinada pelo Sr. Carlos Alberto Gonçalves, diplomata classe L. E o livro, composto de oito partes, compreende os seguintes capítulos que se subdividem em numerosas matérias especialmente tratadas: Formação territorial do Brasil — Situação física — Situação demográfica — Situação econômica — Situação social — Situação cultural — Situação financeira — As unidades políticas.

O DIABO EM FÉRIAS, crônicas de Berilo Neves 3.^a edição — *A Noite*, editora — Rio de Janeiro, 1944.

O Sr. Berilo Neves é, por excelência, cronista. Esta feição, este título assumiu nele tão alta e dominante expressão que até hoje não quiz o autor de *O Diabo em férias* ser outra coisa.

Não nos constam, pelo menos, ou rão, passaram para a letra de forma, quaisquer trabalhos seus de romance, poesia, história ou teatro. A crítica mesma, que elle exerce com perfeita cultura e bello raro no *J. nal do Comércio*, parece constituir, na sua carreira litterária, um incidente ou um acaso. Foi acatando-a como de trabalho de tarefas jornalísticas, isto é: por disciplina de serviço, que o redactor Berilo Neves principiou a tratar dos livros alheios para logo affirmar a orientação mais segura e uma elevada compreensão da ciência e da arte de escrever. Não assina, porém, essas obras criticadas, de domingo a domingo, ao publico amigo de litteratura. E, possuindo já, no género, matéria bastante para formar alguns livros de real interesse, de subito valor, tem até agora deixado essa outra glória dos prêlos para colegas que, a respeito de valor ou de interesse, lhe estão a muitas léguas de distancia — para trêz.

[illegible]

No presente livro estão as primeiras crônicas de Berilo Neves. Está a sua integral vocação e o talento mais que excepcional, quer pela quantidade quer pela qualidade produtiva, que todas as suas obras vêm progressivamente confirmando. Jornais

ESTE E' O CHARUTO VITORIOSO



COMO TODO BOM WHISKY ESCOCÊS...

Johnnie Walker



sobre certa escassez, hoje em dia. Contudo, mantemos escrupulosamente sua excelente qualidade, sem qualquer alteração e continuamos a fornecê-lo com a maior equidade.

**John Walker & Sons Ltd.,
Scotch Whisky Distillers,
Kilmarnock, Scotland.**

Nasceu em 1820 —
mas continua na moda.

MACEDO PORTAS IMP. LTDA.
CUMPRIMENTAM

Os seus distintos amigos e freguêzes, desejando-lhes um ano novo de muitas prosperidades.

Travessa do Comercio, 9 --- Fone: 43-4144
RIO DE JANEIRO

e revistas... o disputam; as mulheres que, durante certa fase de misoginia literária, chegaram talvez a detestá-lo, agora o adoram definitivamente; e todos os homens mais ou menos o devem invejar.

J. L.

J. L.

P. S. — Por um equívoco que não se sabe bem como se produziu e do qual, certamente, ninguém teve culpa, saiu mutilado o soneto *Metempsicose*, por nós citado para exemplificar certas considerações acerca do livro do Sr. Camillo de Jesus Lima, *Poemas*. Aqui vai — na íntegra desta vez assim o esperamos — a formosa e nobre peça parnasiana.

Eu sinto que já fui árvore um dia. A côma
— Grande esmeralda farfalhante — ao sol abri.
O ar em torno eu perfumei com doce aroma
Das flores que da seiva, — o meu sangue, — nutri.

Na angustia da prisão das raízes, hauri
O humus do chão. Do sol a fulgente redoma.
Bracejando no ar, louca, adorei. E, ali,
Das aves escutei o misterioso idioma.

E, hoje, ainda tenho, dessas épocas felizes,
A ansia de perquirir que em meu cérebro habita
Com a tenacidade heroica das raízes.

E sinto ainda as velhas ânsias dentro de mim
De crescer, de subir para a altura infinita;
De abraçar o horizonte, as distancias sem fim.

O sétimo gole

(Continuação da página 15)

lhou as notas sobre a mesa, colocou o pincel na ponta do nariz e começou a falar em voz pausada.

Era monótona a conferência e cacete o professor, mas Paul e o sargento não estavam prestando atenção nas palavras que ele pronunciava. Suas vistas se fixaram no copo com água sobre a mesa. Em torno de um copo, dissera a futura assassina... Era preciso tomar cuidado! O professor continuava a falar e Paul refletia. Por que não prendera de uma vez por todas a mulher? Mas, como? Como prendê-la se ela não cometera crime algum? Evitar o crime era impossível. Talvez naquele momento mesmo o cianureto estivesse no copo. Não. Não estava. Ele prestou bem atenção. A oradora bebera um gole e não sentira nada. Como, então? Era prestar atenção! Por um milagre de prestidigitação Alice conseguiria deixar cair o veneno no copo sem que eles percebessem? Não era possível. Concentraria toda a atenção. O orador ainda não parara de falar. Continuava sempre... Já

tomara seis goles da água do copo e ainda nada acontecera. Falava um pouco e tomava um gole. O copo já estava pela metade. Acabaria tudo bem? Teria Alice desistido? Teria achado difícil de mais o que propusera fazer? Não. De certo modo ele não podia acreditar que aquela mulher tão resoluta tivesse afirmado que faria uma coisa que era incapaz de fazer. Ela tinha um plano. Mas qual seria?

De repente, ele tomou, novamente, o copo. A beber mais um gole. O sétimo gole. Levantou o copo, levou-o aos lábios: beber...

Houve um giro de espanto de uma das senhoras que assistiam à conferência quando, com uma expressão de terror nos olhos e uma careta de dor, ele caiu para trás, morto.

- Não é possível!
- Quem foi que disse que não é possível?
- Mas, Paul...
- Afinal de contas, não era isso que estávamos esperando?
- Mas não é possível!
- Não adianta nada ficar aí a dizer

que não é possível uma coisa que já aconteceu.

— Mas o que é que você aconselha, então?

— Uma investigação cuidadosa.

— Mas se o crime...

— Em primeiro lugar, aconselho uma conversa com um médico...

— Mas o senhor acha, doutor, que é de todo impossível?

— Decididamente.

— Ele deveria ter morrido antes?

— Sim. Se havia, no copo, veneno, desde o início da conferência, ele deveria ter morrido logo após o primeiro gole, e não depois do sétimo.

— Não há maneira de se demorar a ação?

— Não. O cianureto tem uma ação fulminante.

— Muito obrigado, doutor, e desculpe o incômodo.

6 de Janeiro de 1945

— Sempre às ordens.

A saída da casa do médico o sargento já não se conteve mais.

— Ou esse homem disse uma grande tolice, ou esta mulher é o diabo personificado.

— Eu posso afirmar que ela não tocou no copo desde que começou a conferência...

— Então como botou o cianureto lá, depois do sexto gole?

— É isso que precisamos descobrir.

— Qual será a nossa próxima visita?

— Creio que iremos à universidade...

— Falar com quem?

— Não moram na universidade os professores com suas famílias?

— Sim.

— Nesse caso vamos até lá, pagar uma dívida...

— Uma dívida?

— Sim. Dois mil dólares que eu estou devendo a alguém.

— Você vai falar com Alice Dillberry?

— Vou.

— Eu não posso ver aquela mulher! Assassina!

— Não adianta nada dar o histórico!

— Mas ela matou o marido a sangue frio e premeditadamente! Eu prefiro um gangster!

— Eu prefiro um homem honesto, mas isso não vem ao caso.

— Boa tarde, sr. Dawn. Onde está o ilustre sargento?

— Com medo de usar uma linguagem que não é aconselhável diante de uma senhora!

— E o senhor? Afinal de contas, foi quem perdeu a aposta!

— Quer dizer que...

— Que matei meu marido e o senhor não consegue descobrir como!

— Ainda não perdi as esperanças!

— Esqueceu que o prazo não é indefinido?

— Não?

— Não. O dinheiro o senhor me dará agora. E a maneira eu lhe revelarei quando o crime for prescrito...

— Vejo que conhece a lei.

— Sim. Sei que depois de um certo número de anos o crime está prescrito e o criminoso pode aparecer sem risco de ser preso...

— Então revelará...

— Se ainda for viva e se o senhor ainda não tiver morrido...

— Obrigado...

— Não há de que. Onde está o dinheiro?

— Paguei. Mas não agora. O crime foi cometido ontem. Quero um pequeno prazo.

Ela encarou-o.

— Preciso do dinheiro amanhã, ao mais tardar.

E ele, prontamente:

— Está ótimo.

— Acha que descobrirá até amanhã?

— Sim. Permite uma pergunta?

— Permite uma pergunta?

— Pois não.

— Como foi morto seu marido?

— Envenenado.

— Hum! Onde estava o veneno?

— No copo.

— Cianureto?

— Sim, uma cápsula.

— Ah...

— Mais alguma coisa?

— Como obteve o veneno?

— Pedi ao meu marido que o arranjasse no laboratório da universidade...

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES, FINAMENTE PERFUMADOS.

Quina Petroleo ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A VENDA EM TODO O BRASIL

— E não lhe disse para que era?
 — Não.
 Ela sorriu:
 — Francamente, não acha que demonstraria uma lamentável falta de tato avisando que era para matá-lo?
 Paulo não pôde deixar de admirar o sangue frio daquela mulher:
 — Diga-me, odiava assim seu marido?
 Ela olhou para ele:
 — Sim!
 — E aproveitou a ocasião...
 — ...para ganhar o dinheiro que necessito.
 — Ele deixou-lhe alguma coisa?
 — Sim. Alguns milhares de dólares.
 — Bem, até amanhã, minha senhora.
 — Até amanhã.
 Ele já ia retirar-se, quando ela tornou a chamá-lo:
 — Ah, não se esqueça do nome!
 — Como?
 — Alice Dillberry. Dillberry com dois ll.

A diretora do Centro Acadêmico levantou os olhos e disse:

— Não.

Paul suspirou:

— E' o que eu temia.

— Temia?

— O caso complica-se!

— Por que?

— Eu tinha uma esperança de que a senhorita tivesse notado um gosto estranho na água.

— Já lhe disse que não.

— Nesse caso, só me resta tentar decifrar o enigma sozinho.

Foi à meia noite que a solução ocorreu a Paul. Ele tinha mandado buscar um uísque com soda, e bebia lentamente o "drink" quando uma das pedras de gelo bateu na parede do copo e ele sentiu

como que a pancada na cabeça. Descobriu!

Reconstituíra a mesma mesa de honra na mesma sala da conferência. Só o sargento, entretanto, assistia à experiência.

— Senhores, disse Paul. Quero reconstituir o crime. Havia cianureto no copo. Mas, às oito e trinta, a srta. Beegley, diretora do Centro Acadêmico, bebeu um gole e nada sofreu. Portanto, o cianureto ainda não estava na água. Por que? Veremos mais adiante. As oito e trinta e cinco o professor bebeu o primeiro gole e, às oito e quarenta e nove — marquei as horas no relógio — ele bebeu o sexto gole. As nove horas ele bebeu o gole fatal. Como agiu o assassino para que o cianureto não matasse durante tanto tempo? O criminoso tinha um álibi. Estava na mesa na hora que, presumivelmente, fora colocado no copo o veneno. Como o colocara ali?

Senhores, eis a solução:

A criminosa — pois é a espêsa da vítima — tomou uma pílula de cianureto de potássio. Em seguida, colocou-a no seu refrigerador, dentro da fôrma de fazer gelo. Encheu depois a fôrma d'água. Enquanto se formava o gelo dissolvía-se a cápsula de cianureto, de modo que, formado o cubo de gelo, ficou preso dentro dele o cianureto. Em seguida, o gelo foi colocado na água e, dissolvendo-se, despreendeu o veneno. Só depois de desprendido, ele podia agir, ficando, assim, com ação retardada. Quem descobriria, na água, depois, vestígios de gelo dissolvido? Ninguém. Um meio hábil, mas houve uma falha. Sabendo qual o criminoso, pudemos descobrir o método. Se ela tivesse mantido um silêncio prudente, muito dificilmente conseguiríamos desmascará-la.

Alice não opôs resistência quando o sargento a prendeu.

MODAS

Nestes dois modelos, ambos muito elegantes e práticos, temos como nota de alta novidade as cinturas tecidas. São ambos executados em jersey por ser uma das fazendas preferidas para as linhas simples e discretas.

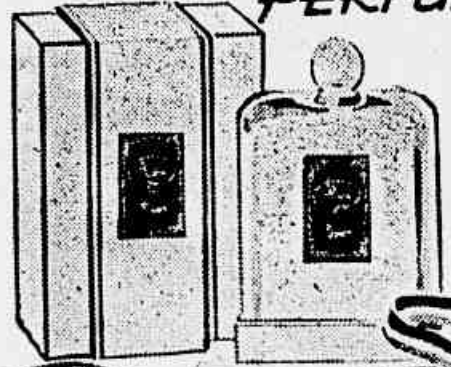
1.º — Em estilo *chemisier* com riscas leves enfeite de fitas.

2.º — Com três tons diferentes em cores pastel.

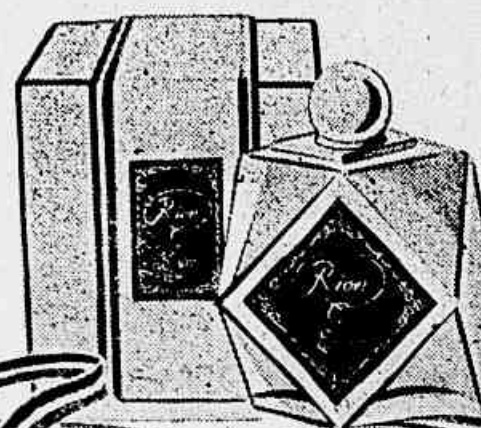
A cintura é feita da seguinte fôrma: Terminado o vestido em duas peças, toma-se uma agulha de crochê comum, e se começa enfiando na beira da blusa ou da saia, fazendo em toda a volta uma cercadura de meio ponto. Tomam-se estes pontos com uma agulha de tricô simples, tece-se então um ponto elastico duplo. (2. p. dir: 2 p. avesso) depois de 10 fileiras, faz-se uma carreira de casas para enfiar a fita, tecer outras 10 fileiras e depois une-se à beira da saia com a da blusa com este entremeio.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

lhou
pinc
falar
En
o p
esta
que
ram
tór
sin
les
Por
tôc
dê
Ev
qu
ve
pr
un
En
pr
co
ce
tô
re



1— Vestido branco em shantung ou linho, enfeitado com pespontos. Cinto e aplicação no bolso em cores vivas.

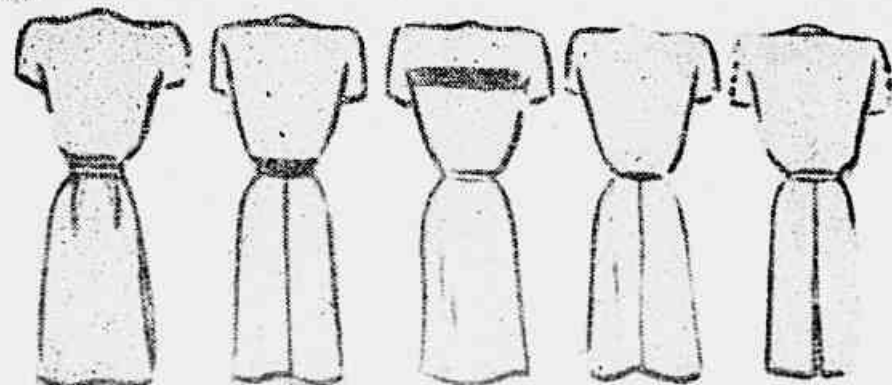
2— Modelo sportivo em algodão, verde-água. Bolsos originais, "plastron" com duas ancoras bordadas e botões do mesmo tecido.

3— Vestido original, azul-marinho e branco; vizes vermelhos acompanham o feitiço da

blusa, prolongando-se até o bolso, onde são aplicadas três estrelas bordadas.

4— Os bolsos e bordados sobre a ranga dão um ar militar a este modelo, sem dúvida bastante interessante.

5— Também este modelo é inspirado em uniformes militares. É um modelo bastante juvenil com grandes bolsos, cinto vermelho e botões de nácar.



Lingerie

43



- 1 — Camisola de crepe mongol branco, com babados do mesmo tecido sobre o decote e à base da saia. Sobre os babados são pois. 2 — Con binação de lingerie branca com viezes de setim. 3 — Camisola de cambráia verde pastel com enfeites de margaridas recortadas, de linho branco. 4 — Elegante combinação de interessante corte. E' em mongol branco, com viezes de setim e bordada com "festonnet" e pois. 5 — Camisola de crepe georgette marfim, com incrustação de renda. 6 — Combinação de seda bordada à mão. 7 — Camisola de rayon azul pálido, com babados plissados e delicado bordado.



PAUL HENREID entrou com o pé direito, em Hollywood, fazendo os protagonistas de "Casablanca" e "A Estranha Passageira". Foi, sucessivamente, o galã de Ingrid Bergman e Bette Davis, o que sobremaneira o consagrou. Em 1945 ele reaparecerá, mas disposto a voltar ao cinema europeu tão depressa o mesmo recupere a vida de outrora. (Foto Warner).

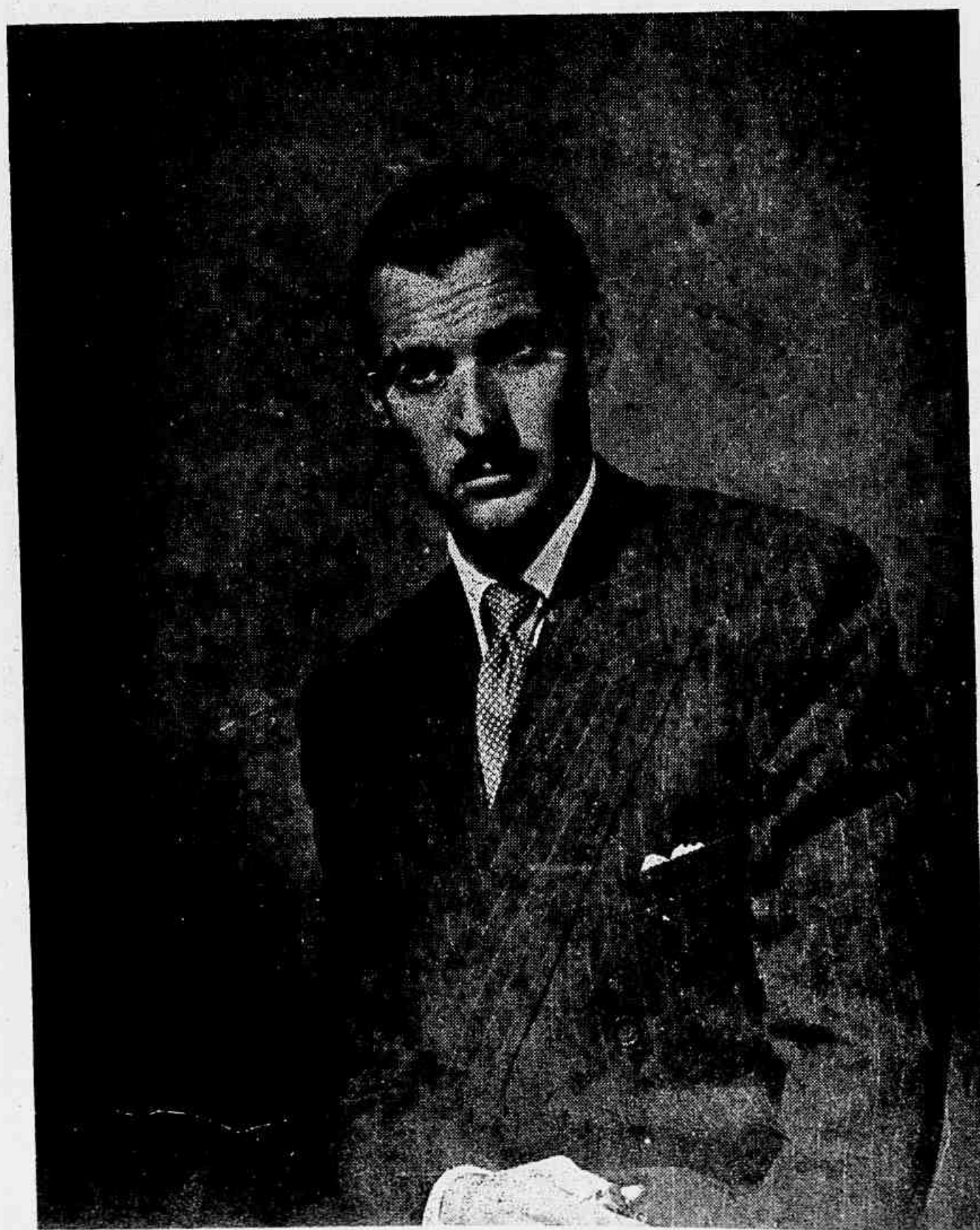


BARRY FITZGERALD, eleito pela crítica norte-americana um dos melhores intérpretes da temporada de 1944, mercê do seu trabalho em "O Bom Pastor", da Paramount. E' um velho ator, cuja carreira foi pontilhada de relativos sucessos, mas valorizado agora, com essa proclamada "performance". Na foto acima faz lembrar outro veterano artista, Harry Carey, que foi o primeiro indicado para o papel.

HOMENS DA TELA

ROBERT ALDA foi escolhido pela Warner para viver na tela, o papel de George Gershwin, o grande compositor norte-americano e autor da famosa "Rhapsody in Blue". Trata-se de um "novo", cuja grande "chance" lhe será dada neste momento, tendo sido escolhido entre dezenas de outros candidatos ao papel. O filme será produzido dentro de dois meses.

ZACHERY SCOTT, também pertencente à "novíssima geração" que o cinema americano está preparando, tem muito do tipo latino. Ele fará papéis de sul-americanos, e não devemos surpreender-nos se o seu nome, hoje inteiramente desconhecido para o grande público, vier a tornar-se, breve, um dos intérpretes estandardizados de heróis brasileiros... (Foto Warner).





COLEGIO INDEPENDENCIA — REALIZOU-SE NO DIA 17 DE DEZEMBRO ÚLTIMO A SOLENIDADE DA ENTREGA DE PRÊMIOS E DIPLOMAS DE PROMOÇÃO AOS ALUNOS DO CURSO PRIMÁRIO DO COLEGIO INDEPENDENCIA. AS FOTOGRAFIAS FIXAM DOIS ASPECTOS DESTA FESTA, VENDO-SE PARTE DA NUMEROSA ASSISTÊNCIA E UM FLAGRANTE TOMADO QUANDO A ALUNA DO PRIMEIRO ANO LUCY ALMEIDA MEIRELLES RECEBIA O PRÊMIO CONQUISTADO, DAS MÃOS DA PROFESSORA DIVA MENDES DA COSTA.

O homem que vendeu o credor

Continuação da pag. 19

numa herança que estava para receber. Confesso que, a princípio, não dei muito crédito a essa história. Tomei-a como uma mentira para levar a sério um novo empréstimo ou para atenuar a impaciência de algum credor. Mas ele tanto falou nela que eu acabei a coisa como verdadeira. Cheguei mesmo a felicitá-lo e ainda estou a vê-lo, muito elegante e alegre, em pleno largo de São Francisco, a soprar-me aos ouvidos: "São alguns centos de contos de réis, Pinto! E' dinheiro que não acaba mais..."

O velho Pinto Gomes falava devagar, os olhos perdidos a um canto da sala.

— Nessa época, prosseguiu, vivia em S. Paulo um negro fôrro, um tal Antenor Bernardes, que, de tanto economizar e de tanto trabalhar, gozava da fama de ser um homem rico. E o era de fato. Conhecia-o pessoalmente. Era um preto enorme, muito simpático, relativamente instruído, mas terrivelmente ambicioso. Diziam que era um usurário impenitente, mas quanto a isso não posso afirmar nada. Sei apenas que era muito ligado ao pessoal do Centro Abolicionista local, e que, por mais de uma vez, abriu a sua carteira

para custear os "meetings" em favor da libertação dos escravos. O Duarte Silveira costumava, nos últimos tempos, fazer ponto no Centro e creio que foi lá que ele conheceu esse negro, pois desde então eu os vi juntos em toda parte. E até em companhia da Rosita...

Sorriu para a sua lembrança, retomando a narrativa com maior expressão:

— Dotado de um grande poder de persuasão, o nosso Duarte Silveira narrou com mais coloridos a história da sua herança próxima ao tal Antenor, que este acabou lhe concedendo um vultoso empréstimo. A coisa foi feita em grande estilo — no tabelião, com muitas estampilhas e várias testemunhas. Falou-se que, para conseguir o seu objetivo, o Duarte arranhou uma carta falsa de um juiz não sei de que comarca, fixando data para a entrega da herança. E' possível que assim tenha sido. Eu não ponho a minha mão no fogo... O que sei de positivo é que depois desse empréstimo, ele passou a ostentar um padrão de vida elevadíssimo. Montou palacete para a Rosita, encomendou roupas na Europa, comprou carros e pares de alto prego, distribuiu presentes como quem distribui cartões de visita, promoveu festas memoráveis. Um príncipe!

Eu estava perplexa. Jamais teria sido capaz de supor que aquele bom velho de olhar tranquilo, modestamente trajado, que eu me havia habituado a ver tomar o seu bonde todas as manhãs, tivesse tido uma crônica tão agitada.

— Afinal, continuou o Pinto Gomes, chegou o momento do descer do pano sobre essa mistificação. Sim, porque não havia herança nenhuma... Mas, sob o pretexto de ultimar os papéis para recebê-la, o Duarte Silveira começou a ir a Santos. Inexplicavelmente, porém, ele fazia questão de arrastar o tal negro consigo. E lá se iam os três — sim, porque a Rosita também ia junto — rumo à terra de Braz Cubas, onde em geral se demoravam vários dias. Só muitos anos depois é que vim a saber o porquê dessas viagens misteriosas, em companhia do preto. E' que, habilmente, Duarte Silveira o fazia passar por seu escravo aos olhos de um comerciante, com o qual vinha entabulando a venda do mesmo.

— Não é possível! exclamei, atônita.
— E' o que estou lhe contando. E a

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante". Experimente-o.

coisa marchou tão bem que um dia a transação se fez na cara do pobre negro, sem que este percebesse patavinha.

— Oh! fiz eu, escandalizada.

— Não estou exagerando uma linha, mulher! Ouvi a história da boca do próprio Duarte Silveira. Ele me confessou que, antes, jamais pensou em fazer isso. A idéia surgiu-lhe por acaso certa manhã quando, no Triângulo, o tal comerciante a quem vinha de ser apresentado lhe perguntou se o negro era seu escravo. Como há muito sofria as maiores torturas imaginando como escapar daquele labirinto de dívidas em que se metera por causa da Rosita, a pergunta do cidadão fê-lo aderir com entusiasmo à idéia de vender o credor. E, calmamente, respondeu que sim, que o Antenor era seu escravo e que estava louco para se descartar dele. "Eu vi, disse-me ele, como os olhos do sujeito brilharam de cobiça ante a minha resposta. E não era para menos, pois o negro, de fato, era para tentar — forte, simpático, falando bem, com maneiras distintas. Expliquei-lhe então que se tratava de escravo de categoria, muito acima das minhas posses de estudante, mas que me afeiçoara de tal maneira a ele que por nada deste mundo seria capaz de vendê-lo de corpo presente. Só em segredo, e desaparecendo a seguir. O

homem se mostrou interessado e, de oferta em oferta, chegou a me acenar com seis contos de réis. Foi então que combinei com ele que venderia o Antenor, se me promettesse guardar o mais rigoroso sigilo, conservando a transação em segredo até eu abandonar o Estado. Disse-lhe que iria para o Rio e que, nas semanas próximas à minha partida, iria de quando em quando a Santos, para habituar o negro a essas viagens e não fazê-lo desconfiar de nada. E contei então que o Antenor vivia cheirando no ar essas coisas e que se soubesse de algo eu estaria perdido, pois o meu coração não seria capaz de resistir às suas lamúrias... Na realidade o que eu queria era fugir para a Europa e localizar um paquete que zarpassse de Santos diretamente para Lisboa...

O velho Pinto Gomes levantara-se e, balançando a bengala, concluiu:

— Assim se fez. No dia da partida do navio o Duarte Silveira deixou a Rosita e o Antenor no hotel e, passando pelo escritório do comerciante, recebeu o dinheiro ajustado, deixando-lhe um documento pelo qual lhe vendia o seu "escravo"...

E ajitando na cabeça o chapéu de Chile:

— Não sei como se passou a cena no hotel entre a Rosita, o negro e o seu novo "senhor". Disse-me o Duarte Silveira que quando retornou da Europa, dois anos depois, não teve mais notícias dos três e que, muito em silêncio, foi cuidar da sua vida.

E já na porta, batendo com a ponteira da bengala no chão:

— Bem, pessoal: vou indo. Quero ver se ainda pego o enterro. O tempo parece que firmou. Até amanhã...

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traídores inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 S. Paulo



DÔRES NOS PÉS, PERNAS E CALCANHARES?

Pés cansados e doloridos; dores nos pés e nas pernas, semelhantes a reumatismo; calosidades, ou calcanhares sensíveis — estes são os sinais de debilidade ou caída dos arcos.



IA-S-32

Os Suportes de Arco DR. SCHOLL e exercícios apropriados aliviam as dores, eliminando sua causa — a distensão dos músculos e nervos — e fazem os arcos caídos retornarem à posição normal. Anatomicamente ajustados nas Lojas Dr. Scholl.

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO • RUA AROUCHE, 71 - S. PAULO

SUPORTES DE ARCO
REMÉDIOS
CALÇADOS



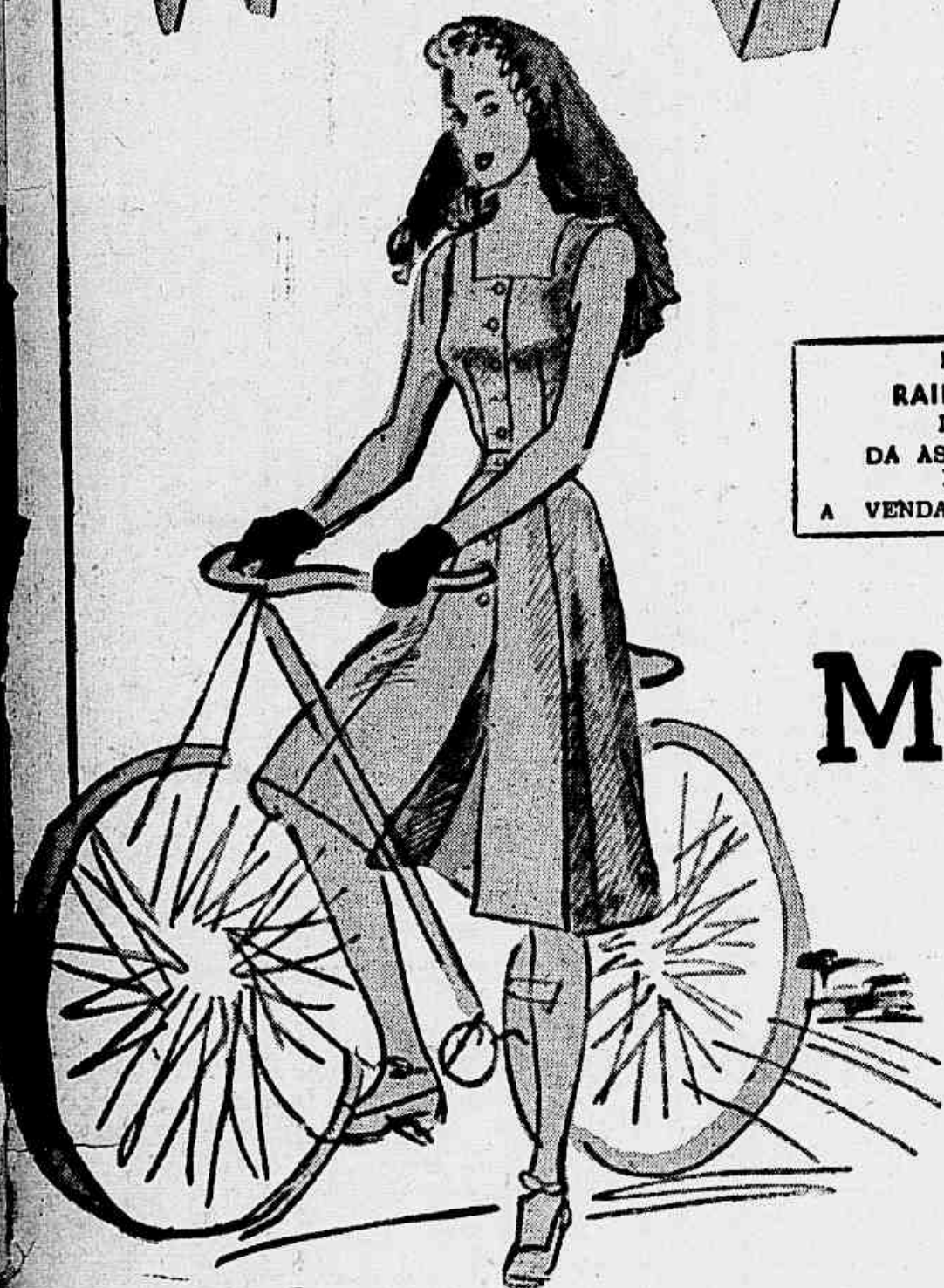
Numeros atrasados
desta revista no
Pará
PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Trav. Campos Sales, 85 - Belém

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRICA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRICO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRICA S. S. WHITE

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

MODELOS

1 — Duas peças, simples e *chic* em tecido xadrez. 2 — Vestido listado com gola estreita e estreitos punhos, em *piqué* branco. 3 — Calça de corte moderno e blusa sportiva de estampado vivo. 4 — Vestido listado, tendo a gola e punhos, bem como a tira da frente, em sentido horizontal. 5 — Proprio para andar de bicicleta é esse traje em *shantung beige*. 6 — Em algodão escossez é feito esse modelo de grande simplicidade.

*iencarelli*ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA



UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA

ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

FABRICANTES DE UTILIDADES...

(Continuação da pág. 17)

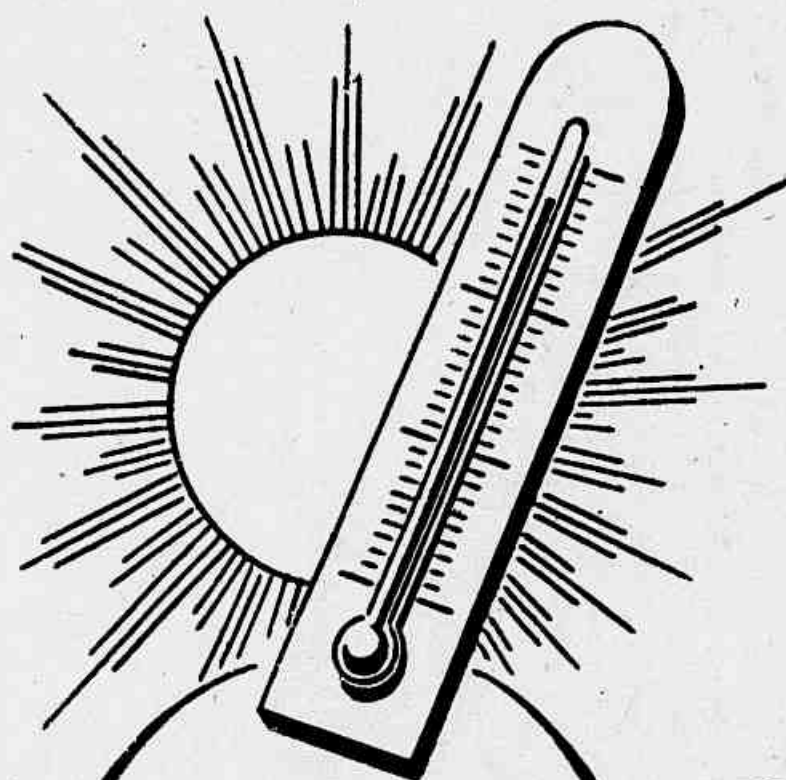
cardápio, que já está vencendo, e *minuta*? Para quê *pick-nick*, que uns escrevem *pic-nic* e outros *pique-nique*, si temos *convescote*, *brasilista*, mais eufônico e expressivo, já tão usado, principalmente pelos *fluministas*? (*Fluminista* é a denominação que mais convém ao natural da cidade do Rio de Janeiro. Formou-se *ad instar* de *paulista*, *sulista*, *nortista*, *burnista*, etc., assim como *fluminense* — o natural do Estado do Rio — se formou à imitação de *cearense*, *maranhense*, *riograndense*...

7 — Qual a utilidade de se desbrasilizar o idioma, adotando formas ilógicas, antigramaticas, antinacionais, como a "insigne inutilidade", que, segundo *Mário José de Almeida*, é a pseudortografia *FUTEBOL*? Onde a razão daquele extravagante *E* copulativo, sem precedentes na língua, sem apoio na pronúncia *brasilista*? Em que se apoia a cacografia *FUT-E-BOL*, que, lem-

brando a antiga forma "*D-E-SPARATE*", tem induzido tanta gente a pronunciar, não normalmente *FU-TI-BOL*, mas, disparatadamente, *FU-TE-BOL*? Por ventura só têm utilidade os neologismos que, desbrasilizando ou barbarizando o idioma do Brasil, visam reduzi-lo à miseranda condição do dialecto indo-português, onde repartição é *ôfis* (ingl. *office*), fósforos? — *matchs*, mulher — *jufrau*, onde mestre-escola é *escola-mestre* (inglês *school-master*) *gazeta*, à imitação de *News-paper*, é *Novas-papela*?... Que papel, afinal, querem que represente o idioma do Brasil? O de macaqueador do indo-Português?! Sejamos *brasilistas*! Não balipodizemos o idioma do Brasil?

(N. B.: A justificação da expressão *IDIOMA DO BRASIL*, que é certíssima, fizemo-la em seis artigos publicados no vespertino *A NOITE* (publicaremos muitos outros) e a de *BRASILISTA*, na dupla acepção de — *NATURAL DO BRASIL* e *PATRIOTICA DO BRASIL* — o *DIARIO DE NOTICIAS*. edições de 12-XI, 26-XI, 3-XII e 10-XII-44). Muito ainda escreveremos. Tudo pelo *BRASIL BRASILISTA*!)

ALCIDES CARLOS D'ARCANCHY



Para os dias de calor,

Regina



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico-nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



Senhoras!

Se a

Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flach, 153-Rio. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 128
RECIFE

Modernismos



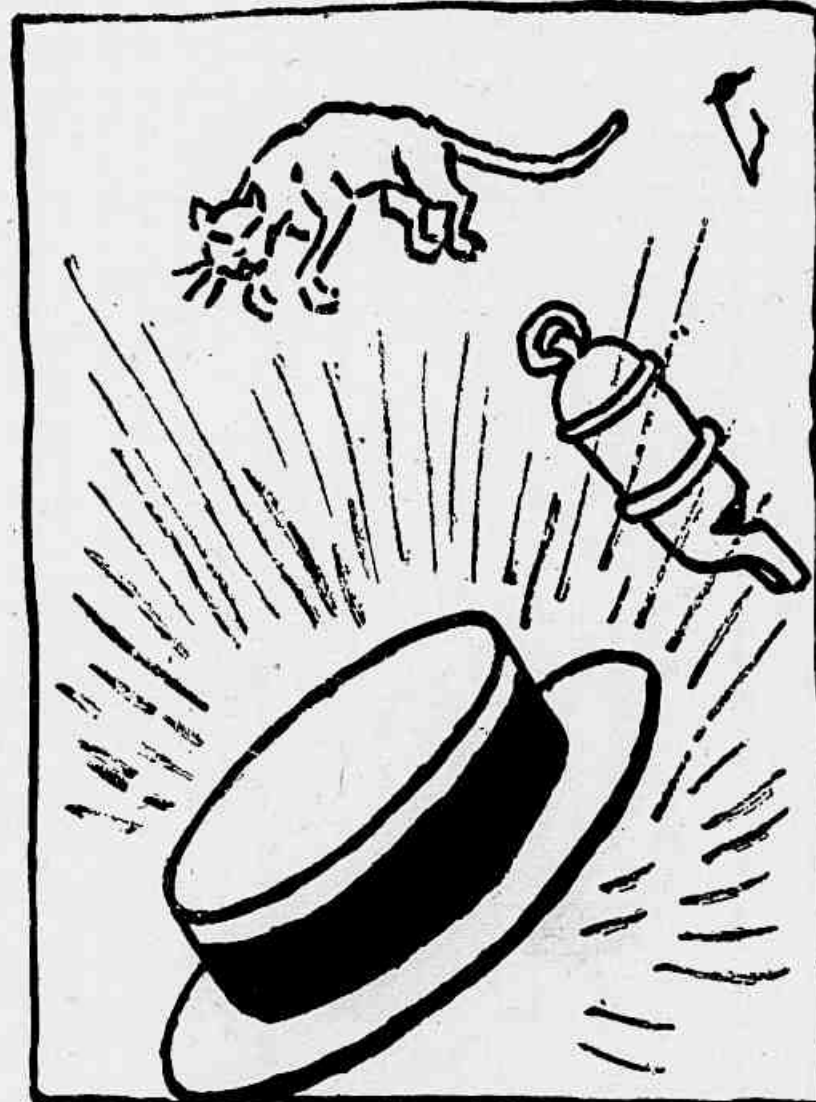
Na desenhos



Na pintura



Na escultura



Na música



Na literatura



-Que boas entradas!

ALAIN — Sei.

PICOT — Cordas, tem?

ALAIN — Cordas, não... mas tenho ainda em meu quarto um rolo de fios elétricos.

PICOT — Serve (passos).

SCHULTZ — Então... o corcunda que aquêle toupeira do Zimmerman me apresentou...

PICOT — Achou, Alain?

ALAIN (distante) — Aqui estão...

SCHULTZ — Cometem uma loucura... ato de desesperados... nada podem fazer contra mim... dois homens contra um exército de ocupação...

PICOT — Interessa no momento o chefe da Gestapo em Benoet... o resto irá depois com o tempo... (passos que se aproximam).

ALAIN — Os fios, visconde...

SCHULTZ — Oh!... Um nobre... o nojento corcunda... um nobre... Viscondel.

PICOT — Cale-se, Schultz... estenda as mãos... mais... Passa firmemente nas mãos desse homem...

Técnica: música seis segundos.

PICOT — Bem amarradas?

ALAIN — Firmes, visconde de Richepin...

PICOT — Empunhe a Mauser... lembre-se que estamos numa situação desesperadora... A nossa vida neste momento é a coisa que menos importa no rol das coisas. O primeiro que oferecer resistência... atire... atire sempre...

ALAIN — Sem a menor hesitação...

PICOT — São dois os agentes que estão do lado de fora... Há fios para eles, não?

ALAIN — Ainda sobram...

PICOT — Coloque-se junto à porta... (passos que se afastam).

Técnica: música impressionante em back-ground.

PICOT — Herr Schultz... Ordene aos homens que entrem!

SCHULTZ — Não farei isso!

PICOT — Morrerá como um cão.

SCHULTZ — E serão fuzilados se fizerem tamanha loucura.

PICOT — Ordene aos seus homens que entrem, Herman Schultz!

SCHULTZ — Não! (ruído de gatilho de revólver).

PICOT — A bala está na agulha... Vai morrer!

SCHULTZ (apavorado) — Não puxe o gatilho... eu obedecerei!

PICOT — Ordenel!

SCHULTZ — Entrem... Fritz e Schwartz... Entrem...

PICOT — Abra a porta, Alain... (girar de maçaneta, passos).

VOZES — Oh!... Mein gott!

PICOT — Um movimento quatro tiros!

ALAIN — Mãos para cima os dois! Um movimento e receberão um tiro na espinha.

PICOT — Amarre os dois, Alain!

ALAIN — Primeiro você aí... Mãos para a frente...

Técnica: música 5 segundos.

ALAIN — Você agora.

Técnica: música 5 segundos.

PICOT — Pano para amordaçá-los, Alain...

ALAIN — Um pouco difícil...

PICOT — Apanhe o lençol de sua cama... (passos) Três tiras bem largas...

Contra-regra: rasgar panos.

ALAIN — Boa largura?

PICOT — Ótima. Mais duas tiras... (ruído) Primeiro Schultz...

ALAIN — Levante-se, Herman Schultz...

Técnica: música 5 segundos.

PICOT — Está bem... vire a cara para o meu lado... (pausa) Está bem amordaçado... O outro, agora...

ALAIN — Você... vamos... levante-se...

Técnica: música 5 segundos.

PICOT — Deixe ficar... este eu cuidarei dele...

Contra-regra: sons inarticulados 5 segundos.

ALAIN — E agora?

PICOT — Afaste o armário... e abra a porta secreta que dá para o subterrâneo... Ficarão lá... (sons inarticulados; arrastar de armário) Pronto?

ALAIN — Pronto.

PICOT — Vamos... desça, Schultz... (sons inarticulados) Desça... (passos) Vocês dois... um atrás do outro... muito cuidado na escada...

INTERLÚDIO

DENISE — Não posso compreender, Leslie, a série de acontecimentos que têm ocorrido de uns dias para cá...

LESLIE — Saberá mais tarde, querida... (passos, batidas na porta) Espera, Denise... (passos) — E' teu pai, pode abrir...

Contra-regra: passos que se aproximam; girar de maçaneta.

DENISE — Então, meu pai?

KERGUEVEN — Foi-nos concedido, querida. Partiremos amanhã...

DENISE — Para Brest?

LESLIE — Sim... e lá aguardarão por mim... Fizemos alguma objeção, meu general?

KERGUEVEN — Nenhuma... concederam-me permissão para sair com minha filha de Benoet... Aqui está o salvo-conduto...

LESLIE — E a alegação?

KERGUEVEN — A que foi combinada ontem, Leslie...

LESLIE — Tratamento médico?

KERGUEVEN — Exatamente.

DENISE — Pai! Temo por meu irmão. Receio que ele vai cometer uma loucura.

KERGUEVEN — Quer que o levemos conosco?

LESLIE — Não seria possível isso... De mais a mais poderia despertar suspeitas do chefe da Gestapo.

DENISE — E a carta que ele deixou com o senhor, meu pai... que contém ela?

KERGUEVEN — Só amanhã poderei abri-la... e em Brest...

DENISE — E por que não agora?

KERGUEVEN — Porque empenhei a minha palavra que só a abrirei nessa data.

DENISE — E se ele... ele... alimenta a idéia... (emocionada) Oh! Tenho medo que meu irmão...

KERGUEVEN — Suicídio?

DENISE — Oh! Meu pai!... e diz uma coisa tremenda como essa com tanta frieza...

KERGUEVEN — Não creio que um desertor como teu irmão seja capaz de tal atitude... Geralmente os covardes...

DENISE — Oh! Pelo amor de Deus, meu pai! Ainda é teu filho!

LESLIE — Suplico-lhes... não julguem tão precipitadamente...

DENISE — Leslie... eu sinto que sabes algo sobre Alain... tenho o estranho pressentimento que sabes... tenho-o estranhado esses últimos dias... Não é mais aquêle espírito agitado!... Mesmo ameaçado de morte pela mulher... ele mantém uma serenidade fria... uma serenidade que chega às raias do fatalismo... Vi Alain esta manhã... trazia nos lábios um sorriso contente... um sorriso gelado...

LESLIE — Estás impressionada, Denise... não te preocupes por ele...

KERGUEVEN — Aconteça o que acontecer... Que Deus se compadeça do meu filho!

LESLIE — Oh!... meu general!... Chegou, enfim, ao final a minha missão... A hora da ação vai soar... Não posso crer nos meus ouvidos!... Fonte segura, senhor meu sogro?

KERGUEVEN — Absolutamente segura... Foi o oficial de ordenança do chefe do estado maior que me anunciou.

LESLIE — Então, meu general, não tenho um minuto a perder... Reunamos o nosso pequeno conselho de guerra. Segundo as informações que me deram em Londres, sabe-se que os dois cruzadores ficarão ancorados apenas 24 horas. Devemos, pois, aproveitar a sua imobilização para pô-los fora de combate.

KERGUEVEN — Qual o teu plano, Leslie?

LESLIE — Correremos perigo, meu general...

KERGUEVEN — Não importa o perigo... qual é esse plano?

LESLIE — O plano é esse...

INTERLÚDIO

LESLIE — Esta informação, senhor meu sogro, é de alta importância para o serviço secreto inglês.

KERGUEVEN — Disse você há pouco que terminava ao receber essa notícia a sua missão?

LESLIE — Sim, ela é o ponto final, realmente, de minha missão, pois o serviço secreto inglês esperava pela chegada dessas duas belonaves ao porto de Brest...

KERGUEVEN — Naturalmente vai participar ainda hoje a informação que acaba de obter?

LESLIE — Sim. Pelo meu rádio portátil ultra-curtas (transição). Que foi, querida Denise?

DENISE — E vai acontecer aquilo que você me disse?

LESLIE — Sim, meu anjo, os alemães muito provavelmente interceptarão essa transmissão clandestina, e determinarão o local onde foi irradiado, mas tomarei providências para que nada aconteça.

DENISE — Perdão, meu amor, o meu recelo não é por mim... Você...

KERGUEVEN — E o rádio portátil, onde se encontra, Leslie?

LESLIE — Em uma clareira da floresta de Guenant.

KERGUEVEN — E qual a providência a que se referiu há pouco?

LESLIE — Colocá-los a todos fora do alcance da Gestapo.

KERGUEVEN — E o plano? Você ainda não disse.

LESLIE — Logo que ancorarem no porto de Brest os cruzadores Augsburg e Breslau, a R. A. F. cuidará do resto.

KERGUEVEN — Oh, como isso me faz bem ao coração... Deixe-me abraçá-lo, Leslie... isto representa também uma vitória de minha pátria.

LESLIE — Amanhã deveremos estar todos prontos para sair de Benoet... Ganharemos, incógnitos, a aldeia de Saint Maxime, e alcançaremos a zona não ocupada.

DENISE — Leslie, isso perturbará em parte a tua missão?

LESLIE — Por que, Denise?

DENISE — Sim... Se os cuidados que tomas pela nossa segurança contribuírem para dificultar a tua missão, meu pai e eu arrastaremos todos os perigos sem a mínima hesitação, não é verdade, meu pai?

KERGUEVEN — Não há a menor dúvida sobre tal coisa... Afrontaremos serenamente a Gestapo...

DENISE — E sabem que o sucessor de Zimmerman é cem vezes pior e mais cruel do que o seu antecessor?

LESLIE — A grande especialidade... O talento, pode-se mesmo dizer, de Heindrich...

KERGUEVEN — Escolher o que há de perverso na Alemanha, e vestir-lhe a pele de agente da Gestapo.

DENISE — E Zimmerman?

LESLIE — No mínimo, umas férias... De quando em vez, o chefe lembra-se que os seus subordinados merecem um descanso...

DENISE — E aquela alma danada... aquele demônio, contou-me Ives... aquele demônio chorou.

LESLIE — Demônio? De quem está falando, querida?

DENISE — Picot!... Alain não permitiu... mas naquela noite... Oh! Meu Deus!... Eu faria...

LESLIE — Farias? O que, Denise?

DENISE — Estava armada... daquela noite, ia procurá-lo... matava-o...

CÓRO — Oh!...

KERGUEVEN — Denise!

LESLIE — Denise... chegaste a pensar em tal coisa, minha querida?

DENISE — Sim... sim... ia matá-lo... não foi Alain... eu não obedeceria a Alain... Mas não sei por que mudei de idéia... não sei... mas tinha acordado naquele dia com o firme propósito de matar esse homem... esse perverso que trai a sua pátria... denuncia os seus compatriotas...

LESLIE — Oh!... Denise... fizeste bem... e não deves tornar a pensar em tal coisa.

DENISE — Tu também, Leslie... também te tomas de piedade por esse homem infame!

KERGUEVEN — Não, Denise... Picot... deve morrer... mas tu, não farás isso... antes de ti, existem outros... Eu... Deus me perdoe de já ter pensado nisso. Esse homem não pode continuar a viver a sua infame vida de delator.

DENISE — Não podemos ir daqui sem que ele receba o castigo que merece, Leslie.

LESLIE — Peço-lhes... nenhum de vocês manchará a mão no sangue desse homem.

DENISE — Um benefício para a França... Sabes o que fez ele, ontem?... Deu uma batida com o novo chefe da Gestapo em Benoet... Ives odeia-o também... O novo chefe... esse Schultz, está encantado com Picot... Bebem juntos... Não posso compreender a afinidade simpática que surge entre o corcunda... esse miserável Picot... e os agentes dessa maldita polícia secreta alemã...

LESLIE — Odeia Picot, Denise?

DENISE — E creio que ele o assassinará... Ives tem se contido por um milagre... mas as advertências de meu irmão Alain um dia não influirão mais na vontade de Ives...

LESLIE — Ives anda armado, Denise?

DENISE — Traz sempre entre a pele e a camisa um punhal... e esse punhal se destina a Picot, Leslie...

LESLIE — Onde está Ives?

DENISE — Onde vais, Leslie?

LESLIE — Preciso falar com Ives, Denise.

DENISE — Tu também? Por que se interessam tanto pela vida desse monstro, tão prejudicial como esses bárbaros que invadiram nossa pátria e destroçaram nossos lares e fuzilam a nossa gente?

KERGUEVEN — Sim... Por que essa preocupação sua, capitão Leslie Westbury?

LESLIE — Não devem matar Picot.

KERGUEVEN — Como?

DENISE — Por que?

LESLIE — Não devem... a morte desse homem... (pausa).

KERGUEVEN — Termine... a morte desse traidor...

LESLIE (pausa) — Traria... traria grandes embarços ao serviço secreto... E' tudo... nada mais posso revelar-lhes...

DENISE — Apenas isso, Leslie?

LESLIE — Sim... Preciso falar a Ives... sei, sei também o ódio que esse velho nutre pelo corcunda... mas não deve matá-lo... De forma alguma... vou procurar Ives... ele está na horta?

KERGUEVEN — Está...

LESLIE — Cuidado ao se encontrar comigo, Denise... Schultz esta manhã colocou dois homens vigiando-me a distância e disfarçadamente.

DENISE — Sim... tomarei todo cuidado...

LESLIE — Até logo!

KERGUEVEN — Até logo, Leslie... (passos que se afastam).

INTERLÚDIO

Contra-regra: passos cinco segundos: bater de saltos.

GUARDA — Herr Doutor Schultz!...
SCHULTZ (sêco) — Aproxima-te!

Contra-regra: passos quatro segundos e bater de saltos.

SCHULTZ — Como foi que disseste quando entraste?
GUARDA (hesitante) — Herr Doutor Schultz...
SCHULTZ — Procura o teu sargento... apresenta-te a êle logo que saíres daqui e dize-lhe que ordenei que te desse oito dias de prisão... ouviste, cara de morcêgo?

GUARDA — Yal...

SCHULTZ — És um estúpido, sabes disso?

GUARDA — Yal...

SCHULTZ — Um imbecil!

GUARDA — Yal...

SCHULTZ — E depois que comeres êsses oito dias de cadeia saberás daí em diante, quando chegares à minha presença, assim me chamarás: Herr Doutor Herman Adolph Schultz!... Diga meu nome por inteiro.

GUARDA — Vossa excelência se chama Herr Doutor Herman Adolph Schultz.

SCHULTZ — Está bem... agiste com jeito... gostei do "excelência"... Relaxa a tua prisão... Que queres?

GUARDA — Picot deseja falar a vossa excelência herr doctorr Herman Adolph Schultz.

SCHULTZ — Mande-o entrar...

Contra-regra: batidas de salto: passos que se afastam.

PICOT (distante) — Oh! Herr doctor Herman Adolph Schultz!

SCHULTZ — Ora viva o grande colaboracionista! Entra Picot, entra.

Contra-regra: passos cambaleantes que se aproximam.

PICOT — Eu vim incomodá-lo?

SCHULTZ — Não, Picot. Não, ao contrário: estou precisando falar muito com você, veio em boa hora.

PICOT — Herr doutor, eu estive na casa do sujeito que o senhor me falou.

SCHULTZ — Descobriu algo?

PICOT — Não. Eu ouvi êle discutir com o vizinho. Ele dizia que o nosso grande fuehrer... (saudando) Heil Hitler!

SCHULTZ (explosivo) — Heil Hitler! (transição) Que disse êle do nosso grande fuehrer?

PICOT — Ele disse, excelência Herman Adolph Schultz, que Deus tinha mandado Adolf Hitler para conduzir a humanidade... Heil Hitler!

SCHULTZ — Heil Hitler! (transição) Escuta, Picot: que é que você pensa do filho do general Kergueven?

PICOT — O senhor Alain?

SCHULTZ — Sim, que pensa dêsse rapaz?

PICOT — Homem inteligente... amigo da nova ordem.

SCHULTZ — Você é notável, Picot! Sabe que é um bom observador?

PICOT — Obrigado, herr Herman Adolph Schultz.

SCHULTZ — Conversei com êle. Uma palestra brilhante. (insinuante) Que linda mulher tem êle, hein?

PICOT (gargalhada cínica) — Ah... ah... ah... loura bonita, não é doctorr?

SCHULTZ — Malandrão! Com essa corcunda não deixa de botar os olhos em cima da loura.

PICOT — Oh! bom gosto não tem corcunda.

SCHULTZ — Picot, você sabe que eu me simpatizo com você. Vou contar-lhe uma coisa.

PICOT — Ela está tirando um fiapo com o doutor, não?

SCHULTZ — Você reparou isso?

PICOT — Picot tem olhos p'ra ver e ouvido p'ra escutar.

SCHULTZ — Por que diz isso, Picot?

PICOT — Ela está interessada no doctorr Herman Adolph Schultz... (ri).

SCHULTZ — Você é uma pérola, Picot... uma pérola... Bem, vamos dar uma pequena volta pela aldeia...

PICOT — Sim, doctorr... vamos...

INTERLÚDIO

LESLIE — Foi bom teres vindo, meu cunhado.

ALAIN — Por que? Algo de grave?

LESLIE — Por enquanto, não... mas muito breve estará para acontecer...

ALAIN — E eu vim falar-te porque tenho de minha parte uma importante revelação a fazer-te. E' preciso que amanhã, sem falta, Denise, meu pai e tu não estejam mais em Benoet.

LESLIE — Amanhã?

ALAIN — Sim... amanhã... quinta-feira...

LESLIE — Por que trazes-me êsse aviso, meu cunhado?

ALAIN — Não é possível revelar-te por enquanto...

Saberás mais tarde...

LESLIE — Alain!... Que pretendes fazer?... O teu estranho tom de voz deixa transparecer algo de terrível... algo que tem de ódio... algo que diz a aproximação de uma desgraça!

ALAIN — Nada... nada, Leslie de Westbury... tudo que se possa fazer em benefício da nossa infeliz pátria, torturada pelos miseráveis invasores, jamais poderá ser qualificada de desgraça! Fui um desertor... envergonhei o nome de uma família que por várias gerações lutou e derramou seu sangue pela França que covardemente abandonou... Meu pai detesta-me!

LESLIE — Oh!... Alain... mas hoje és um outro homem... Tiveste um momento de fraqueza... mas reagiste a tempo... teu pai... compreenderá tudo isso...

ALAIN — Não... meu pai jamais me perdoará... não importa... não foi para isso que vim a teu barracão... Até amanhã Denise e meu pai não deverão estar mais em Benoet.

LESLIE — Mais uma vez, Allan de Kergueven, pergunto-te por que motivo aconselhas ausência de minha esposa e de meu sogro?

ALAIN — Nada mais posso dizer por enquanto. E' verdade, meu pai contou-te da breve chegada de dois cruzadores ao porto de Brest?

LESLIE — Sim... já tenho essa informação.

ALAIN — Bem... chegam esta noite... acabo de saber isso pelo capitão Wehringer.

LESLIE — Hoje?

ALAIN — Sim... e amanhã à tarde toda a oficialidade dêsses dois cruzadores será homenageada pelo estado maior do general Lehmbach...

LESLIE — Chegam esta noite?

ALAIN — Esta noite... naturalmente tens contigo um emissor portátil, não?

LESLIE — Tenho.

ALAIN — Transmitirás portanto ainda hoje essa notícia, não?

LESLIE — Hoje à noite... Recelo apenas uma coisa...

ALAIN — As sentinelas... e que vás encontrar dificuldade para alcançar a floresta de Guenant, não é isso?

LESLIE — Sim... como sabes disso?

ALAIN — Raciocinei... imaginei muito antes para fugir ao sagrado dever... que era a defesa de minha pátria... Agora penso em tudo que se possa relacionar à sua libertação e ao castigo que se deve aplicar aos boches. Mas não é preciso mais ir à floresta de Guenant.

LESLIE — Não é preciso? Como?

ALAIN — Picot... o divino Picot, já transmitiu todas as informações ao bureau central do Intelligence Service!

LESLIE — O visconde de Richepin... já... já...

ALAIN — Sim... e pediu-me que te participasse essa feliz iniciativa de sua parte.

LESLIE — Cliente. Quer dizer que amanhã a R. A. F. se encarregará do resto?

ALAIN — Espero que tudo saia maravilhosamente bem...

LESLIE — Alain... Mais uma vez... sinto uma pro-

tunda amargura em cada traço de tua fisionomia. Meu cunhado... posso auxiliar-te em alguma coisa?

ALAIN — Numa coisa, apenas... Levar quanto antes meu pai e minha irmã da aldeia de Bencet... amanhã todos os três deverão estar longe das garras da Gestapo.

LESLIE — Apenas isso?

ALAIN — Nada mais... E um abraço teul...

Técnica: música impressionante.

ALAIN — Se não tornarem a ver-me, espero que trabalharás, Leslie, para que minha memória não continue merecendo de meu pai o desprezo que ainda me tem...

LESLIE — Sua memória... Não vais... não vais...

ALAIN — Suicidar-me? Oh!... Não posso dispor de minha vida... ela é preciosa agora mais do que nunca... Ela não me pertence... A França necessita da vida e da energia de todos os seus filhos... Adeus, Leslie... E felicidade para vocês!...

Contra-regra: passos que se afastam.

LESLIE — Alain de Kergueven!... Um momentol...

ALAIN — Fala, Leslie...

LESLIE — Queres que traga teu pai, aqui?

ALAIN — Não é preciso... faze-lhe esta manhã... Adeus!...

LESLIE — Adeus, Alain de Kergueven...

INTERLÚDIO

IVES — Alguma coisa o preocupa, sr. Alain?

ALAIN — Não. Por que perguntas isso?... Já é a terceira vez que me perguntas a mesma coisa, Ives...

IVES — Acho meu senhor muito abstraido.

ALAIN — Não estou me sentindo bem...

IVES — Doi-lhe o ferimento do joelho?

ALAIN — Um pouco... mas isso passa...

Contra-regra: passos e bater numa porta.

PICOT (distante) — Senhor Alain... senhor Alain...

IVES — E' esse maldito corcunda...

ALAIN — Vamos! Não te exaltes...

IVES — Oh!... senhor Alain... se não fôsse o senhor...

ALAIN — Não permito que faças nada a esse aleijado... abre a porta...

Contra-regra: passos e girar de maçaneta.

PICOT — Oh!... Você, velho!

IVES — Entra numa vez!

PICOT — Não entrol... O senhor Alain está?

ALAIN — Entra, Picot... estou aqui... entra...

PICOT — Oh!...

Contra-regra: passos cambaleantes.

PICOT — Mande esse velho sair daqui... eu não gosto dessa maneira de me olhar...

ALAIN — Podes ir, Ives...

IVES — Desculpe-me, senhor... mas vou cuspir... (cuspidor) E' hábito meu, depois que conheci essa alma danada!

PICOT — Você ainda vai se arrepender, velho...

ALAIN — Podes ir, Ives...

IVES — Perdão, senhor...

Contra-regra: passos que se afastam.

PICOT — Fecha a porta, velho...

Contra-regra: bater violento da porta.

ALAIN — Deixa-me passar a chave na porta...

Contra-regra: girar de uma chave na fechadura.

PICOT — Não...

ALAIN — Por que?

PICOT (voz perfeita, baixinho) — Eles... podem desconfiar... trancados por dentro... deixe a porta aberta.

ALAIN — Tudo pronto, visconde de Richepin?

PICOT — Sim. Foi à pedreira?

ALAIN — Tudo em ordem, visconde de Richepin.

PICOT — Picot apenas, Alain de Kergueven... continue me chamando Picot.

ALAIN — Os fios, Picot?

PICOT — Já estão na adega. Arranjou aquilo?

ALAIN — Uma caixa com quatro quilos.

PICOT — Ótimo.

ALAIN — Eles vêm amanhã?

PICOT — À tarde.

ALAIN — Já informei a Leslie.

PICOT — Ele sairá quando?

ALAIN — Provavelmente amanhã... logo após a chegada dos tripulantes dos cruzadores Augsburg e Breslau.

PICOT — Bem. E você, Alain de Kergueven, decidiu-se?

ALAIN — Sem a menor hesitação.

PICOT — Bem. Acaba de resgatar a tremenda dívida que tinha com a nossa pátria, Alain de Kergueven... Só falta então a instalação.

ALAIN — Hoje à noite eu farei.

PICOT — Quer que eu venha aqui para ajudá-lo?

ALAIN — Não é preciso.

Contra-regra: abrir violento de porta.

SCHULTZ (distante) — Continuem!... Continuem!...

Ao idiota do Zimmerman você poderia ter embrulhado como embrulhou, seu finório...

ALAIN — Oh!... Perdidos!

SCHULTZ — Peguem os todos... Então... a boca torta... a corcunda... e que voz bonita... Mas não era a Herman Adolph Schultz!

PICOT — Mãos para cima, Schultz e herr doctor... Herman Hitler Adolph... Mãos para cima!

SCHULTZ — Ouvirão o tirol

PICOT — Pouco interessa no momento!... Mãos para cima... Mais esticados os braços. A porta, Alain... feche a porta e passe a chave!

Contra-regra: ruído de chave correndo na fechadura.

SCHULTZ — Os meus agentes virão procurar-me dentro de cinco minutos... perdem o seu tempo...

Contra-regra: passos distantes e vozes bem distantes.

SCHULTZ — Aí estão eles...

ALAIN — Sim... no corredor...

Técnica: bater na porta.

VOZ — Herr doctor Herman Adolph Schultz!

PICOT — Nem uma palavra, senão morrei!

Contra-regra: pancadas na porta e vozes chamando.

VOZ — Herr Schultz!... Herr doctor...

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas na porta.

VOZ (distante) — Herr doctor Schultz!... Herr doctor Schultz!

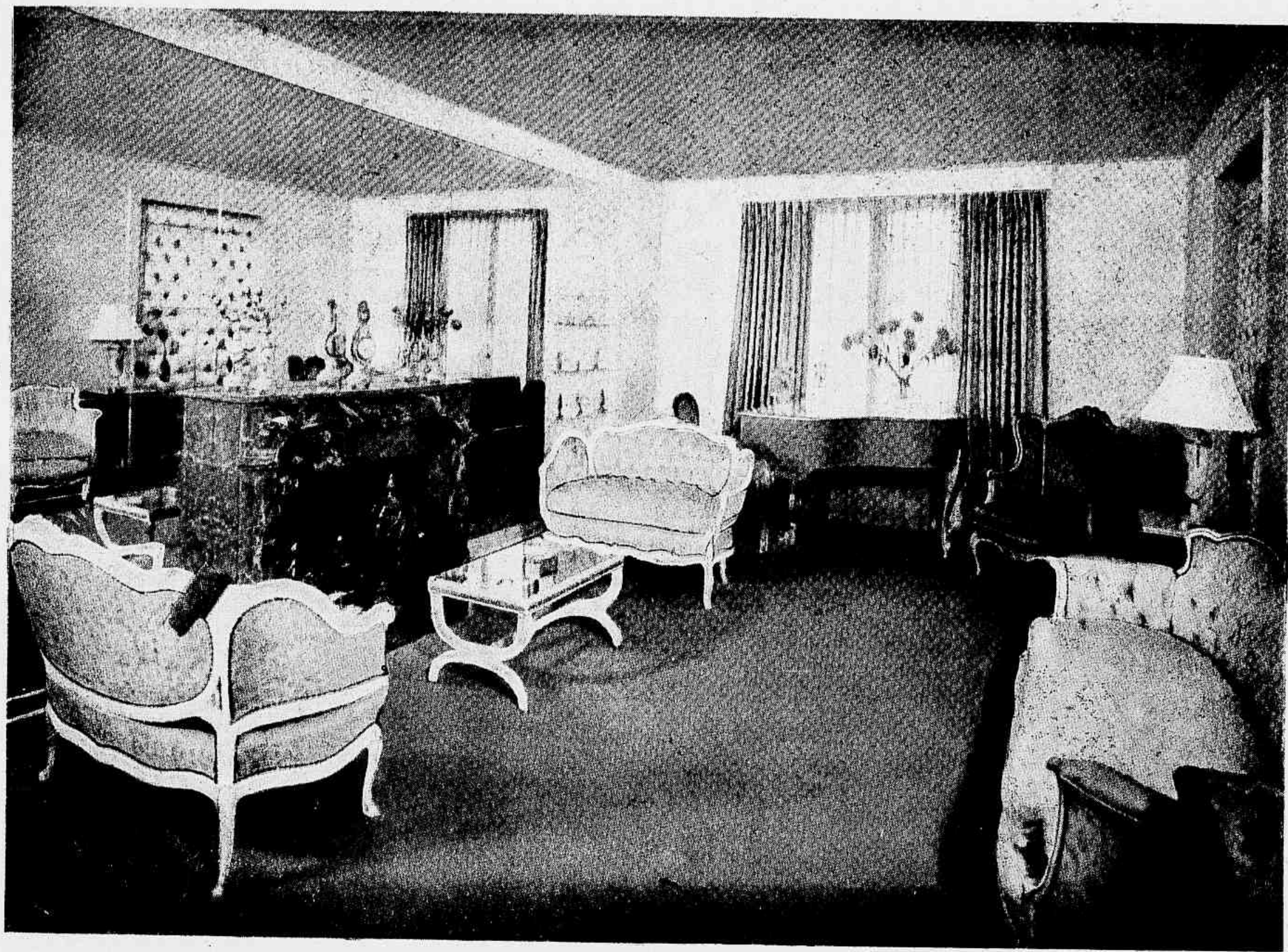
PICOT (voz perfeita) — Ordene que esperem... estou com o dedo no gatilho.

SCHULTZ (gritando) — Esperem aí fora!... (pancadas na porta cessam).

PICOT — Tire a Mauser da cintura desse homem. Alain de Kergueven.

ALAIN — Vire-se, Schultz...

PICOT — Sabe maneja-la, Alain?



QUARTO COR DE ROSA

Eis aqui um belo quarto de *toilette* decorado todo em côr de rosa, o que lhe dá um aspecto alegre e favorece o efeito das linhas curvas de seus móveis.

Os móveis são todos laqueados em *bois de rose*, com exceção da grande mesa posta ao fundo, sôbre as quais estão colocados os objetos de toucador.

Em frente a esta uma pequena mesa de cristal com pés também laqueados em rosa.

Os *abat-jours* também com guarnições côr de rosa.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SÓMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

